

ISABELLA CRISTINA DE SOUZA

**ORLA MARÍTIMA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ: lugares  
urbanos e práticas sociais ao longo da segunda metade do  
século XX**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SOUZA, Isabella Cristina de

Orla marítima de Balneário Camboriú : lugares urbanos e práticas sociais ao longo da segunda metade do século XX / Isabella Cristina de SOUZA ; orientador, Luiz Eduardo Fontoura Teixeira - Florianópolis, SC, 2016.  
175 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Inclui referências

1. Arquitetura. 2. Balneário Camboriú. 3. Orla marítima. 4. Práticas sociais. 5. Lugares Urbanos. I. Fontoura Teixeira, Luiz Eduardo . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. III. Título.

Isabella Cristina de Souza

**ORLA MARÍTIMA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ: Lugares urbanos e práticas sociais ao longo da segunda metade do século XX**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.  
Florianópolis, 17 de outubro de 2016.

---

Prof. Dr. Almir Francisco Reis  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira  
Orientador – Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Letícia Borges Nedel  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Alcía Norma González de Castells  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Ayrton Portilho Bueno  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes  
Universidade Federal de Santa Catarina

À Monique,  
a primeira balneocamboriuense da família.



## AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram desse trabalho. Para estas pessoas, meus mais sinceros e calorosos agradecimentos:

Pai, mãe, Mi, Monique, Rodrigo e Allan, obrigada por, simplesmente, tudo. Vocês são demais. Que sorte tê-los como família.

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, pela inestimável orientação, dedicação e paciência ao longo desses últimos dois anos (e meio).

Muito obrigada, Victor Elias, por todo o companheirismo e pelos ótimos momentos compartilhados.

Pelos anos de amizade e inúmeras vivências em Balneário Camboriú, muito obrigada Alessandra Zonta, Caetano Gasperin, Victor Faccio, Ana Carolina Carneiro e Rogê Metz.

Aos queridos amigos e amigas da História, que deixaram os dias em Floripa mais divertidos e menos solitários: obrigada Suellen Lemonje, Mariana Carmona (e Luiza), Beatriz Mendes, Gustavo Pontes, Evelyn Carvalho, Camila Bergamin, Letícia Gondim, Eliziane Gava, Bruna Michels e Tales Kamigouchi.

Aos queridos colegas da Arquitetura, que tive o prazer de conhecer e de compartilhar a sala de aula: muito obrigada Caetano Medeiros, Guido Kaestner, Catalina Vasquez, Vivian Ecker, Carla Willie, Patrícia Dalmina e Lucas Reitz. Também agradeço a sempre prestativa secretária Adriana Vieira.

Agradeço à Profa. Dra. Andréa Ferreira Delgado, pela grande e atenciosa ajuda no processo de elaboração do projeto desta pesquisa.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, pelo ótimo atendimento. Em especial, à Gisele Castro Schramm e Richard Lopes Correia. Também agradeço a Elisangela Linhares, por me receber em seu local de trabalho e ceder um pouco de seu tempo.

Aos professores e professoras membros da banca: muito obrigada Profa. Dra. Letícia Nedel, Profa. Dra. Alícia Castells, Prof. Dr. Gilberto Yunnes e Prof. Dr. Ayrton Bueno, por avaliarem este trabalho e enriquecê-lo com suas análises.

Gratidão, Vida, por tanta gente boa no caminho!

## RESUMO

Desde a chegada dos primeiros veranistas, na década de 1920, a orla marítima da cidade de Balneário Camboriú tem sofrido modificações vertiginosas. Pensando nisso, esta dissertação analisa a maneira como a orla marítima de Balneário Camboriú foi espacialmente ocupada e apropriada durante a segunda metade do século XX, ao investigar lugares urbanos e práticas sociais efetivadas neste local ao longo do tempo. Considerando o recorte temporal delimitado por esta pesquisa, foi possível identificar três momentos da trajetória da orla marítima dessa cidade. Em cada um destes períodos, observamos este local enquanto um *lugar praticado*, identificando as diferentes configurações de lugares urbanos, relações sociais e vivências. Para tanto, fez-se uso das mais diversas fontes históricas, como fotografias, entrevistas, legislação municipal e periódicos. Num primeiro momento, que compreende a década de 1950, uma infraestrutura turística já se esboçava na então Praia de Camboriú, o que pode ser notado pela publicação do primeiro guia turístico local. Contudo, a Praia é recordada pelas suas singelas casas de madeira, as tortuosas ruas de barro, a dependência com as cidades vizinhas e o comércio realizado através de carroças. Uma nova realidade começou a se configurar a partir de 1964 em Balneário Camboriú. Um suposto “progresso” tomou conta dos discursos sobre a cidade, seja nos periódicos, nas entrevistas ou na legislação municipal. A partir de então, a orla marítima passou por um processo de intensas transformações que foram marcadas, especialmente, pelo início da verticalização. A construção de edifícios cada vez mais altos na orla seguiu intensa até os anos 2000, quando diversas edificações começaram a se instalar nas margens do Rio Camboriú, um significativo local para a história da cidade. Construções públicas e privadas localizadas nas margens desse Rio apontam não apenas para momentos do passado da cidade, mas também para intenções e transformações que podem acontecer, e já estão ocorrendo, em Balneário Camboriú.

Palavras-chave: Balneário Camboriú; orla marítima; práticas sociais; lugares urbanos; memória.

## ABSTRACT

Since the first vacationers arrived, in the 1920's, the seafront of Balneário Camboriú city has suffered huge changes. In this sense, this dissertation analyzes how the seafront of Balneário Camboriú has been spatially occupied and appropriated during the second half of the twentieth century, and investigates urban places and social practices performed at this location over time. Considering the chronological cut defined by this research, it was possible to identify three moments of the trajectory of this city' seafront. In each of these periods, we analyzed this local as a *practiced place* by identifying different configurations of urban places, social relations and experiences. Therefore, it had made use of various historical sources, such as photographs, interviews, municipal legislation and journals. At first, in the 1950's, a tourist infrastructure had already outlined in the then Praia de Camboriú, which can be noted by the publication of its first local tour guide. However, the Beach is remembered for its simple wooden houses, clay streets, dependence with neighboring cities and trade conducted by carts. A new reality began to set up from 1964 in Balneário Camboriú. A supposed "progress" took over the speeches about the city, either in journals, in interviews or in the municipal legislation. Since then, the seafront has undergone a process of profound transformations that have been marked, especially, at the beginning of verticalization. The construction of increasingly tall buildings on the seafront followed intense until the 2000's, when several buildings began to settle on the riverside of the Rio Camboriú, a significant place to the history of the city. Public and private buildings installed on the border of this river point not only for moments of the past of this city, but also for intentions and transformations that may occur, and are already taking place, in Balneário Camboriú.

Keywords: Balneário Camboriú; seafront; social practices; urban places; memory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização de Balneário Camboriú no estado de Santa Catarina.....	P. 13
Figura 2: Delimitação do município de Balneário Camboriú e da área de estudo.....	P. 14
Figura 3: Delimitação da área de estudo.....	P. 15
Figura 4: Capa do <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 37
Figura 5: Os <i>footings</i> , <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 40
Figura 6: O número de residências na Praia de Camboriú, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 41
Figura 7: Residências, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 42
Figura 8: Residências, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 42
Figura 9: Localização Hotel Fischer, na Barra Sul; e Hotel Marambaia, na Barra Norte.....	P. 46
Figura 10: Hotel Fischer, década de 1970.....	P. 46
Figura 11: Hotel Marambaia, 1968.....	P. 47
Figura 12: Hotel Marambaia, 2016.....	P. 47
Figura 13: Aerofotografia da Praia de Camboriú, 1957.....	P. 50
Figura 14: Vista aérea da Praia de Camboriú, 1958.....	P. 51
Figura 15: Mapa da Praia de Camboriú, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 52
Figura 16: A Rua do Baturité, atual Avenida Central, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 53
Figura 17: Mapa da Praia de Camboriú, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 55
Figura 18: A pesca, <i>Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952</i> .....	P. 61
Figura 19: Arrasto na Praia Central, final da década de 1960.....	P. 66
Figura 20: Localização da Igreja da Confissão Luterana, Rua 2300.....	P. 69
Figura 21: Igreja da Confissão Luterana, 1961.....	P. 70
Figura 22: Igreja da Confissão Luterana, com Edifício Tour Chapelle “em suas costas”, 2014.....	P. 72
Figura 23: Edifício Tour Chapelle.....	P. 72
Figura 24: Folder de divulgação do Edifício Tour Chapelle.....	P. 73

Figura 25: Praça Higino Pio, Balneário Camboriú, 2016.....	P. 75
Figura 26: Localização da Praça Higino Pio.....	P. 76
Figura 27: Busto de Higino Pio – monumento anônimo, 2014.....	P. 79
Figura 28: Anúncio sobre limpeza da cidade.....	P. 85
Figura 29: Zonas do Plano de Urbanização de 1970.....	P. 88
Figura 30: Crianças em desfile de 7 de setembro, década de 1970.....	P. 94
Figura 31: Anúncio Edifício Guarani, 1970.....	P. 95
Figura 32: Anúncio Edifício Alsácia Lorena, 1974.....	P. 96
Figura 33: Anúncio Edifício Aquarius, 1975.....	P. 97
Figura 34: Anúncio Edifício Morada do Sol, 1975.....	P. 97
Figura 35: Anúncio Edifício Imperador, 1975.....	P. 98
Figura 36: Vista geral área central da orla de Balneário Camboriú, 1976.....	P. 100
Figura 37: Edifício Eliane, década de 1960.....	P. 101
Figura 38: Edifício Eliane, 2014.....	P. 102
Figura 39: Localização do Edifício Eliane e vista parcial das lagoas na área central.....	P. 103
Figura 40: <i>Quem te viu, quem te vê</i> , 1970.....	P. 107
Figura 41: Cartão-postal de Balneário Camboriú, década de 1980.....	P. 109
Figura 42: Centro de Balneário Camboriú, visto da Rua 904, final da década de 1970 e início da 80.....	P. 112
Figura 43: Localização da Barra Sul e do Bairro da Barra.....	P. 114
Figura 44: Delimitação da área de estudo no terceiro item no capítulo 2.....	P. 114
Figura 45: Localização do conjunto Igreja Santo Amaro, Praça do Pescador e Casarão Linhares.....	P. 116
Figura 46: Localização Igreja Santo Amaro, Praça Pescador e Casarão Linhares, no Bairro da Barra.....	P. 116
Figura 47: Igreja Santo Amaro, 2010.....	P. 117
Figura 48: Casarão Linhares, 2010.....	P. 117
Figura 49: Praça do Pescador, 2010.....	P. 118
Figura 50: Mapa do Município de Camboriú, 1938. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.....	P. 120
Figura 51: Mapa do Município de Camboriú, 1938.....	P. 121
Figura 52: Arraial do Bom Sucesso, Bairro da Barra, década de 1950.....	P. 122
Figura 53: A BR-101 em Balneário Camboriú.....	P. 124
Figura 54: Família Wachs na margem do Rio Camboriú, década de 1950.....	P. 125
Figura 55: Família na Igreja Santo Amaro, década de 1960.....	P. 126

Figura 56: Vista a partir da Igreja Santo Amaro, 2016.....	P. 127
Figura 57: projeção da orla marítima de Balneário Camboriú com o Residencial One Tower.....	P. 130
Figura 58: Sombreamento da faixa de areia em Balneário Camboriú, 2015. Fonte: ClicRBS.....	P. 132
Figura 59: Exemplo de rua estreita em Balneário Camboriú, Rua 2700.....	P. 133
Figura 60: Edifício Baturité e Edifício Ibiza, respectivamente, 2014.....	P. 134
Figura 61: Tapume do Edifício Baturité LoungeHouse, 2014.....	P. 135
Figura 62: Localização da Marina Tedesco.....	P. 136
Figura 63: Localização da Marina Tedesco.....	P. 137
Figura 64: Muros da Marina Tedesco, Av. Beira Rio, 2016.....	P. 137
Figura 65: Igreja Santo Amaro a partir da Barra Sul, 2016.....	P. 138
Figura 66: Localização do Trapiche dos pescadores.....	P. 139
Figura 67: Trapiche dos pescadores, 2016.....	P. 139
Figura 68: Vista do Trapiche dos Pescadores, na Barra, para Marina Tedesco, na Barra Sul, 2016.....	P. 140
Figura 69: Passarela do Rio Camboriú, 2015.....	P. 142
Figura 70: Passarela do Rio Camboriú, 2016.....	P. 142
Figura 71: A passarela do Rio Camboriú na Praça do Pescador, 2016.....	P. 143
Figura 72: Anúncio Empresa Auto Viação Catarinense, 1935.....	P. 149

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	P. 09
<b>I. As questões e os caminhos: construindo o objeto de pesquisa</b> .....	P. 16
<b>II. Orla marítima de Balneário Camboriú: o espaço em três momentos</b> .....	P. 36
<b>II.I. A Praia de Camboriú: lugares e práticas no tempo <i>em que não havia nada</i></b> .....	P. 36
<b>II.II. A Praia emancipada: Balneário Camboriú, a cidade do futuro</b> .....	P. 75
<b>II.III. A Praia dos arranha-céus: no curso do Rio Camboriú, o percurso da cidade</b> .....	P. 113
<b>Considerações Finais</b> .....	P. 149
<b>Referências</b> .....	P. 155
<b>Anexos</b> .....	P. 166





## INTRODUÇÃO

### I.

Sobre a extensa faixa curva e clara, está a de Camboriú, que oferece perfeita segurança aos banhistas; já há ali edifícios para refúgio dos banhistas. Está menos provida de conforto, havendo, porém, um bom hotel para comodidade dos que procuram, no silêncio praieiro, calma para seus nervos exaustos, em constante funcionamento.<sup>1</sup>

### II.

Na alta temporada, aproximadamente 1,5 milhão de turistas procuram o município – dos quais, pelos menos 100 mil vêm de outros países. Moderna e cosmopolita, a cidade tem atrações que garantem diversão 24 horas também na baixa temporada e recebe visitantes o ano inteiro. (...) Na Avenida Atlântica, totalmente urbanizada, há diversas lojas, restaurantes, quiosques, bares, sorveterias e confeitarias.<sup>2</sup>

As duas citações acima dizem respeito ao mesmo local: a Praia Central de Balneário Camboriú, cidade localizada no litoral norte catarinense. Algumas décadas separam estes anúncios. O primeiro, do Jornal *Folha Acadêmica*, é de 1930; enquanto o segundo é dos anos 2000, do guia turístico denominado *Costa Verde e Mar*, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina. No segundo anúncio, “moderna e cosmopolita” são os adjetivos utilizados para construir uma imagem de “cidade grande”, através da variedade do comércio, da vida noturna agitada e, principalmente, da orla urbanizada. Diversas fotos da orla de Balneário Camboriú – a Avenida Atlântica – foram anexadas, contrastando a imensidade do mar, com a altura dos edifícios. As atrações que esta orla urbanizada oferece, de acordo com o guia, são inúmeras. Algumas décadas antes, contudo, as atrações diferiam das atuais. Como podemos observar na primeira citação, nos anos 1930,

---

<sup>1</sup> As praias de Santa Catarina. **Folha Acadêmica**. Florianópolis, julho de 1930, p. 2.

<sup>2</sup> Balneário Camboriú. **Guia Turístico Costa Verde e Mar**. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Editora Letras Brasileira, s/d, p. 16.

já havia, na então Praia de Camboriú, um hotel, oferecendo uma modesta estrutura para seus visitantes. Contudo, ia-se a esta Praia não à procura de atrações intermináveis, mas, sim, em busca de calma e de silêncio.

A diferença que podemos observar entre os anúncios acima parece estar relacionada com aquilo que Alain Corbin demonstra em *O Território do Vazio*: a prática da vilegiatura marítima possui historicidade, e o modo de apreciar o mar, assim como as motivações de ir à praia, se transformam de acordo com as épocas. De acordo com o historiador, a história do desejo de estar à beira-mar e a invenção do veraneio começam, na Europa, no século XVIII, com a organização litorânea de balneários, marinas e belvederes<sup>3</sup>. Em Balneário Camboriú, foi a partir da década de 1920 que chegaram seus primeiros visitantes, vindos especialmente das cidades do Vale do Itajaí<sup>4</sup>, com o intuito de desfrutar a praia. Desde então, a Praia Central de Balneário Camboriú tem sofrido profundas e rápidas transformações. O que ocorreu no espaço desta cidade entre o período que compreende os dois anúncios citados acima?

Pensando nisso, esta dissertação analisa a maneira como a orla marítima de Balneário Camboriú foi espacialmente ocupada e apropriada durante a segunda metade do século XX, investigando lugares urbanos e práticas sociais efetuadas neste local ao longo do tempo.

Se observarmos a definição da palavra *apropriar*, veremos que significa “tornar próprio, ou conveniente; adaptar, adequar; apoderar-se, apossar-se de alguma coisa como própria”<sup>5</sup>. São estes os sentidos que utilizamos neste trabalho. Ao investigar o processo de ocupação da orla marítima de Balneário Camboriú, analisamos as maneiras como os sujeitos relacionam-se, vivenciam e recordam os lugares urbanos que ali se instalaram ao longo do tempo, tornando-os parte de seu cotidiano e de sua própria identidade.

De acordo com Roger Chartier, podemos entender *apropriação* enquanto uma operação que transforma, altera, rearranja, ressignifica os bens culturais em circulação. Para o historiador, “a noção de apropriação torna possível avaliar diferenças na partilha cultural, na invenção criativa

---

<sup>3</sup> CORBIN, Alain. **O Território do Vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>4</sup> Vale do Itajaí é uma das seis mesorregiões do estado de Santa Catarina. É formada pela união de 54 municípios, agrupados em quatro microrregiões. Estas microrregiões são: Blumenau, Itajaí, Ituporanga e Rio do Sul. Disponível em: <[www.brasilchannel.com.br](http://www.brasilchannel.com.br)> Acessado dia 26 de agosto de 2016.

<sup>5</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2010.

que se encontra no amago do processo de apropriação”<sup>6</sup>. Dessa forma, o conceito de apropriação considera que os bens culturais são usados de maneira diferentes, por meio de resistências, ressignificações e arranjos. Apesar dos estudos desse historiador focar a história do livro e da leitura, especialmente no período da Idade Moderna, utilizamos sua definição para analisar o espaço urbano, observando as diversas práticas de apropriação no espaço citadino.

Dessa forma, a orla marítima de Balneário Camboriú foi observada enquanto um *lugar*, de acordo com a definição de Michel de Certeau, mas também enquanto um *espaço*, ou um *lugar praticado*. Para este autor, um *lugar* é uma ordem, segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência; é, portanto, “uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade”<sup>7</sup>. É possível entender o *lugar* como uma rua, uma praça – quando planejada e construída –, como a malha viária de uma cidade. Ou seja, seria a configuração espacial das coisas, o que impossibilita, por exemplo, duas coisas ocuparem o mesmo lugar.

O *espaço*, por sua vez, seria, de acordo com Certeau, o *lugar praticado*, ou seja, como os sujeitos transformam o *lugar* a partir das suas apropriações e vivências. Um movimento ou um caminhar sempre condiciona a produção de um *espaço*, e o associa a uma história. Assim, para este autor, “a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”<sup>8</sup>. Dessa forma, o ato de andar na cidade, aparentemente corriqueiro e desprovido de significados, além dos seus objetivos mais aparentes, como passear ou ir a determinado local, está imbuído de pequenos ritos, fantasias, e insere-se numa rede simbólica. A experiência do movimento do corpo no espaço articula outros tempos e resgata memórias. Certeau chama atenção para o fato de que todo relato é um relato de viagem, pois é uma prática do espaço, e tem relação com as táticas cotidianas<sup>9</sup>. Estas narrativas sobre os espaços

---

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. VI. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 232 – 233.

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 201.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 202.

<sup>9</sup> *Tática* é um conceito chave no debate de Michel de Certeau, juntamente com o conceito de *estratégia*. As *estratégias* correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, dessa forma, “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”. As *táticas*, por sua vez, são ações desviacionistas, que geram efeitos

produzem uma geografia de ações e organizam caminhadas<sup>10</sup>. Cria um campo que autoriza práticas sociais:

De uma geografia preestabelecida, que se estende (se a gente se limita apenas a casa) desde os quartinhos, tão pequenos “que não se pode fazer nada neles” até o legendário celeiro, desaparecido, “que serve para tudo”, os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura do espaço.<sup>11</sup>

Os relatos, ainda segundo este filósofo, atravessam e organizam os lugares, mas também os selecionam e os reúnem num só conjunto. É neste sentido que os relatos de lugares são também bricolagens: são feitos de resíduos ou detritos do mundo; são construídos a partir de elementos heterogêneos<sup>12</sup>.

Podemos nos arriscar em dizer que de maneira semelhante foi realizada esta pesquisa: diferentes elementos heterogêneos foram selecionados e organizados para construir a dissertação. Estes elementos foram as diversas fontes históricas<sup>13</sup> analisadas, tais como fotografias, entrevistas, legislação municipal e periódicos. A maneira como essas fontes foram utilizadas, e de que forma elas se relacionam com as questões da pesquisa, foi debatido no Capítulo I, intitulado “As questões e os caminhos: construindo o objeto de pesquisa”. Neste capítulo, também esclareço o recorte cronológico deste trabalho, que abarca a segunda

---

imprevisíveis. Se as *estratégias* visam produzir, mapear e impor, as *táticas* originam diferentes maneiras de fazer. Resultam das astúcias dos consumidores e de suas capacidades inventivas, possibilitando aos atores escaparem às empresas de controle e tomarem parte no jogo em questão. Elas habitam o cotidiano da cultura ordinária, instância onde são desenvolvidas as práticas e as apropriações culturais dos considerados “não produtores”. In: *Ibidem*, p. 46.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 207.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>13</sup> Vale esclarecer que as fontes históricas são o material que os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. Atualmente o conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, entendendo-as como vestígios de diversas naturezas deixados por sociedades do passado. Entretanto, o pesquisador deve dominar métodos de interpretação, entendendo que as fontes devem ser criticadas e historicizadas. In: PINKSY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

metade do século XX. Por se tratar de um período demasiado abrangente, foram pontuados três marcos temporais para análise, que enfocam os anos de 1952, 1964 e 2006. Esses marcos temporais não são arbitrários, mas representam importantes pontos de inflexão na trajetória da cidade.

No Capítulo II, por sua vez intitulado “Orla marítima de Balneário Camboriú: o espaço em três momentos”, abordo a trajetória da orla marítima de Balneário Camboriú ao longo do tempo. Esta trajetória está dividida em três partes. Cada um desses itens corresponde a um momento diferente da história da cidade, onde seu espaço possuía características singulares. Dessa forma, foi possível identificar, em cada um destes três momentos, como veremos, diversos lugares urbanos, mas também diferentes usos e práticas sociais, efetuados por novos sujeitos que passaram a frequentar a cidade.

Vale esclarecer que o município de Balneário Camboriú possui, ao todo, dez praias: Praia Central, Praia de Laranjeiras, Praia de Taquaras, Praia de Taquarinhas, Praia do Buraco, Praia do Canto, Praia do Pinho, Praia dos Amores, Praia do Estaleirinho e Praia do Estaleiro<sup>14</sup>. Nesta pesquisa, estou apenas me referindo à Praia Central, em especial, a sua orla marítima. Nos mapas a seguir podemos observar a delimitação que compreende a área de estudo deste trabalho, assim como a cidade de Balneário Camboriú em relação aos municípios vizinhos:



**Figura 1: Localização de Balneário Camboriú no estado de Santa Catarina.**  
**Fonte: DANIELSKI, Marcelo (2009, p. 64). CIASC, a partir da Base**

<sup>14</sup><[www.secturbc.com.br](http://www.secturbc.com.br)> Acessado dia 15 de setembro de 2015.

Cartográfica Integrada do Brasil ao Milionésimo Digital – IBGE/DGC/CCAR  
(2003)



Figura 2: Delimitação do município de Balneário Camboriú e da área de estudo. Fonte: GoogleMaps. Adaptações da autora.



**Figura 3: Delimitação da área de estudo. Fonte: GoogleMaps. Adaptações da autora.**

Como podemos observar no mapa anterior, o recorte espacial desta pesquisa compreende a região entre a Avenida Atlântica, Avenida Brasil e Avenida Central. Por fim, é preciso esclarecer, por que delimito o local de análise desta pesquisa à orla marítima? Em primeiro lugar, porque este se constitui no principal ponto de encontro e de sociabilidade da cidade, abrigo das mais variadas relações e práticas sociais. Nesses sete quilômetros de extensão, diferentes experiências individuais e coletivas são efetuadas, o que faz com que este espaço citadino represente um interessante objeto de pesquisa. Além disso, a orla marítima é o local onde houve, e continua ocorrendo, de maneira mais intensa e acelerada o processo de urbanização, em especial, de verticalização, transformando significativamente sua paisagem e as relações sociais ali estabelecidas.

## CAPÍTULO I. AS QUESTÕES E OS CAMINHOS: CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA

Considerado um dos principais destinos turísticos do sul do Brasil – recebendo alcunha de Capital Catarinense do Turismo – Balneário Camboriú tem atraído turistas e veranistas desde as primeiras décadas do século XX. Sua ocupação por descendentes europeus, em especial portugueses, data do início do século XIX, mas, é a partir da década de 1920 que sua orla marítima começou a modificar significativamente. De acordo com Isaque Borba Corrêa, no começo dos anos 20, após os casebres de pescadores que utilizavam o mar como local de trabalho, surgem casas em estilo enxaimel, dos primeiros veranistas da praia, os teuto-brasileiros, da região do Vale do Itajaí. Junto com suas casas, que vão marcando e modificando a paisagem, trouxeram uma novidade para a região, que era o de utilizar o mar e a praia como locais de lazer e descanso<sup>15</sup>. A partir de então, diversas modificações ocorreram nesta Praia, tanto com relação aos seus lugares, quanto às práticas sociais ali efetivadas.

Conforme mencionado, este trabalho investiga a maneira como a orla marítima de Balneário Camboriú foi ocupada e apropriada ao longo da segunda metade do século XX. Para isso, foi necessário analisar um conjunto de documentos históricos, que estão relacionados com as perguntas dessa pesquisa – questões que serão apresentadas e debatidas ao longo deste capítulo.

Este trabalho tem como ponto de partida os anos 1950, porque foi quando ocorreu um significativo aumento urbano e demográfico na então Praia de Camboriú, que, como o nome sugeria, ainda pertencia ao município de Camboriú<sup>16</sup>. Este desenvolvimento ocorreu, em grande medida, devido à melhora das conexões territoriais regionais, como a abertura da estrada de ferro entre Blumenau e Itajaí, e a conclusão da primeira Rodovia Estadual asfaltada (SC-470), também ligando estas duas cidades<sup>17</sup>. Quais são as práticas sociais e os lugares urbanos da Praia

---

<sup>15</sup> CORRÊA, Isaque Borba. **Camboriú e Balneário Camboriú**: história de duas cidades. Balneário Camboriú: Editora do autor, 1985, p. 26 e 27.

<sup>16</sup> Em 1964 ocorre a emancipação política de Balneário Camboriú que, até então, pertencia a Camboriú, município criado em 1884. In: *Ibidem*, p. 20.

<sup>17</sup> FLORES, Heloisa Cristina. **A expansão dos imóveis de alto padrão ao sul e ao norte da orla de Balneário Camboriú**: uma crítica sobre a relação entre o estado e o mercado imobiliário na cidade. Dissertação de mestrado. Programa de



de Camboriú nos anos 1950 que estavam associados à crescente prática do veraneio? Entrevistas com diversos moradores da cidade foram fundamentais para responder não apenas esta pergunta (que faz parte dos objetivos desta pesquisa), como todas as outras que foram propostas por este trabalho, e que serão colocadas e debatidas neste capítulo.

Dessa forma, a História Oral traz uma metodologia pertinente para a presente pesquisa. Trata-se de uma metodologia pela qual se realiza entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história. As entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. A História Oral permite o acesso a “histórias dentro da história”<sup>18</sup>, como sugere Verena Alberti, ampliando as possibilidades de interpretação do passado. No caso desta dissertação, este aspecto foi muito pertinente, pois um dos objetivos levantados por esta pesquisa foi investigar as diversas memórias sobre a orla marítima de Balneário Camboriú.

Podemos entender a História Oral enquanto uma ciência e arte do indivíduo, de acordo com Alessandro Portelli. Ainda que diga respeito a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, tem o objetivo de analisá-los mais profundamente através de conversas com pessoas, sobre suas experiências e memórias individuais<sup>19</sup>:

A História Oral diz respeito a versões do passado, ou seja, a memória. Ainda que esta seja moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais.<sup>20</sup>

Assim como qualquer fonte histórica, as entrevistas precisam ser olhadas criticamente e alguns cuidados teórico-metodológicos devem ser tomados. As entrevistas são discursos carregados de subjetividades: muitas vezes o entrevistado pode selecionar em sua memória apenas o que lhe convém, podendo direcionar o relato de acordo com seus valores,

---

pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, UFSC. Florianópolis, 2015, p. 93.

<sup>18</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155.

<sup>19</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, (15), abr. 1997, p. 15.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 16.

inclinações políticas e ideológicas. A memória é também uma construção do passado, no entanto, é pautada em emoções e vivências. Ela é flexível, e os eventos são lembrados de acordo com as experiências subsequentes e as necessidades do presente. Marieta Ferreira afirma que

essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.<sup>21</sup>

A motivação para narrar consiste em expressar o significado da experiência através dos fatos. Dessa forma, como nos adverte Portelli, recordar e contar já é interpretar. De acordo com este historiador, a subjetividade – que é o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade – constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Assim sendo, “excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados”<sup>22</sup>.

É importante considerar que a História Oral além de contar sobre eventos, também informa diferentes significados. As fontes orais contam não apenas o que diferentes sujeitos fizeram, mas o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram. A memória não deve ser considerada apenas como um depositário passivo de fatos, mas também enquanto um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade das fontes orais para o pesquisador não está tanto em suas habilidades de preservar o passado, quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos

---

<sup>21</sup> FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Revista de História [online], 2002, vol. 1, n. 5, p. 314-332.

<sup>22</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol. 1, n° 2, 1992, p. 60.

narradores em buscar sentido no passado e em suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico<sup>23</sup>.

A História Oral permite estudar como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, e como experimentaram o passado<sup>24</sup>. Dessa forma, a análise das entrevistas realizada nesta pesquisa investigou como que os sujeitos entrevistados se relacionaram com a orla de Balneário Camboriú ao longo do tempo, e de que maneira constroem significados sobre este espaço citadino. A partir destes depoimentos, foi possível identificar diferentes práticas sociais efetivadas na orla de Balneário Camboriú ao longo da história da cidade, mais especificamente, a partir da segunda metade do século XX.

As narrativas sobre a orla de Balneário Camboriú revelam as mudanças de sentidos e de usos dos espaços remanescentes do passado, mas também, por outro lado, práticas que se perpetuam mesmo em lugares já bastante modificados. Halbwachs menciona que “as pedras e os materiais não oferecerão resistência”<sup>25</sup>, mas, os grupos sociais, sim. Ainda que suas construções sejam substituídas por outras, haverá a resistência de seus arranjos antigos:

Ele [um grupo] resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas consequências. Ele procura, e em parte consegue reencontrar, seu antigo equilíbrio nas novas condições. Ele tenta se manter ou se reformar em um bairro ou em uma rua que já não são feitos pra ele, mas estão sobre o lugar que era seu. (...) Eles subsistem em virtude da força adquirida e certamente teriam desaparecido, se não se prendessem teimosamente aos lugares que outrora lhes eram reservados<sup>26</sup>.

Neste espaço de intensas transformações, quais são as práticas sociais que resistem no espaço da orla e quais estão presentes apenas nessa cidade subjetiva e agora invisível, localizada nas memórias dos

---

<sup>23</sup> Idem. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, 14, 1997, p. 31 – 32.

<sup>24</sup> VERENA, Alberti, op. cit, p. 165.

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 163.

<sup>26</sup> Ibidem.

sujeitos? Ainda quanto a essa questão, foi possível identificar quais são os locais evocados mais significativos para a experiência urbana.

As entrevistas utilizadas nesta dissertação foram realizadas entre os anos de 2006 e 2008, pelo Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, como parte do *Projeto Memória*. É fundamental esclarecer alguns aspectos sobre este Projeto, que foi criado por Luiz Carlos Chedid, em maio de 1999. A meu ver, o *Projeto Memória* está dividido em dois momentos distintos.

Num primeiro momento, o *Projeto Memória* consistiu em um levantamento biográfico de 129 pessoas que “ajudaram a compor a cidade de Balneário Camboriú”, segundo documento sobre o Projeto<sup>27</sup>. O levantamento biográfico apurou breves informações, tais como ano de nascimento, cidade de origem, quando chegou na cidade de Balneário Camboriú, qual profissão e atuação município, nome dos pais, filhos e cônjuges.

Este levantamento foi realizado por Chedid que, vindo de Florianópolis, fixou residência em Balneário Camboriú no ano de 1967. Neste mesmo ano foi convidado para trabalhar na Prefeitura do recém criado município, onde teve a função de organizar a Comissão Municipal de Turismo, que mais tarde seria a Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte. Chedid permaneceu enquanto secretário de Turismo até o ano de 1973, retornando nos anos de 1977 a 1983, e novamente entre os anos de 1989 a 1992<sup>28</sup>.

A partir do levantamento biográfico foi produzido um informativo, semelhante a um jornal, com o título *Projeto Memória*, que teve três edições apenas. No informativo não consta o ano de publicação, mas foi possível identificar que ocorreu no início dos anos 2000. Este informativo, de autoria de Chedid, buscava divulgar a história da cidade, a partir de alguns dos personagens que faziam parte do levantamento biográfico. Contou com apoio e financiamento do Arquivo Histórico Municipal, do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e similares de Balneário Camboriú e diversas empresas privadas.

A descrição de quem foram determinados sujeitos ocupa a maior parte do informativo. Estes sujeitos, em sua maioria, atuavam em cargos públicos ou em empresas, como políticos, funcionários públicos, empresários da construção civil e comerciantes. Haja vista que a maioria

---

<sup>27</sup> Dossiê sobre *Projeto Memória*, organizado por Luiz Carlos Chedid. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.

<sup>28</sup> CHEDID, Luiz Carlos. **Projeto Memória**. Informativo. Balneário Camboriú, 2ª edição, s/d, p. 7 e 8.

dos cargos políticos e de chefia tem sido historicamente ocupados por homens, não é à toa que, das 129 pessoas biografadas, apenas sete são mulheres.

Os eventos narrados no informativo são trajetórias de empresas e de estabelecimentos comerciais, como hotéis, bares, boates e restaurantes (explicável porque alguns deles financiaram a publicação). Mas é a atuação da Prefeitura a partir do ano de 1964 – quando é criado o município de Balneário Camboriú – que ganha maior destaque. Nas três edições há listas com os nomes de todos os prefeitos, vice-prefeitos e vereadores eleitos na cidade entre os anos de 1964 a 2000. Na primeira edição, consta não apenas uma lista, mas também uma breve biografia dos prefeitos e seus vices. Da mesma forma, a emancipação do município e sua instalação aparece em todas as edições do informativo. É mencionada a criação de praças, da biblioteca pública municipal, a trajetória da Secretaria de Turismo e a origem dos nomes das ruas e avenidas da cidade.

Dessa forma, a partir da seleção de determinados personagens e acontecimentos, o *Projeto Memória* buscava construir e delinear uma história para a cidade. No primeiro momento do Projeto, esta história estaria associada à vida pública e política da cidade, dando visibilidade a cargos de poder, sejam eles públicos ou privados.

No ano de 2004, o autor repassou o conteúdo do Projeto para o Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, para que integrasse o seu acervo e para que o trabalho tivesse continuidade. Dois anos depois, foi iniciada uma nova fase do *Projeto Memória*. Dessa vez, consistia na realização de entrevistas gravadas com algumas pessoas do levantamento biográfico, realizado anos atrás por Chedid. De acordo com o Informativo *Memória, Patrimônio e Informação*, produzido pelo Arquivo Histórico, essas entrevistas visavam coletar informações acerca de “experiências vividas na infância, memórias de família, lembranças da Praia de Camboriú, dos amigos, dos políticos”<sup>29</sup>.

A ideia da realização das entrevistas partiu de Elisângela Linhares, então funcionária do Arquivo. Foi ela quem realizou todas as 29 entrevistas, que foram posteriormente transcritas<sup>30</sup>. Junto com a

---

<sup>29</sup> Projeto Memória. In: **Memória, Patrimônio, Informação**. Informativo do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Ano 01, edição n. 01, julho de 2006, p. 4.

<sup>30</sup> De acordo com Elisângela, todas as entrevistas foram transcritas. Contudo, nem todas as transcrições foram encontradas no acervo do Arquivo. Em alguns casos,

transcrição está o Termo de Doação de Depoimento e a Ficha Cadastral, com dados do entrevistado<sup>31</sup>. De todas as entrevistas utilizadas nesta dissertação, apenas uma não faz parte do *Projeto Memória*. Essa entrevista, com Elisangela Linhares, foi realizada por mim, e teve o objetivo de compreender melhor o processo de produção das entrevistas, assim como as intenções do *Projeto Memória*.

As entrevistas desse Projeto foram guiadas pelo mesmo roteiro, bastante extenso, com 25 perguntas ao todo<sup>32</sup>. Estas perguntas abarcaram diversos temas sobre a cidade, tais como transporte público, anos escolares, nomes de ruas e bairros, festas e celebrações, serviços domésticos, vida religiosa, comércio, turistas e veranistas, eleições e partidos políticos, primeiros moradores, sepultamentos, emancipação do município. As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados.

Na Tabela a seguir podemos visualizar as pessoas entrevistadas:

<b>Nome</b>	<b>Ano e cidade de nascimento</b>	<b>Ano em que chegou na cidade</b>	<b>Profissão</b>
Adelaide Linhares Rebelo	1934 / Bairro da Barra, Balneário Camboriú	1934	Dona de casa
Aldo Novaes	1926 / Joinville (SC)	1950	Vereador nos anos de 1962 a 1967. Participou do processos de emancipação de Balneário Camboriú
Álvaro Antonio da Silva	1938 / Gaspar (SC)	1940	Comerciante. Seus pais eram donos do de um dos primeiros armazéns da Praia. Vereador eleito em 1965.
Antônio Gadotti	1926 / Rodeio (SC)	1961	Dentista e comerciante. Abriu a Loja Gadotti em 1965.

---

foi localizado apenas do áudio, o Termo de Doação do Depoimento e a Ficha de Cadastro de Entrevista.

<sup>31</sup> Ver ANEXO 1.

<sup>32</sup> Ver ANEXO 2.

Ary Wolf	1921 / Indaial (SC)	1948	Barbeiro. Dono da primeira barbearia da Praia, localizada na Avenida Central.
Carlos da Rosa	1924 / Rio do Sul (SC)	1947	Comerciante. Proprietário das duas primeiras rodoviárias da cidade.
Casemiro Domingos Pinheiro	1939 / Bairro da Barra, Balneário Camboriú (SC)	1939	Pescador e taxista. Em 1958, iniciou passeios de barco, com uma embarcação de quarenta lugares. Foi eleito vereador em 1970.
Elsa Wachs	- / Blumenau (SC)	1952	Dona de casa. Seu pai foi o primeiro fotógrafo da cidade, Hans Karl Wachs.
Gert Hering	1935 / Blumenau (SC)	1948	Em 1962, começou a organizar o Museu da Escola Agrícola, que foi inaugurado no zoológico da Santur. Para construir o acervo do museu, realizou trabalho arqueológico, ao conservar fósseis e demais artefatos encontrados em diferentes lugares de Balneário Camboriú.
Gilberto Américo Meirinho	1929 / Itajaí (SC)	Década de 1950.	Prefeito da cidade eleito em 1973.
Iris de Souza Pereira	1934 / Itapema (SC)	1942	Dona de casa
Isaque de Borba Correa	1960 / Balneário Camboriú (SC)	1960	Pesquisador da história da cidade. Filho de pescadores.
Ivo Silveira	1918 / Palhoça (SC)	-	Governador de Santa Catarina, eleito durante o regime militar, em 1965. Em 1964,

			colaborou para a emancipação do município de Balneário Camboriú.
Jair Olavo Rebelo	1957 / Balneário Camboriú	1957	Advogado.
Joana Vieira dos Santos	1916 / Balneário Camboriú	1916	Professora. Residente na Avenida Central, acompanhou de perto as transformações vertiginosas da cidade.
João Kleis	1926 / Itajaí (SC)	1972	Vereador eleito em 1977.
Julia Asta Phillips	1923 / Blumenau (SC)	1966	Proprietária de uma tipografia, juntamente com seu esposo, Ondino Phillips.
Jurandir Knabben	1946 / Gravatal (SC)	1973	Engenheiro civil. Trabalhou em uma das primeiras construtoras da cidade, a Embraco. Ajudou na organização do Arquivo Histórico Municipal.
Klauss Max Ernesto Fischer	1929 / Videira (SC)	1950	Hoteleiro. Filho de Adolfo Fischer, dono do Hotel Fischer.
Luiz Carlos Chedid	1940 / Florianópolis (SC)	1967	Funcionário público. Primeiro secretário de turismo, esporte e cultura, em 1970. Idealizador do <i>Projeto Memória</i> .
Luiza Alves Klein Lemos	1936 / Caçador (SC)	Década de 1960.	Hoteleira. Proprietária do Hotel Içaraí, na década de 1960.
Marciano Cavalheiro	1931 / Uruguaiana (RS)	1963	Primeiro salva-vidas da praia, e morador durante doze anos na Ilha das Cabras.
Maria da Cruz Vicente	1916 / Bairro da Barra, Balneário Camboriú (SC)	1916	Dona de casa.



Nelson Edilberto Nitz	1952 / Blumenau (SC)	1958	Vereador em 1962 e 2004. Engenheiro Civil. Comerciante. Filho de Bruno Nitz, em 1958, instala um armazém de secos e molhados, chamado Armazém Carioca.
Nilton Kucker	1924 / Itajaí (SC)	Década de 1950	Deputado que representou Balneário Camboriú, na década de 1960, durante a emancipação do município.
Olávio Mafra Cardoso	1925 / Joinville (SC)	1954	Farmacêutico. Instalou a primeira farmácia, a Farmácia Central, localizada na Avenida Central.
Olíndio Miguel	1922 / Itapema (SC)	1939	Pescador
Osmar de Sousa Nunes Filho	1951 / Blumenau (SC)	1969	Hoteleiro. Filho de Osmar de Sousa Nunes, sua família é dona do Hotel Marambaia, inaugurado em 1965.
Remi da Silva Osório	1948 / Itajaí (SC)	1955	Professora e vereadora eleita em 1983, 1989 e 1993.

**Tabela 1: Entrevistados pelo Projeto Memória (organizado pela autora)**

Como podemos observar na Tabela acima, algumas das pessoas entrevistadas não constam no levantamento biográfico realizado na primeira fase do *Projeto Memória*, como Adelaide Linhares Rebelo, Ary Wolf, Iris de Souza Pereira, Julia Asta Phillips, Luiza Lemos, Maria da Cruz Vicente e Olíndio Miguel. São donas de casas, pequenos comerciantes e pescadores. Em entrevista, Elisângela menciona os critérios para seleção dos entrevistados:

Foram pessoas que marcaram a história da cidade, alguma coisa elas fizeram por Balneário Camboriú.

Então também foi listado pessoas comuns, ditas comuns, consideradas comuns. Pessoas como pescadores. Qual era o olhar do pescador pra isso? Qual o olhar da dona de casa, da lavadeira, da mãe, da professora? Então a gente pegou várias pessoas, não só políticas.<sup>33</sup>

Dessa forma, novos sujeitos passaram a fazer parte do *Projeto Memória*. Memórias da vida privada e doméstica tornaram-se tão relevantes no processo de construção da história da cidade quanto àquela memória pública e política, que já fazia parte do Projeto.

É interessante observar na fala de Elisângela que suas motivações para realizar as entrevistas estão além de apenas uma função a ser cumprida enquanto funcionária do Arquivo. Há também motivações mais pessoais:

Eu me considero uma nativa, criada sempre aqui. Na época nós não tínhamos maternidade, apenas em Itajaí. Então mamãe teve que ir pra Itajaí para que eu nascesse. *Tu sempre moraste aqui no Bairro da Barra?* Não, eu morava junto com a vó. Na rua 1201. Inclusive era a antiga Rua Tubarão. E a gente então viu Balneário crescer, caminhamos muito na praia, tiramos muito berbigão. Então tem toda essa paixão. Minha família é uma família muito tradicional, e casei com uma família tradicionalíssima. E aí então tudo isso foi juntando né. (...) E só vai saber o valor disso quem tem história na cidade, quem tem família na cidade, quem trilhou as avenidas e ruas transversais, quando não tinha nem um calçamento. Quem sabe é quem tem a vó que contava a história do primeiro prefeito da cidade, do vereador que levava peixe na casa. Por isso eu tenho amor pela minha cidade, paixão pela minha história, respeito pela minha família, entende?<sup>34</sup>

A nativa de uma “família tradicional”, os passeios pela praia, a rua da infância que possuía outra nomenclatura, a avó que contava histórias

---

<sup>33</sup> LINHARES, Elisângela. Entrevista concedida a Isabella Cristina de Souza. Balneário Camboriú: 05 de novembro de 2015.

<sup>34</sup> Ibidem.

sobre os antigos políticos: ao pontuar os momentos e as relações estabelecidas com a cidade ao longo do tempo, percebe-se que Elisângela constrói uma identidade sobre si. Ela segue:

Eu queria registrar, pra ficar. Eu queria que ficasse documentado. Porque a nossa cidade, eu falo como moradora, ela perde muita coisa por ser turística. As pessoas vem e passam por Balneário Camboriú pra tentar uma vida melhor. Algumas conseguem, outras não, e voltam pras suas cidades. Muitas pessoas estão de passagem. E eu percebo que a tradição, de uma maneira saudável, ela é necessária para o povo, pra construção da identidade. Na nossa cidade a gente quase não tem identidade. Quem é o balneocamboriuense? Eu precisava disso na época. Eu precisava disso, eu queria, por amor a minha cidade. Por amor as pessoas daqui. (...) Nós vamos se perdendo muito com o moderno. E o moderno, essa coisa muito contemporânea, ele parece que vai abandonando tanta coisa do antes que ajuda a constituir a identidade do hoje. É uma discussão longa.<sup>35</sup>

Nessa cidade onde é difícil delinear as identidades, como coloca Elisângela, – seja porque as pessoas estão de passagem, ou porque o espaço é transformado pelo “moderno” – ouvir e coletar memórias torna-se uma maneira de construir uma história para a cidade, mas também de construir sua própria história. A importância colocada em saber “quem é a cidade”, ou “quem é o balneocamboriuense”, no depoimento acima, está associada à necessidade de definir a sua própria identidade.

Além disso, o que podemos observar no relato de Elisângela é a tentativa de construção de uma “história de vida”, que se desenvolve, segundo Pierre Bourdieu, em *A Ilusão Biográfica*, de forma lógica e cronológica, no sentido de mostrar a vida como um todo, um conjunto de eventos coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção objetiva e subjetiva de um projeto. Como crítica Bourdieu, nos relatos biográficos ou autobiográficos, existe a tendência de se estabelecer conexões com os eventos, dando-lhes sentido e coerência, como sendo uma criação artificial de sentidos, nem

---

<sup>35</sup> Ibidem.

sempre existentes nos acontecimentos em si<sup>36</sup>. Essas questões são perceptíveis no depoimento de Elisângela – diversos episódios de sua vida são conectados no sentido de estabelecer e construir sua identidade (e também de sua família) através de relações e vivências com a cidade.

Ainda de acordo com Bourdieu, algumas instituições de totalização e de unificação de si, como o nome próprio (a constância nominal) atesta a identidade de uma personalidade, como individualidade socialmente constituída<sup>37</sup>. No caso de Elisângela, que menciona fazer parte de uma “família tradicional”, o nome próprio, mais especificamente seu sobrenome, possui um peso especial para confirmar sua “linhagem tradicional”. O sobrenome Linhares tem presença significativa no espaço urbano de Balneário Camboriú. Uma das edificações mais antigas do município, que faz parte de um importante conjunto histórico-arquitetônico, é denominada e conhecida entre os moradores da cidade enquanto “Casarão Linhares”, sendo a família de Elisângela proprietária dessa construção. Sobre este Casarão, ver maiores detalhes da página 115.

Nas entrevistas realizadas pelo *Projeto Memória*, um episódio recordado atua enquanto um importante marco no processo de *enquadramento de memória* sobre a cidade de Balneário Camboriú: a emancipação política, em 1964. Este episódio também ganha destaque na primeira fase deste Projeto, nos informativos idealizados por Luiz Carlos Chedid. O sociólogo Michael Pollak nos diz que toda memória fornece um quadro de referências ou pontos de referências. Isso significa que, no processo de construção de uma determinada memória, alguns personagens, eventos e locais são selecionados para compor essa memória, em detrimento de outros. Este é o processo de *enquadramento de memória* que, de acordo com o sociólogo, tem limites, e não pode ser construído arbitrariamente. Esse *enquadramento* é realizado a partir de materiais que são fornecidos pela história e que podem ser combinados e interpretados de diferentes maneiras, por meio de uma série de referências<sup>38</sup>.

Nas entrevistas, a emancipação política da cidade é um episódio recordado enquanto uma baliza temporal na história da cidade, um importante ponto de inflexão. De fato, depois de 1964, em especial a partir

---

<sup>36</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 183 – 191.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>38</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 9 – 11.

dos anos 1970, uma nova dinâmica passou a se desenvolver na cidade. É neste período, por exemplo, que se iniciou o intenso processo de verticalização à beira-mar, e que continua bastante intenso ainda nos dias atuais, onde casas e edificações são colocados abaixo para construções de novos e mais altos edifícios. Dessa forma, outro objetivo definido por esta pesquisa é analisar as transformações que ocorreram em Balneário Camboriú a partir de sua emancipação política, em 1964.

As entrevistas aqui mencionadas foram cruzadas com diversas outras fontes históricas ao longo do trabalho. Como, por exemplo, com a Legislação Municipal. Assim que é criado o município de Balneário Camboriú, uma série de leis e decretos, que visavam ordenar o espaço da cidade, foram lançados. Neste sentido, essa legislação constitui outro conjunto de documentos analisados nesta dissertação. Se as entrevistas nos auxiliaram a compreender a maneira como diferentes sujeitos se apropriam e constroem significados sobre a orla marítima de Balneário Camboriú, a legislação, por outro lado, nos mostrou as intencionalidades da Prefeitura para este mesmo espaço. Como aponta Raquel Rolnik:

A lei organiza, classifica e coleciona os territórios urbanos, conferindo significados e gerando noções de civilidade e cidadania diretamente correspondentes ao modo de vida e a micropolítica familiar dos grupos que estiveram mais envolvidos em sua formulação. Funciona, portanto, como referente cultural fortíssimo na cidade, mesmo quando não é capaz de determinar sua forma final.<sup>39</sup>

Dessa forma, através da Legislação Municipal foi possível analisar como a Prefeitura visou ordenar e modificar o espaço da cidade, identificando as práticas e os usos que pretendiam impor ou controlar no espaço público, em especial, na orla marítima. Além disso, também foi investigado como o poder municipal atuou no sentido de incentivar o processo de verticalização da orla marítima. Diversas leis municipais produzidas a partir de 1964 foram analisadas, tais como o Código de Posturas de 1967, Plano Diretor de 1970, 1974 e 2006, e diversas leis de uso e ocupação do solo.

Nos periódicos pesquisados examinamos como estas leis repercutiram pela cidade e até que ponto foram efetivadas. Além disso,

---

<sup>39</sup> ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 13.

os jornais foram fundamentais também no sentido de refletir sobre os diversos discursos construídos sobre a cidade e sobre a orla marítima. A este respeito, Tania Regina de Luca traz uma discussão bastante significativa sobre a utilização desse tipo de fonte, bem como nos propõe algumas reflexões de cunho metodológico:

Pode-se admitir que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir.<sup>40</sup>

As considerações de Luca se estendem aos vários tipos de impressos ligados a imprensa periódica, entendendo que possuem uma função social e que seus direcionamentos contêm várias possibilidades interpretativas; ou seja, sua aparência, seu conteúdo sua circulação, seu alcance, etc. compõem elementos pertinentes de análise. Ligado a isso, por meio da análise dos discursos difundidos pelas publicações sobre a orla de Balneário Camboriú, foi possível observar de forma mais nítida um conjunto de elementos que evidenciaram os significados e as relações sociais efetivadas neste espaço.

As fotografias compõem outro conjunto de documentos desta pesquisa, e auxiliaram a identificar uma cidade muitas vezes diferente daquela que aparecia nos discursos dos periódicos, ou que contradizia os desejos do poder municipal em criar uma cidade ordenada. Diferentes

---

<sup>40</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 139 – 140.

fotografias da cidade ajudaram a compreender as modificações do espaço físico e da paisagem da orla de Balneário Camboriú ao longo dos anos, e deram pistas de como se estabeleciam as relações com este espaço. Afinal, como afirma Ana Maria Mauad, a fotografia conforma uma determinada visão de mundo, mas também deve ser considerada, no caso de fotografias antigas, como uma marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos do passado – condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc.<sup>41</sup> A fotografia, segundo Mauad, também deve ser entendida como um texto, como uma mensagem a ser transmitida, e nesse sentido:

pressupõe competências para sua produção e leitura, a fotografia deve ser concebida como uma mensagem que se organiza a partir de dois segmentos: expressão e conteúdo. O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado.<sup>42</sup>

De acordo com Boris Kossoy, toda fotografia é um resíduo do passado, um artefato que contém um fragmento determinado da realidade, um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado. A fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, da vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bi dimensão da superfície sensível. A partir de então inicia-se uma outra realidade, que é a do documento. Este documento não apenas

---

<sup>41</sup> MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces. Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 83.

conserva uma imagem do passado, mas faz parte do mundo<sup>43</sup> e vai dar margem a inúmeras interpretações.

A imagem, no entanto, não pode ser entendida apenas como registro mecânico da realidade dita factual. Há, na verdade, um olhar e uma elaboração estética na construção da imagem fotográfica. A deformação intencional dos assuntos através das possibilidades de efeitos ópticos e químicos, a abstração, montagem e alteração visual da ordem natural das coisas, tem sido exploradas constantemente pelos fotógrafos. A escolha de um aspecto determinado selecionado do real, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, e a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia, são fatores que influirão no resultado final da fotografia. É neste sentido que Kossoy chama atenção para o fato de que o fotógrafo atua enquanto um filtro cultural, e que a fotografia será sempre uma interpretação<sup>44</sup>.

As fotografias que foram analisadas fazem parte do acervo do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Esse acervo possui uma quantidade considerável dessa documentação, e alguns critérios foram adotados para selecionar as imagens. Primeiro, foi considerado o recorte espacial desta pesquisa. Foram selecionadas fotografias da Avenida Atlântica, Avenida Brasil e Avenida Central. Depois, foi feita uma seleção de fotografias produzidas durante o período que compreende a análise desta pesquisa, ou seja, segunda metade do século XX. Por último, levou-se em consideração que as fotografias escolhidas apresentassem o máximo de elementos: personagens, edificações, ruas e avenidas, transporte, comércios, etc. Dessa forma, foram, ao todo, analisadas 13 fotografias. Apesar do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú possuir um rico acervo fotográfico, são poucas as informações sobre a produção das fotografias, restringindo-se, na maioria dos casos, à data e ao local da imagem. Dessa forma, pouco ou quase nada se sabe sobre quem foi o autor da fotografia, ou quais as intenções por trás do registro.

Em Balneário Camboriú, o processo de verticalização, que se iniciou no final dos anos 1960, tem um marco importante, que é o ano de 2006. Neste ano, foi publicado a revisão do Plano Diretor, que passou a permitir a verticalização e adensamento ao sul e norte da orla. No sul da orla, luxuosos empreendimentos começaram a se instalar nas proximidades do Rio Camboriú, local significativo para a história de Balneário Camboriú. Foi na foz deste Rio, no atual Bairro da Barra, que

---

<sup>43</sup> KOSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, 4ª edição, p. 82.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 51.



ocorreu a ocupação inicial da cidade, no ano de 1826. Desde então, práticas sociais e as edificações que se estabeleceram ao longo das margens do Rio Camboriú foram se transformando. Para analisar as modificações ocorridas nas margens deste Rio – outra questão proposta por esta pesquisa – foi preciso observá-lo enquanto um *palimpsesto*.

Sandra Pesavento utiliza a ideia da “cidade como palimpsesto” para identificar e analisar a passagem do tempo no espaço urbano. Segundo a historiadora, o palimpsesto é uma imagem arquetípica para leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para uso da escrita, palimpsesto veio a significar pergaminho do qual se apagou a primeira escrita para reaproveitamento por outros textos. No entanto, essa raspagem nem sempre conseguia apagar todos os caracteres antigos dos textos precedentes, o que evidenciava a escrita sucessiva de textos superpostos<sup>45</sup>.

Utilizando esta chave de leitura para o espaço urbano, Pesavento lembra que a cidade que vemos e que habitamos, abriga as cidades mortas e soterradas, do passado. Dessa forma, uma cidade abriga muitas outras cidades: é uma superposição de tempos em um mesmo espaço – como um palimpsesto. Como afirma a historiadora, são camadas de experiências de vida – as *marcas de historicidade* – que exigem uma arqueologia do olhar. No esforço de fazer revelar essas cidades do passado, o pesquisador não deve apenas relatar como teria sido a cidade, mas, principalmente, perceber os sentidos que fizeram daquele espaço um lugar que tinha sua inteligibilidade em correspondência histórica com o tempo. No entanto, para perceber esses sentidos, faz-se necessário que as cidades do passado e a do presente sejam colocadas em correspondência, para se estabelecer as rupturas e continuidades<sup>46</sup>. Dessa forma, podemos observar o espaço da cidade também enquanto uma fonte, como pontua Raquel Rolnik:

Na medida em que se lê, na história da organização do espaço da cidade, as formas de organização das relações sociais (...) O espaço é, portanto, uma fonte, umas das fontes essenciais ou um tipo de notação fundamental para quem trabalha com História Urbana.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços**. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, vol. 11, nº 11, 2004, pp. 25 – 30.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? In: **Seminário da História da Cidade e Urbanismo**, v. 2, n.1, 1993, p. 28.

Assim sendo, buscou-se identificar as *marcas de historicidade* nas margens da foz do Rio Camboriú, que revelam diferentes momentos da história da cidade. Contudo, esta pesquisa observou não apenas o Rio Camboriú enquanto um *palimpsesto*, mas toda a orla marítima – *marcas de historicidade* foram identificadas e analisadas também ao longo da orla de Balneário Camboriú, que compreendem, neste trabalho, aos vestígios materiais do passado, mas também determinados locais que, de certa forma, remetem a um passado da cidade. Buscou-se analisar quais são os significados e as funções que agora possuem os antigos lugares da cidade – as poucas que ainda permanecem. A partir destas *marcas*, resíduos que remetem a momentos diversos da história da cidade, foi possível debater questões relativas à cidade contemporânea. Esses locais são: a Igreja da Confissão Luterana, o Edifício Eliane, a Praça Higino Pio, o Hotel Marambaia, o Edifício Baturité, Dalcelis e Fischer’s Dream, a Igreja Santo Amaro e o Casarão Linhares.

Por fim, é preciso mencionar que, neste trabalho, tomo a definição de Milton Santos sobre o conceito de paisagem, enquanto “um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. De acordo com Santos, a paisagem é um precioso instrumento de trabalho, pois permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto. No entanto, o que temos são apenas fragmentos materiais de sucessivos passados. Como nos adverte este autor, a paisagem permite apenas supor um passado e, se queremos interpretar cada etapa da evolução social, é preciso retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam juntamente com a história tal como a sociedade a escreveu de momento em momento<sup>48</sup>.

Se, para Santos, paisagem é um conjunto de formas que exprime as heranças que representam as relações entre os seres humanos e a natureza, o “espaço são essas formas mais a vida que as anima”. Assim sendo, entendo a cidade enquanto um conjunto de lugares urbanos, que são apropriados e significados ao longo do tempo. Por esta perspectiva, considerando o recorde cronológico aqui estabelecido, foi possível delimitar três momentos da orla marítima de Balneário Camboriú, que estruturam o segundo capítulo desta dissertação. Ainda que se trate do

---

<sup>48</sup> SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 4ª edição, p. 66 e 69.

mesmo local, em cada um destes períodos foi possível identificar um espaço diferente, que serão apresentados e debatidos no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO II. ORLA MARÍTIMA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ: O ESPAÇO EM TRÊS MOMENTOS

Conforme já mencionado, desde os anos 1950 foram muitas as transformações que ocorreram na Praia Central de Balneário Camboriú. Ao investigar o processo de ocupação e apropriação deste local, foi possível delimitar três momentos na trajetória da orla marítima dessa cidade. Apesar de se tratar do mesmo local, cada um desses momentos corresponde a um *espaço* diferente. Isto porque estou considerando o *espaço* enquanto um *lugar praticado*, na acepção de Michel de Certeau. Ou seja, em cada um destes períodos identificamos distintas configurações de lugares urbanos, que são vivenciados de diferentes maneiras. Práticas sociais que marcaram cada um destes momentos foram identificadas. São estes os aspectos que debateremos neste segundo capítulo.

### II.1. A Praia de Camboriú: lugares e práticas no tempo em que *não havia nada*

Foi no ano de 1952 que ocorreu a publicação da primeira propaganda da então Praia de Camboriú, o primeiro guia turístico local, denominado *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*. Com quarenta páginas, o guia apresentava as principais características e atrações da Praia. O guia tem autoria de Silveira Junior, jornalista catarinense, que atuou na Prefeitura de Balneário Camboriú, especialmente a partir de 1965<sup>49</sup>. O fotógrafo Hans Wachs, vindo de Blumenau, mudou-se para a Praia de Camboriú no início dos anos 1950<sup>50</sup>. É autor das imagens que aparecem no *Álbum*, inclusive da fotografia que ilustra a capa:

---

<sup>49</sup> CHEDID, Luiz Carlos. **Projeto Memória**. Informativo. Balneário Camboriú, 1ª edição, s/d, p. 5.

<sup>50</sup> WACHS, Elsa. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 5 de março de 2008.



**Figura 4: Capa do *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*, 1952.**  
**Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Na fotografia acima vemos a Ilha das Cabras ao fundo, dois barcos e pessoas caminhando pela areia da praia. Os barcos indicam uma antiga prática na região: a pesca. As pessoas caminhando, possivelmente veranistas e turistas<sup>51</sup>, representam, por sua vez, um novo hábito: o uso da praia como local de lazer e descanso. A chegada dos visitantes na Praia de Camboriú ocorreu a partir da década de 1920, mas foi durante os anos 1950 que estas práticas se intensificaram.

Isso resultou em uma súbita aceleração no desenvolvimento urbano da Praia, a partir da década de 1950. O número de edificações se elevou significativamente, acompanhando seu crescimento demográfico. Novas casas, pensões, hotéis e diversos comércios foram se instalando nas ruas e avenidas próximas à orla marítima<sup>52</sup>. O crescimento dos anos

<sup>51</sup> Neste trabalho, considero “veranista” sujeitos que visitam a cidade todos os anos, mas apenas por alguns meses (geralmente no verão), possuindo, em muitos casos, segunda residência na mesma. Os “turistas” são aqui entendidos como sujeitos frequentam a cidade apenas por alguns dias, não visitando-a com tanta regularidade.

<sup>52</sup> LEE, Magda Starke. **Balneário Camboriú**: desenvolvimento de uma cidade litorânea. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

1950 se deve, em grande medida, à melhora das conexões territoriais regionais. Foi no ano de 1954 que ocorreu a abertura da estrada de ferro entre Blumenau e Itajaí, e a conclusão da primeira Rodovia Estadual asfaltada (SC-470) durante o governo de Jorge Lacerda (1956 – 1958), também ligando estas duas cidades. Dessa forma, como pontua Heloisa Flores, a conexão inter-regional, tanto de mercadorias, quanto de pessoas, não dependia mais do transporte fluvial via Rio Itajaí-Açu. Isto dinamizou as relações econômicas e acelerou o processo de turistificação e produção de loteamentos na Praia de Camboriú<sup>53</sup>.

É importante mencionar que o período de 1930 até meados da década de 50 é caracterizado pela transição de uma economia agroexportadora para a urbano-industrial, que acelerou a urbanização brasileira. Em Santa Catarina, como coloca Raquel Pereira, as modestas iniciativas industriais surgidas nos núcleos urbanos situados nos vales de colonização europeia foram conquistando agressivamente espaço no mercado regional e nacional. Foram justamente os representantes dessa burguesia industrial das áreas de imigração, como os da cidade de Blumenau, os primeiros a possuir casas de veraneio em balneários próximos<sup>54</sup>, entre eles, Balneário Camboriú. Além disso, é preciso considerar que este período é marcado por conquistas históricas da classe trabalhadora no que se refere ao descanso semanal e às férias remuneradas, o que intensificou e começou a envolver um contingente cada vez maior de pessoas, primeiramente através de excursões e passeios<sup>55</sup>.

Contudo, durante a década de 1940, houve uma estagnação no desenvolvimento da Praia de Camboriú. Com a perseguição aos teuto-brasileiros, motivada pelo governo brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), os veranistas, a maioria descendentes de alemães, ficaram afastados da orla até o fim do conflito, já que o exército nacional utilizou as residências e hotéis da praia como observatórios da costa

---

Humanas da USP, para título de mestre em Geografia Humana. São Paulo, 1998, p. 44.

<sup>53</sup>FLORES, Heloisa, op. cit., p. 93.

<sup>54</sup> PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. **Revista Geosul**. Florianópolis, v. 18, n. 35, jan./jun. 2013, pp. 114 – 116.

<sup>55</sup> DANIELSKY, Marcelo. **Padrão arquitetônico e representação social na paisagem da beira mar de Balneário Camboriú – SC**. Dissertação submetida ao curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p. 81.

brasileira<sup>56</sup>. Com o final da Guerra, os veranistas retornaram ao litoral, e cada vez em maior número, especialmente a partir dos anos 1950. Pensando nisso, surge uma questão: quais são as práticas sociais e os lugares urbanos que estão associadas ao desejo de estar à beira-mar na então Praia de Camboriú dos anos 50? O *Álbum Fotográfico-Descritivo* dá algumas pistas.

O Guia inicia com um interessante relato de Manoel Germano, pescador. Antigo morador da praia, Seu Germano, como é chamado, conta algumas das modificações da Praia de Camboriú do seu tempo:

Foram os alemães que começaram esta moda de banho de mar. E é coisa nova. Obra de uns vinte e cinco anos pouco mais ou menos. Penso que foi em 1928 que o Jacó Schmitt botou o primeiro hotel da Praia, o mesmo Miramar de hoje. Logo depois, D. Mimi Honkel também abriu uma hospedaria ali onde está o “Balneário”. E dali pra cá é que começou o movimento. Antigamente as mulheres tomavam banho de saia, geralmente à noite, e se escondiam quando aparecia algum estranho.<sup>57</sup>

Como relata Seu Germano, a chegada dos primeiros veranistas, oriundos do Vale do Itajaí, trouxe novos hábitos para a Praia, estranhos para aqueles que ali já estavam. O banho de mar, prática associada a determinado grupo – os “alemães” –, representa uma nova relação com o espaço, mas também com o corpo. Se no passado, como o pescador recorda, o banho de mar era feito às escondidas no período noturno, agora, no entanto, as mulheres desfilam com seus maiôs ao longo da areia da praia em plena luz do dia, como podemos observar na fotografia que estampa a capa do Guia. São os *footings* à beira-mar, uma das atrações que a Praia de Camboriú oferece, segundo o *Álbum*:

---

<sup>56</sup> CORRÊA, Isaque Borba. **Camboriú e Balneário Camboriú: história de duas cidades**. Balneário Camboriú: Editora do autor, 1985.

<sup>57</sup> GERMANO, Manoel. Duas palavras. In: SILVEIRA JUNIOR, Norberto. **Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú**. Camboriú, 1952.



**Figura 5: Os footings, Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Na imagem anterior vemos o mar suavemente encontrando a faixa de areia, e os morros ao fundo, enquadrando a paisagem da Praia. Do lado esquerdo está o Hotel Miramar, um dos primeiros da cidade, localizado na esquina da atual Avenida Central com a Avenida Atlântica. Vale mencionar que neste momento ainda não existia a Avenida Atlântica, que corta a orla marítima no sentido norte-sul. As portas das residências, hotéis e pousadas localizadas à beira-mar se postavam diretamente para a faixa de areia. Na imagem, um intenso fluxo de pessoas, representando o “movimento” que a Praia proporcionava. Hotéis como o Miramar, assim como outros localizados na Avenida Central ou próximos a esta Avenida – como Hotel Balneário, Da Inês, Bethien – além de comércios e residências que foram ali se instalando, contribuíram para agregar pessoas de procedências diversas na orla marítima. Os *footings* tornaram a areia da praia um intenso local de sociabilidade, de ver e ser visto, do encontro.

Após o relato de Seu Germano, o Guia segue com algumas informações sobre a Praia, num quadro intitulado “Breve notícia sobre a Praia de Camboriú”. É importante mencionar que estas informações estão em três idiomas: em português, inglês e alemão. O alemão demonstra a forte presença dos teuto-brasileiros na região. A língua inglesa pode estar associada a uma tentativa de criar uma imagem “internacional” para a Praia. Esta é descrita enquanto um local detentor de belezas naturais, ideal



para repouso e para recuperação de energias, mas também conta com a infraestrutura adequada para receber os veranistas: seis hotéis, duas padarias, uma boate, quatro sorveterias, seis bares, uma rede de telefones automáticos, luz elétrica e localizada próxima aos aeroportos da região.

De fato, como mencionamos anteriormente, é a partir da década de 1950 que ocorreu uma súbita aceleração no desenvolvimento urbano da Praia. Através do *Álbum Fotográfico-Descritivo* temos uma noção do crescimento do número de residências na orla neste período:

São dos registros da Prefeitura Municipal de Camboriú:			
<b>Na Praia:</b>			
Casas residenciais . . . . .	620		
Construções requeridas nos últimos quatro anos:		1948	41
		1949	59
		1950	68
		1951	71

**Figura 6: O número de residências na Praia de Camboriú, *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*, 1952. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Como vemos no quadro acima, entre 1948 e 1951, o número de construções quase dobrou. Ao final da década de 1950, por toda a orla já se podia observar muitas residências, que eram utilizadas somente no verão ou em algum feriado mais prolongado. Essas construções reforçaram o antigo hábito de descendentes alemães e, ao mesmo tempo, especificaram um padrão de uso da praia: o lazer<sup>58</sup>. Algumas residências do período aparecem no *Álbum*:

<sup>58</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 44 – 46.



**Figura 7: Residências, *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*, 1952. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**



**Figura 8: Residências, *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*, 1952. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Apesar das casas escolhidas para ilustrar o guia possuírem diferentes *estilos* – o “chalé alegre de telhado nórdico”, o “palacete de linhas sóbrias e jardim tropical”, o “estilo neo-californiano” – estas residências de veraneio tinham um traço em comum: eram muito requintadas e luxuosas. Não era escolhida qualquer casa para aparecer no Álbum, mas sim aquelas que demonstravam que a Praia era frequentada por sujeitos com grande poder aquisitivo – como o banqueiro Rodolfo Renaux Bauer.

No entanto, se observarmos os depoimentos daqueles que vivenciaram a Praia de Camboriú nesse período, é possível perceber que estas moradias sofisticadas não eram a maioria. Klauss Fischer, natural de Videira, chegou à Praia em 1950, onde seus pais abriram um dos mais notáveis hotéis da cidade, o Hotel Fischer, na ponta sul da Praia. Ao ser questionado sobre como era a Praia em sua juventude, ele lembra:

Balneário Camboriú era uma beleza. Tinha trezentas e poucas casas de madeira, mas tinha umas quatro ou cinco construções de material. Mas tudo de gente de Blumenau, Brusque, Timbó, das redondezas.<sup>59</sup>

Julia Asta Phillips chegou à cidade alguns anos depois de Klauss Fischer, em 1966, quando abriu uma tipografia com seu esposo, Ondino Phillips. Apesar de mais de uma década depois de Klauss Fischer, Julia Asta relembra um cenário semelhante, quando é indagada sobre as características da Praia:

Ah meu deus do céu. Era tudo casinhas pequenas. Tinha ruas pequenas, sem asfalto, sem nada. Era pequeno né? O mar tava em cima, a gente andava descalço. Mas isso era tudo pequeno. Quando nós viemos pra cá era tudo pequeno. (...) Eu fico assustada quando ele passa na Avenida ali, às vezes de tarde, às vezes de noite, tudo iluminado, tudo grande. Aquilo era tudo mato, tudo mato. Não tinha aqueles apartamentos monstros, era tudo casinhas

---

<sup>59</sup> FISCHER, Klauss. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 04 de julho de 2006.

pequenas. Eu tinha uma amiga logo na saída da praia, ela tinha uma casa de madeira.<sup>60</sup>

As casas, assim como a cidade, são descritas enquanto “pequenas”. Este é um adjetivo frequentemente utilizado no depoimento de Julia Asta, o que indica a simplicidade das residências e da Praia. Para conservar uma lembrança, de acordo com Joel Candau, é necessário memorizar um mundo previamente ordenado. Nesse processo de ordenamento, a primeira operação consiste em distinguir o passado do presente<sup>61</sup>. Isto parece ocorrer no depoimento acima, onde a entrevistada estabelece uma ruptura entre “antigamente/no presente”. Asta contrapõe as características da cidade do passado, com a cidade nos dias atuais: antes era tudo “pequeno”; agora, no entanto, tudo é “grande”, um “monstro”. De fato, quando Julia e sua família fixaram residência em Balneário Camboriú, tratava-se de um momento em que as construções na praia ainda estavam numa escala mais proporcional à escala humana – diferente dos dias atuais, onde os arranha-céus predominam na orla marítima.

O comerciante Carlos da Rosa, que chegou à cidade em fins da década de 1940, também relembra as residências do período:

Quando cheguei aqui no Balneário Camboriú só tinha o Hotel Miramar, o Hotel Balneário. E tinha aqui o Praia Hotel, de frente da praia, que era da Inês Schimdt e tinha um barzinho, e um hotelzinho nos fundos. E o resto tudo era casa de madeira. Só tinha lá no final perto do [Hotel] Marambaia, um alemão que fez uns quatinhos pra alugar. Era de madeira. E as casas dos pescador. Era tudo coisinha pequena. Umas trinta, quarenta casa.<sup>62</sup>

As casas recordadas são as de madeiras, como também ocorre no depoimento de Fischer, e ao serem adjetivadas enquanto “coisinha pequena” tem-se a impressão que não se tratava de casas suntuosas e com custo “superior a meio milhão de cruzeiros”, como afirmava o *Álbum*. É interessante observar que, ao

---

<sup>60</sup> PHILLIPS, Julia Asta. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de maio de 2008.

<sup>61</sup> CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 85.

<sup>62</sup> ROSA, Carlos da. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 24 de setembro de 2007.

contrário das moradias mais requintadas, os hotéis são frequentemente recordados pelos entrevistados, como vemos no depoimento acima de Carlos da Rosa. Muitas vezes, eles são mencionados enquanto uma referência espacial na orla marítima: “lá no final, perto do [Hotel] Marambaia”.

Os hotéis também aparecem enquanto uma referência espacial no depoimento de Iris de Souza Pereira, dona de casa, que mora em Balneário Camboriú desde 1942. Quando é questionada sobre quais eram as atividades que realizavam na praia (as *feituradas do espaço*, nas palavras de Certeau), ela conta:

Ah, pra banho, pra tirar crioulo, aquela coisarada, porque era tudo bom, era saudável. Hoje você não come nada do que sai da praia, né. Mas naquela época, meu deus. *O que era o crioulo?* Crioulo era aquela amêijoa, que eles chamavam, conchinha. Nós íamos lá no Hotel Fischer pegar, ia com os filhos todos. Então era muito bom, meu Deus. *E as rosetas não incomodavam?* Mas e como! Tinha muita roseta, muita roseta. Muita pitanga. A gente saía com os filhos por aí apanhar pitanga, até o Marambaia. Isso era tempo bom, menina, maravilha.<sup>63</sup>

O Hotel Fischer foi inaugurado em 1957, e o Hotel Marambaia em 1965. Estes hotéis, recordados no depoimento acima, estão localizados nos dois extremos da Avenida Atlântica. O Fischer estava na Barra Sul, e o Marambaia está na Barra Norte:

---

<sup>63</sup> PEREIRA, Iris de Souza. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de novembro de 2006.



**Figura 9: Localização Hotel Fischer, na Barra Sul; e Hotel Marambaia, na Barra Norte.**



**Figura 10: Hotel Fischer, década de 1970. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Adaptações da autora.**





**Figura 11: Hotel Marambaia, 1968. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**



**Figura 12: Hotel Marambaia, 2016. Fonte: Arquivo da Autora.**

Na época em que o Hotel Fischer foi construído, na década de 1950, a atual Barra Sul era um local ainda inabitado. Por essa razão, Adolfo Fischer, proprietário do Hotel, foi taxado de louco por construir

um hotel de padrão internacional nesta região da praia<sup>64</sup>. Na fotografia anterior (Figura 10), do início dos anos 1970, é possível visualizar que ainda não havia a Avenida Beira Rio, paralela à Avenida Atlântica, que seria aberta no final da década de 1980. O Hotel era localizado frente para o mar, e costas para o Rio Camboriú. Na Figura 10 é possível visualizar que a Barra Sul ainda era um espaço pouco adensado, realidade que viria a se transformar especialmente a partir dos anos 1990. Com uma configuração arquitetônica teuto-brasileira, o Hotel Fischer foi demolido em 2012, para dar lugar a um edifício da Construtora e Incorporadora Procave. Apesar de ser uma construção significativa para a história da cidade, o elevado valor dos terrenos à beira-mar faz com que, na orla, não haja espaço para nada que não sejam os altos lucros do capital privado. O terreno foi vendido por 120 milhões de reais<sup>65</sup>.

O Hotel Marambaia ainda resiste (apesar de totalmente rodeado por novos edifícios, como vemos na Figura 12). Projetado pelo arquiteto Roberto Félix Veronese, a construção deste Hotel teve grande repercussão pelo país, não apenas por se tratar de um hotel de luxo, mas também pela arquitetura em forma circular<sup>66</sup>. Seus setenta quartos são distribuídos em forma radial e circundados por um corredor de acesso. Há um grande vão central que cria um pátio circular no piso térreo. O hall de convívio deste hotel torna-se um espaço cenográfico por receber luz de uma claraboia no centro do vão<sup>67</sup>.

Estes dois hotéis são utilizados no depoimento de Iris de Souza Pereira para demonstrar seu trajeto percorrido. Toda a extensão da orla marítima era percorrida a pé, de ponta a ponta: “Íamos lá no Hotel Fischer pegar”, se refere, na verdade, ir até a ponta sul da Praia; e depois, “até o Marambaia”, ou seja, até o extremo norte. Os hotéis aparecem enquanto balizas espaciais nas memórias dos entrevistados.

Com o desenvolvimento urbano da Praia de Camboriú da década de 1950, foram realizados, de acordo com Magda Lee, os primeiros loteamentos, pela iniciativa privada. Leopoldo Zarling, um empreendedor imobiliário, comprou dos pescadores grandes glebas de terra. Após legalizar essas terras, abriu ruas e organizou os primeiros loteamentos na Praia de Camboriú. Como as áreas de frente para o mar já estavam

---

<sup>64</sup> CORREA, Isaque Borba, op. cit., p. 88

<sup>65</sup> FLORES, Heloisa Cristina, op. cit., p. 205.

<sup>66</sup> CORRÊA, Isaque Borba, op. cit., p. 88.

<sup>67</sup> FAGUNDES, Thayse. **Enseada de Cabeçudas**: a formação sócio-espacial do Balneário. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. UFSC, 2014, p. 299.



ocupadas pelas casas dos veranistas, Zarling estendeu a ocupação para áreas mais distantes do mar, e organizou a ocupação dessas áreas. Normando Tedesco foi outro grande loteador da Praia de Camboriú. Construtor proveniente de Porto Alegre, seguiu os passos de Zarling, adquirindo novas terras na parte sul do município onde implementou loteamentos<sup>68</sup>. Estes loteamentos definiram, em grande parte, o traçado urbano hoje existente no centro de Balneário Camboriú, como observa Milena Skalee<sup>69</sup>.

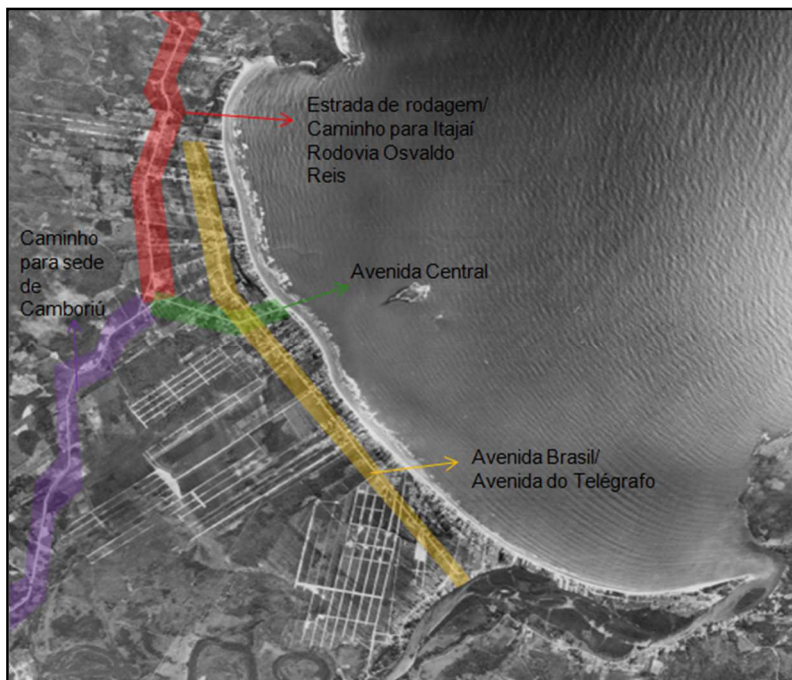
Não havia no período, de acordo com Heloisa Flores, uma noção de planejamento da totalidade da orla, e a malha era definida por interesses imobiliários privados, se adaptando aos limites naturais do sítio e se expandindo pela restinga, evitando áreas pantanosas da ponta sul, próximas ao Rio Camboriú<sup>70</sup>. Em uma aerofotografia do ano de 1957, podemos visualizar o desenho dos primeiros loteamentos, estruturando a malha urbana:

---

<sup>68</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 70.

<sup>69</sup> SKALEE, Milena. **Construção e apropriação do espaço público**: estudo do traçado urbano do centro de Balneário Camboriú. Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura Cidade. Florianópolis, 2008.

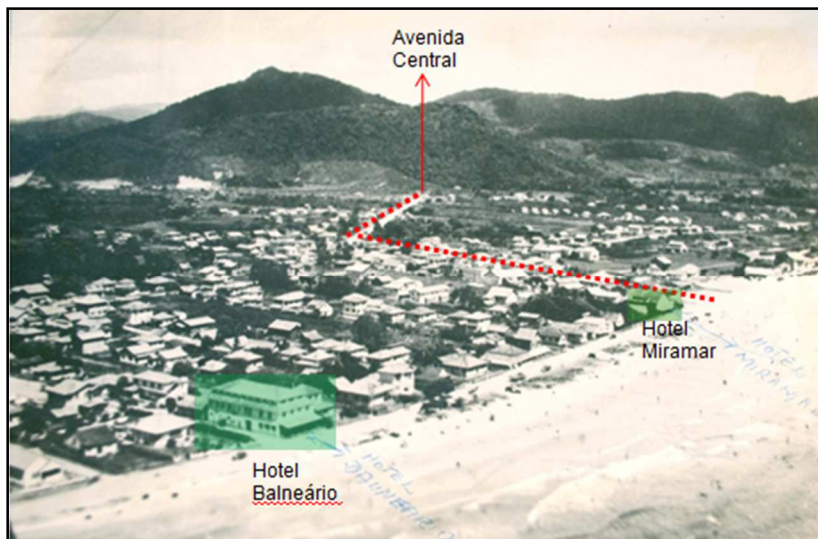
<sup>70</sup> FLORES, Heloisa Cristina, op. cit., p. 94.



**Figura 13: Aerofotografia da Praia de Camboriú, 1957. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Alterações da autora.**

O traçado é do tipo espinha de peixe e seguiu o revelado natural, gerando alguns arruamentos que prevalecem até os dias atuais. Nesta aerofotografia é possível visualizar as principais vias. Entre elas, a atual Avenida Central, com sentido à praia. A Estrada de Rodagem, atual Rodovia Osvaldo Reis, era o caminho que levava a cidade de Itajaí, e que segue para oeste para a sede de Camboriú. Neste período, a praia era um importante canal de circulação urbana, interligando o traçado no sentido norte-sul. Além dela, existe outra via desempenhando este papel, a Avenida do Telégrafo, hoje Avenida Brasil, um dos principais canais públicos da cidade. Esta Avenida alcança quase toda a extensão da orla, atuando no desenvolvimento dos loteamentos do sul. Na época, ainda não havia previsão da futura BR-101, que veio a definir decisivamente o traçado e os limites urbanos de Balneário Camboriú. A ocupação dos loteamentos que se expandiam a oeste da Avenida Brasil era ainda pouca,

se comparada à ocupação na orla próxima à Avenida Central<sup>71</sup>, que, como observamos na fotografia abaixo, em poucos anos se multiplicou:



**Figura 14:** Vista aérea da Praia de Camboriú, 1958. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Adaptações da autora.

Na imagem acima, de 1958, está a Avenida Central, principal via de saída para a praia, onde é possível observar o estabelecimento de residências e serviços em sua extensão e o crescimento do número de imóveis na orla. Pouco mais de duas décadas atrás, nos anos 1920 e 1930, a realidade da orla marítima era muito diferente daquela que se apresenta nesta fotografia, quando havia apenas lotes de agricultura e poucos casebres de pescadores. Na fotografia, que faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, está marcada à caneta a localização de dois dos principais hotéis do centro da Praia da época: o Hotel Balneário, à esquerda, destacando-se na paisagem; e o Hotel Miramar, à direita, na esquina da Avenida Central, de menor porte.

No *Álbum Descritivo-Fotográfico* um mapa da Praia de Camboriú está anexado, e revela alguns dos caminhos e parte do traçado existente no período:

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 95.



A Avenida do Telégrafo, que vemos acima, compreende a atual Avenida Brasil, e levava este nome em virtude da linha do telégrafo que passava por ela. A atual Avenida Atlântica já estava prevista, enquanto “Avenida Projetada”. A Rua do Baturité tornar-se-ia, futuramente, a Avenida Central. Diversas ruas perpendiculares faziam a ligação com a praia. Algumas delas sem nome, outras aparecem no mapa apenas enquanto “Caminho”. O Canto da Praia era como se chamava a Barra Norte. A Ilha das Cabras aparece apenas enquanto Ilha. Podemos imaginar que as vias destacadas neste mapa eram as mais utilizadas pelos frequentadores da Praia.

Por se tratar de um mapa anexado a um guia turístico, foram destacados locais que seriam úteis para aqueles que viriam visitar a Praia, como hotéis, restaurantes e posto de gasolina. A maioria dos hotéis e demais comércios estavam localizados na Rua do Baturité, a atual Avenida Central. Dessa forma, podemos imaginar que esta era uma área com intensa circulação de pessoas. Não é à toa que o *Álbum Fotográfico-Descritivo* apresenta esta Rua:



**Figura 16:** A Rua do Baturité, atual Avenida Central, *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú*, 1952. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.

A fotografia acima destaca duas casas de dois pavimentos. Elas parecem ser as maiores construções da rua, ao lado de outras residências, provavelmente, de madeira. Ao que parece, a primeira casa, mais próxima do fotógrafo, possuía uma cafeteria no térreo, em virtude de uma pequena placa escrito “Café”. Na segunda casa estava localizado o Hotel Silva. Ao destacar estas casas, tem-se a impressão que tentavam construir a imagem de uma rua – mas também de uma Praia – urbanizada e moderna; uma rua que, inclusive, “está sendo calçada com paralelepípedos”. Além disso, essa impressão é reforçada por outro elemento: a rua não está vazia, muito pelo contrário, há um fluxo considerável de pessoas caminhando, em meio a alguns carros estacionados.

Na legenda da fotografia, a Rua não é nomeada enquanto “do Baturité”, como no mapa, mas sim como “rua principal que liga a praia à estrada geral de Itajaí-Florianópolis”. Vale mencionar que o caminho para Florianópolis era o mesmo que levava para o centro do município de Camboriú; e o caminho para Itajaí era o que levava para a cidade de Blumenau. Esta estrada geral é representada no mapa, e faz parte, atualmente, da Avenida dos Estados:





Esta estrada, na verdade, indica a grande dependência que a Praia detinha com estes municípios:

Não, não tinha a BR naquela época. Então a maioria [dos sepultamentos] era em Camboriú, ou Itajaí. Todo mundo primeiro preferia Itajaí. E depois Camboriú, quem era mais pobre.<sup>72</sup>

O movimento dava sábado e domingo, pessoal vinha a pé, coisa e tal. Eu vendia muita bebida, cachorro quente, não tinha restaurante né. Então o pão eu trazia de Itajaí. Naquele tempo o ônibus era empresa Cesário, que ia de Itajaí a Florianópolis. Então as sete horas saía de Itajaí e eu saltava lá na esquina. Então o pão, a salsicha, tudo né, trazia de Itajaí.<sup>73</sup>

Na época aqui não tinha muitos recursos, então qualquer coisa tinha que recorrer a Itajaí, mesmo porque o sucesso se deveu muito a Itajaí. Porque a cidade, pela sua proximidade, deu a estrutura pra Balneário Camboriú em termos de gastronomia, o maquinário. (...) Então o que realmente se precisasse comprar tinha que ser em Itajaí, ou tinha que ser em Blumenau, porque Itajaí não era uma cidade muito grande, era uma cidade médio porte. Mas não tinha muitos recursos então você tinha que se dirigir a Blumenau para comprar equipamentos, tudo isso, porque Blumenau era a grande capital da região. Então isso facilitava muito e essa integração foi fundamental, porque qualquer coisa que você desejava tinha esses dois lugares para ir.<sup>74</sup>

Porque naquela época tinha que fazer tudo em Blumenau, inclusive os médicos. Não existia

---

<sup>72</sup> PEREIRA, Iris de Souza, op. cit.

<sup>73</sup> ROSA, Carlos da, op. cit.

<sup>74</sup> NUNES FILHO, Osmar de Souza. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 10 de julho de 2006.



hospital aqui. Qualquer coisa tinha ir pra Blumenau, ou Itajaí.<sup>75</sup>

Se o *Álbum* se esforçava em mostrar uma Praia com toda a infraestrutura necessária para atender os veranistas e turistas, com relação àqueles que residiam ali durante todo o ano, a situação era um pouco diferente. Como podemos observar nos depoimentos acima, para realizar diversas atividades do cotidiano, tais como comprar comida, ir ao médico ou realizar sepultamentos era necessário se deslocar para os municípios vizinhos.

Algumas ruas que aparecem no mapa acima são recordadas pelos entrevistados, como a então Avenida do Telégrafo. Quem nos conta é Álvaro Silva:

Isso tudo era morto, trilhas de roça que os próprios proprietários faziam para ter acesso, eles plantavam mandioca, produtos assim. Na Avenida Brasil era tudo assim, roças, a gente saía daqui e ia caçar passarinho.<sup>76</sup>

Álvaro Silva e sua família fazem parte do grupo de pessoas que fixaram residência na Praia de Camboriú a partir da década de 40 e 50. Vindos de Blumenau, em 1939, sua família abriu um dos primeiros armazéns de secos e molhados da Praia, o Armazém Silva. É interessante observar no depoimento acima que as práticas descritas e recordadas estão muito mais associadas a uma vida rural, do que a uma vida urbana. Não são ruas calçadas de paralelepípedos, movimento de pessoas entre o comércio e automóveis que são evocados, mas, sim, ruas com chão de areia, tomadas por roças e plantações. Os deslocamentos, especialmente os de automóveis, dependiam do ritmo da natureza, como a oscilação da maré. Com relação a isto, quem recorda é Gert Hering, natural de Blumenau, que passou a frequentar a Praia em fins dos anos 40, enquanto veranista:

---

<sup>75</sup> HERING, Gert. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 29 de maio de 2006.

<sup>76</sup> SILVA, Alvaro. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 02 de maio de 2006.

As ruas naquela época não tinham praticamente calçamento nenhum. Era chão de areia, saibro, e olhe lá. A gente atolava o carro porque a Avenida Atlântica não existia. Existia um carreiro lá, volta e meia um atolava o carro, principalmente andava de carro na praia pra chegar nas praias. A gente passava pela central, pegava a praia e ia pro pontal norte ou pontal sul, depende da maré, porque a Avenida Atlântica era um picadão.<sup>77</sup>

Ao recordarem as ruas e avenidas da antiga Praia de Camboriú, uma característica chama atenção: a nomenclatura dos logradouros. A maioria das ruas na Praia de Camboriú levava nomes de pessoas, de sobrenomes e de cidades, como podemos observar no mapa: Rua Brusque, Rua Scheraeder, Rua Keller, Rua Francisco Souza, Rua da Inês, Rua Todeschine, Rua Dr. Alencastro, Rua Dr. Rudi, Rua dos Ramos. Isso ocorreu até 1967, quando um novo sistema de nomenclatura dos logradouros públicos passou a vigorar<sup>78</sup>. Silveira Junior, o mesmo autor do *Álbum Fotográfico-Descritivo*, sugeriu à Prefeitura que as ruas da área central fossem organizadas por números, ao invés de nomes. Esta sugestão já estava presente no *Álbum*, escrita atrás do mapa, anos antes de ser acatada de fato. Segundo Silveira Junior, a enorme quantidade de caminhos, ruas e estradas tornava difícil localizar alguma residência. Mas a nomenclatura por números seria, segundo o autor, “uma solução moderna”. Dessa forma, as ruas ao sul da atual Avenida Central teriam número pares; e para o norte, ímpares. De acordo com Silveira Junior, “seria uma imitação do prático sistema norte-americano, aplicado à cidade de Nova Iorque”<sup>79</sup>. Antes disso, os nomes aplicados às ruas não eram instituídos pela Prefeitura, mas, sim, escolhidos por aqueles que frequentavam ou residiam na Praia. Estes antigos nomes resistem na memória dos entrevistados:

A Avenida Atlântica não existia, a Avenida Brasil, nada nada. Só tinha caminhos. Era só caminhos, não tinha, não existia nada. Ah, daí na época eu já podia dizer que morava na Rua Tubarão. Porque

---

<sup>77</sup> HERING, Gert, op. cit.

<sup>78</sup> **Lei nº 0055/1967.** Racionaliza denominação de ruas, avenidas e logradouros públicos da sede do município. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 20 de junho de 1967.

<sup>79</sup> SILVEIRA JUNIOR, Norberto, op. cit.

essa foi uma das poucas ruas com nome, Tubarão. Eu acho que é porque morava o Seu Barreto, o Dr. Bahia, Dr. Alencastro. Não sei se foram eles que deram o nome, sei lá como foi, mas era Tubarão. Tinha a rua do Praia Hotel. Quando eu casei já tinha nome, já era Rua Tubarão. As ruas era mais por nomes de pessoas.<sup>80</sup>

A Rua Tubarão, mencionada por Iris, é a atual Rua 1201. Outro ponto interessante, que podemos observar no depoimento acima, é que é recorrente os entrevistados mencionarem que, antes, “não havia nada”, como aponta Iris, ou “era tudo morto”, como relembra Álvaro Silva no depoimento anterior. Ao que parece, este passado recordado – esse “antes” – está se referindo a um período onde a Praia ainda era pouco urbanizada e verticalizada. No entanto, como demonstrado ao longo do capítulo, havia sim algo neste “nada”: personagens, lugares e práticas sociais compunham Balneário Camboriú antes de ser tomada por prédios e concreto. Certamente trata-se de uma cidade bastante diferente da atual, mas não podemos dizer que era um lugar vazio, morto ou inexistente.

Candau chama atenção para o fato de que a memória é incapaz de restituir fielmente a duração dos acontecimentos. De acordo com o autor, “a consciência do passado, não é a consciência da duração; e se nos lembramos de acontecimentos passados, não temos a memória de sua dinâmica temporal, do fluxo do tempo cuja percepção, como sabemos, é extremamente variável em função da densidade dos acontecimentos”<sup>81</sup>. Dessa forma, a memória pode contrair o tempo e, em outras circunstâncias, ao contrário, pode conferir ao tempo uma extensão maior. Antes de ocorrer o acelerado processo de urbanização na cidade, que se iniciou, especialmente, a partir dos anos 1970, tem-se a impressão, nas entrevistas, de um tempo comprimido, sem acontecimentos, um “nada”. Isso parece mudar quando o período recordado é pós 1964, momento em que uma quantidade considerável de obras de infraestrutura foram realizadas na cidade, e quando se inicia o processo de verticalização na orla marítima; assunto que abordaremos no próximo item deste capítulo.

A Rua Tubarão é lembrada também por Olíndio Miguel, pescador e morador da cidade desde 1940, que parece recordar mais

---

<sup>80</sup> PEREIRA, Iris de Souza, op. cit.

<sup>81</sup> CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 88 e 89.

facilmente do nome anterior, do que do nome adotado pelo “moderno sistema norte-americano”:

É, ela [esposa] é filha daqui mesmo. Filha de Mané Constantino. Ela morava ali, ali na Rua Tubarão. *Na Rua Tubarão que hoje é 1201?* Mudaram a rua, é? *Hoje não é mais Tubarão, é 1201.* Ah, é! É. Mudaram aquela rua. (...) Eu tinha duas moradas. A primeira morada era ali na frente, perto da Rua Tubarão. Depois nós vendemos a de lá e compramos a de cá, do falecido Aniceto, aí mudemos pra cá. Então de lá eu vendi e comprei aqui. Aqui faz 45 anos.<sup>82</sup>

Muitas vezes, os próprios entrevistados possuíam seus nomes nas ruas em que possuíam residência, como no caso de Carlos da Rosa:

A Avenida do Estado é a estrada que ia pra Florianópolis e Itajaí. A Avenida Brasil era um caminho da telefônica, era conhecido como Caminho do Telegráfico. E aqui nessa estrada Avenida Central, veio o nome de Laureano Bittencourt. Até essa rua aqui, a Rua 600, era o meu nome, Carlos da Rosa. E assim foi botado o nome conforme as pessoas que tinha alguma coisa né. Mas tudo era pasto, tudo isso aí não tinha, depois foi indo, foi indo.<sup>83</sup>

Os nomes das ruas da área central da praia não eram de nativos, mas, na sua maioria, de pessoas que vieram de outras localidades e passaram a frequentar e fixar residência na Praia, como o comerciante Carlos da Rosa. O aumento demográfico na Praia de Camboriú, especialmente a partir dos anos 50, faz surgir uma questão: como se estabeleciam as relações entre estes novos sujeitos e aqueles que já estavam ali, os pescadores?

O *Álbum Fotográfico-Descritivo* mencionava a pesca – uma prática quase invisível em Balneário Camboriú nos dias atuais – enquanto

---

<sup>82</sup> MIGUEL, Olíndio. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 31 de outubro de 2006.

<sup>83</sup> ROSA, Carlos da, op. cit.

uma atração turística. O arrastão, por exemplo, era descrito enquanto “um espetáculo diário que muito diverte os veranistas”:



**Figura 18: A pesca, *Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú, 1952.***  
**Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Diversas pessoas estão localizadas em torno do arrastão na fotografia acima, alguns a observar, outros a puxar as redes de pesca. Atrás das pessoas, um conjunto de casas, com seus telhados pontiagudos, o que nos dá uma noção de como era a ocupação da orla marítima neste momento – num período em que as copas dos coqueiros e os morros eram os elementos mais altos da paisagem. Nelson Nitz, que frequenta a cidade desde 1958, relembra dos arrastos:

A praia, a pesca da tainha era muito abundante. Eles tinham a rede, e quando dava aquele cerco, era aquela algazarra, todos corriam para a praia, puxavam as redes, depois nós ganhava a tainha

pelo pagamento do serviço de ajudar, aquilo era a maior festa, a pescaria da tainha.<sup>84</sup>

A pesca da tainha parecia ser, conforme vemos no depoimento acima, um momento significativo no cotidiano da Praia. Tratava-se de uma prática coletiva, que agregava pessoas diversas.

Na Figura 18, o *Álbum* mencionava a venda de produtos diversos “de porta em porta”, uma prática recorrente no período. A limitada estrutura comercial na época obrigava os moradores da Praia trocar mercadorias entre si. Nas estreitas avenidas e ruas de barro eram as carroças que faziam as entregas e as trocas comerciais. Ao que parece, a relação entre os pescadores e os demais moradores da Praia se dava especialmente durante estas trocas de mercadorias. Álvaro Silva recorda estas transações comerciais:

Porque nós tínhamos o verão, mas no inverno nós vivíamos com a comunidade local, com os pescadores, porque a gente fornecia e comprava dos pescadores, fazia escambo. Tinha muito escambo na época né. Era a troca, eles vinham aqui no armazém se abasteciam, compravam aquilo que não produziam, eles traziam sacos de café, peixe seco, eles pegavam grande quantidade de peixe, e secavam no sol com sal, como o bacalhau. Tinha pouco dinheiro mas muito escambo, na baixa temporada mesmo aparecia pouco dinheiro, não tinha salário, o que eles produziam trocavam por mais serviços ou outras mercadorias. Isso bem no início, bem no início, depois mudou, quando nós viemos era bem rudimentar.<sup>85</sup>

Isaque Borba Corrêa, conhecido como o historiador da cidade, foi um dos entrevistados pelo *Projeto Memória*. Apesar de ter sido chamado para participar do Projeto, principalmente, em virtude de suas pesquisas sobre a história da cidade, sua narrativa é construída em torno de sua infância e juventude, enquanto filho de pescadores. Ele lembra a cidade quando era criança, em fins dos anos 60:

---

<sup>84</sup> NITZ, Nelson. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 21 de junho de 2006.

<sup>85</sup> SILVA, Alvaro, op. cit.

As estradinhas eram todas de areia, recém tinham sido abertas. E as casinhas ali era tudo de turistas, de alemães. Era alemães mesmo, nem falavam nada de português. Então a gente vivia ali vendendo umas coisinhas ali pra eles, vendia peixe, leite, pão, frutas e bambu, vendia-se muito bambu pra fazer cerca. Como que a gente se comunicava com eles era da seguinte forma: eles não falavam português, eles se negavam a falar por preconceito, a maioria, então a gente se falava por sinais. Então a gente chegava na casa deles, chamava tudo quanto era palavirão feio, aquela barulheira de rapaz pequeno, e eles vinham ver o que era. E daí a gente mostrava o produto. Fazia a quantidade no dedo, um cruzeiro, dois cruzeiros, eles davam o troco certinho.<sup>86</sup>

No processo de construção da memória sobre a cidade do passado, os entrevistados também constroem uma identidade sobre si. No relato de Isaque percebemos uma divisão clara; dos grupos sociais que frequentavam a praia, Isaque insere-se em um específico: os pescadores nativos; em contraposição a eles, os alemães – referindo-se aos teuto-brasileiros do Vale do Itajaí. Isso vai ao encontro com o que pontua Michael Pollak: a memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade de grupos e de indivíduos<sup>87</sup>. Como afirma Joel Candau, é a partir de um mundo classificado, ordenado e nomeado em sua memória, “de acordo com uma lógica do mesmo e do outro subjacente a toda categorização – reunir o semelhante, separar o diferente – que um indivíduo vai construir e impor sua própria identidade”<sup>88</sup>. No relato acima, outro elemento de alteridade é o idioma, que tornava a comunicação entre estes sujeitos limitada, restringindo-se a gestos com as mãos para venda de produtos.

Isaque e sua família moravam na Barra Norte, e o posto de pesca de seu pai era bem em frente ao Hotel Marambaia. Um *causo* contado por Isaque, apesar de longo, é muito revelador:

---

<sup>86</sup> CORREA, Isaque Borba. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 23 de março de 2007.

<sup>87</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 205.

<sup>88</sup> CANDAU, Joel, op. cit., p. 84.

Eu lembro que um dia a gente tava na praia, estávamos ali quase na saída da rua do Marambaia, quase por ali, onde ficava o ponto do meu pai, e o ônibus estacionou onde é mais ou menos o edifício Saveiro. De longe a gente via que era um ônibus escrito “Turismo”. E eu, meu irmão mais velho do que eu, e meu primo Denico começamos a questionar o que era aquilo, o que que era “Turismo”. Isso em volta de 1969. O que é turismo? Aí meu irmão muito gozador, presença de espírito muito grande, ele disse: “Isso aí é torresmo, ele vende torresmo, não entra dentro daquele ônibus que tem muita catinga de porco”, ele disse assim. Aí eu, que era mais moço, mas era mais esperto do que eles, disse: “não, cara, isso é nome de uma cidade, isso aí é o nome de uma cidade, onde a Praiana bota o nome pra cidade pra onde ela vai”. “Ô seu burro”, ele disse pra mim, “tu não vês eu conheço todas as cidade daqui, Joinville, Blumenau, Tijucas, Florianópolis, Porto Belo, Itajaí, não tem Turismo, não tem essa cidade”. E eu achei aquilo tão convincente, aquele mapa dele, que eu me convenci, realmente acho que essa cidade não existe, não tem Turismo mesmo, não é nome de uma cidade. E nós fizemos um papo cabeça ali, e custamos a saber o que era turismo. Aí na década de 70, já começaram a falar mais de turismo, já tinha secretaria de turismo. Daí a gente foi entendendo, que turismo era uma coisa, assim, sinônimo de passeio, viagem, tu vem lá de Blumenau e vem passear aqui. Isso era uma coisa que não entrava muito na nossa cabeça, turismo, essa palavra esquisita.<sup>89</sup>

A história acima ocorreu em fins dos anos 1960, ou seja, num período em que já havia um conjunto significativo de hotéis e uma infraestrutura turística já se esboçar na cidade. Ainda assim, o grupo definido enquanto “turistas” ou a prática do “turismo” ainda era vista com estranhamento por alguns pescadores. A Secretaria de Turismo é criada

---

<sup>89</sup> Ibidem.



em 1970<sup>90</sup>, o que institucionalizou a prática do turismo no município, e contribuiu para tornar este conceito mais familiar para os antigos moradores.

Com relação a sua proximidade com o Hotel Marambaia, Isaque lembra:

O Hotel que marcava pra mim era o Marambaia. Porque nós vivíamos ali um poço social muito profundo. O Marambaia que tinha rico, fartura de comida, aquele cheirinho de comida. (...) A gente olhava pra dentro do Marambaia, via aqueles desenhos bonitos. Era impossível pra nós entrar dentro do Marambaia. (...) Nós tínhamos o rancho do lado, do lado era o rancho onde eu me criei. Tinha o Hotel Marambaia, a casa do Silveira Junior, uma casinha amarela de madeira, e o nosso rancho. E eu me criei ali, catinando a peixe, comendo peixe que eu detestava. (...) aquele cheirinho de comida boa, aquela piscina. Aquela piscina tinha uma cerca de madeira, a gente espiava, não conseguia ver muito bem. Às vezes via aqueles ricos ali. Então aquilo ali era a lembrança que eu tenho de hotel era aquilo ali.<sup>91</sup>

Embora os hotéis localizados na orla marítima sejam lembrados enquanto referências espaciais nas memórias dos entrevistados, isso não significa que eram espaços apropriados. Apenas externamente, visualmente, enquanto marcos na paisagem. Apesar da proximidade física, havia uma grande distância social. No depoimento de Isaque percebemos que o Hotel era um território que não lhe pertencia, não lhe era próprio. Quem os frequentava eram “aqueles ricos ali”.

A inauguração do Marambaia Cassino Hotel, em 1965, foi noticiada com entusiasmo pelo jornal *O Estado*:

Com uma movimentada noite de elegância, aconteceu no último sábado, a inauguração oficial do “Marambaia Hotel” um dos mais bonitos do Sul do País, no Balneário Camboriú. A promoção do cronista social

---

<sup>90</sup> **Lei nº 0126/1970.** Cria Departamento de Turismo no Município e dá outras providências. Balneário Camboriú, 09 de abril de 1970.

<sup>91</sup> *Ibidem.*

Sebastião Reis, teve o famoso conjunto de “Erinho”, que animou o mundo elegante lá reunido até às cinco horas da manhã. Especialmente convidado pela direção do Marambaia Hotel, deu um show de clássico o aplaudido pianista Angelino Loro, da cidade de Porto Alegre. Entre os convidados anotados: Ministro e senhora Luiz Gallotti, Secretário de Viação e a senhora Haroldo Pederneiras, Dr. Antonio Gallotti, Dr. Murillo Ramos e senhora, Dr. Rudi Affonso Bauer e senhora, Dr. Jorge Bornhausen e senhora (...).<sup>92</sup>

A lista de célebres convidados segue bastante longa. Na notícia acima, percebemos quem frequentava o Hotel Marambaia: “o mundo elegante”. Certamente, eram sujeitos muito distintos daqueles que estavam do lado de fora, a mirar a piscina e sentir o cheiro da fatura – os pescadores. Com frequência, durante o ano de 1965, o Hotel era mencionado nas colunas sociais do jornal *O Estado*.

A fotografia abaixo parece vir ao encontro do depoimento de Isaque:



**Figura 19: Arrasto na Praia Central, final da década de 1960. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

<sup>92</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos sociais. *O Estado*. Florianópolis, 12 de janeiro de 1965.

Um grande lance de tainhas mereceu uma fotografia. Pessoas em volta olhavam o monte de peixes a espera de serem vendidos. Ao que parece, o arrasto era um acontecimento importante na praia, que gerava o encontro de muitos indivíduos. No canto direito, uma casa de madeira, possivelmente residência para veraneio. Do lado da singela casa, o suntuoso, circular e moderno Hotel Marambaia. Era bem em frente a este Hotel que estava o posto de pesca da família de Isaque Borba Correa.

Quem seriam essas pessoas da fotografia? Possivelmente, pescadores orgulhosos com o grande arrasto, veranistas do Vale do Itajaí falando em alemão, antigos e novos moradores da região, os elegantes e curiosos hóspedes do Hotel Marambaia. O desejo de estar à beira-mar tornou o espaço da praia o local do encontro das diferenças.

Contudo, muitas vezes a relação entre os pescadores e os novos moradores/veranistas podia ser conflituosa, especialmente se considerarmos a questão da propriedade da terra. O desejo de estar à beira-mar gerou uma nova relação com a terra. Quem nos conta é novamente Seu Germano, ainda no relato mencionado no início deste capítulo:

Depois da instalação dos hotéis é que os terrenos começaram a encarecer. A pobreza foi procurando os morros, os verdadeiros donos da praia, que são os pescadores, esses, coitados, acharam melhor vender os seus terrenos aos banhistas para aproveitar os preços e desapareceram. E hoje só quem é rico pode ter um terreno aqui. Então pescador pode pagar terra a seis contos o metro?!<sup>93</sup>

Através do relato acima podemos perceber que, já no início da década de 50, ocorreu o processo de encarecimento dos terrenos à beira-mar. Este momento marcou o início da expulsão dos pescadores na Praia Central de Balneário Camboriú. Essa questão é relembrada por alguns entrevistados, como Klauss Fischer:

Antigamente faziam muita fogueira de São João na beira da praia. (...) Todo mundo fazia isso. A prefeitura fazia lá perto do Miramar, na ponte, um fogão bem grande né. O nosso não era tão grande. Botavam uma panela grande de quentão e todo

---

<sup>93</sup> GERMANO, Manoel, op. cit.

mundo que passava tomava um. Quer que eu conte aquela do pescador? Eu sei que me lembro de um caso ali, uns cinco, seis anos depois que nós tinha o hotel, também tinha alguns que já estavam meio mamado, aí um dos pescadores falou assim alto: “é, antigamente essa praia era tudo nosso”. Aí eu disse: “e por que não é mais?” “É porque os alemão desgraçado compraram tudo”. Aí eu perguntei: “mas por que é que venderam?” E ele disse: “não não, os alemão são culpados”.<sup>94</sup>

Nos depoimentos acima, Seu Germano menciona que os pescadores eram “os verdadeiros donos da praia”. Assim como o pescador no relato de Klauss Fischer, que reclamou que “antigamente era tudo nosso”. Ao demarcar um território enquanto seu, percebemos o quanto a posse das terras à beira-mar estava associada a uma questão identitária por parte dos pescadores. Um território que então lhes pertencia passou a ser dividido e tomado por grupos sociais distintos, especialmente, os “alemães”. Ao reclamar que antes eram donos da praia, parecem estar reivindicando um espaço que lhes era próprio. A venda dos terrenos à beira-mar gerava certo rancor por parte dos antigos proprietários, como algo que era seu e foi roubado.

Os teuto-brasileiros, que compraram terrenos à beira-mar, trouxeram para a Praia não apenas suas casas de veraneio ou seu idioma, mas também, sua religiosidade. A presença da comunidade teuto-brasileira se faz notar ainda hoje pela Igreja da Confissão Luterana, localizada na Rua 2300, entre a Avenida Brasil e Avenida Atlântica, bastante próxima da praia:

---

<sup>94</sup> FISCHER, Klauss, op. cit.



**Figura 20: Localização da Igreja da Confissão Luterana, Rua 2300.**

A comunidade luterana formou-se na Praia de Camboriú no ano de 1956, em virtude dos esforços de Berty Jensen, vinda de Blumenau, que reuniu algumas senhoras e formou a Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas. Inicialmente, os cultos eram realizados na casa de Berty, aos domingos à tarde, uma vez por mês, tanto em português, quanto em alemão. O atendimento era feito pelo Pastor Lindolfo Weingartner, que residia em Brusque. Como o espaço era pequeno e improvisado, iniciou-se a construção de uma capela, que foi inaugurada em 1961<sup>95</sup>:

---

<sup>95</sup> **50 anos da presença luterana em Balneário Camboriú e Jubileu de Ouro da OESA Pioneiras.** Informativo. Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil, 12 de junho de 2006, pp. 12 – 15.



**Figura 21: Igreja da Confissão Luterana, 1961. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

A capela foi construída em alvenaria, e segue linhas gerais das construções religiosas da Convenção da Confissão Luterana no Brasil. Destaca-se a torre de sineira na fachada, o óculo na torre e as janelas laterais em arco abatido. O coro no interior foi executado em madeira e o piso é revestido de ladrilhos hidráulicos<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> MARTINS, Lilian. **Parecer Técnico – Fundação Cultural de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú, 16 de agosto de 2007.

Por volta de 1960, havia cerca de 25 famílias luteranas residentes na Praia de Camboriú<sup>97</sup>. A Igreja da Rua 2300 serviu como local de culto da comunidade luterana até o ano de 1988, quando foi inaugurado um novo templo na Rua Indonésia, no Bairro das Nações. A partir de então, as atividades na antiga Igreja foram, pouco a pouco, sendo desativadas.

Contudo, dez anos depois, em 1998, a Igreja da Confissão Luterana da Rua 2300 foi tombada enquanto Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico a nível municipal<sup>98</sup>. Apesar do tombamento, a rotina da pequena capela permaneceu a mesma, não ocorrendo nenhuma ação para a que Igreja fosse aberta e mais utilizada pelos moradores da cidade.

A subutilização da Igreja deu margem, e serviu enquanto justificativa, para que a Construtora Ciaplan sugerisse a construção de um prédio no local. A capela pertencia à associação luterana Wally Heidrich, que não tinha condições de manter o imóvel e ofereceu o terreno à Construtora. No ano de 2007, essa Associação recorreu a Prefeitura para revogar o Decreto de 1998, que tombava a Igreja, alegando que tal Decreto era “um ônus para a instituição, já que não havia recursos para manutenção em decorrência do tombamento”<sup>99</sup>. Vale mencionar que no Decreto de tombamento, não apenas a Igreja é tombada, como também a área de entorno, totalizando 874 metros quadrados de terra.

O Decreto não foi revogado, no entanto, a construção de um edifício em cima da capela foi aprovada pelo Conselho da Cidade, com a justificativa de manter o patrimônio. Dessa forma, o Edifício Tour Chapelle foi inaugurado em 2014:

---

<sup>97</sup> **50 anos da presença luterana em Balneário Camboriú e Jubileu de Ouro da OESA Pioneiras**. Informativo. Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil, 12 de junho de 2006, p. 13.

<sup>98</sup> **Decreto nº 2937/1998**. Tomba como Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico a Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil, e dá outras providências. Balneário Camboriú, 03 de fevereiro de 1998.

<sup>99</sup> Solicitação enviada a Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú. Requerente: Associação Wally Heidrich. Balneário Camboriú, 04 de junho de 2007.



**Figura 22: Igreja da Confissão Luterana, com Edifício Tour Chapelle “em suas costas”, 2014. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**



**Figura 23: Edifício Tour Chapelle. Fonte: ciaplan.com**



No folder de divulgação do Edifício, a construção aparece enquanto uma solução moderna, aliando o antigo com o contemporâneo:



**Figura 24: Folder de divulgação do Edifício Tour Chapelle. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Na imagem acima, podemos ler no canto superior esquerdo:

A Ciaplan segue uma tendência mundial ao realizar um projeto inovador, em harmonia com a paisagem e a história de Balneário Camboriú. A Construtora irá restaurar a Capela Luterana, monumento municipal, incorporando-a ao empreendimento. O projeto é inspirado em obras da arquitetura européia, que interferem nas construções seculares como forma de preservação e valorização cultural. O residencial envolverá a capela de forma escalonada. As paredes internas de torno da antiga construção receberão vidro em grande parte, proporcionando visualização privilegiada.

O caso desta Igreja revela o quão problemáticas são as questões relativas ao Patrimônio Histórico em Balneário Camboriú. Ainda que a Igreja não tenha sido derrubada, é preciso refletir até que ponto ela foi “preservada”, como afirma o folder acima. Todo o contexto da obra se perdeu. A capela foi engolida por um prédio de dezenas de andares, e vedada com uma parede de vidro, transformando-a em um mero objeto cenográfico. Um bem que é de interesse público, foi transformado em um

ornamento de um prédio residencial. O Patrimônio aparece enquanto moeda de troca para venda de apartamentos, e sua suposta preservação como forma de promover a Construtora.

Em Balneário Camboriú, decretos em defesa do Patrimônio Cultural não possuem força alguma perante a pressão da indústria da construção civil, especialmente nas áreas próximas ao mar. A ausência de ações do poder público municipal com relação ao Patrimônio Cultural da cidade abre brechas para que o capital privado atue em praticamente todo e qualquer lugar.

Há apenas mais um bem tombado pelo município de Balneário Camboriú – que também é tombado a nível estadual – que é a Igreja Santo Amaro<sup>100</sup>, no Bairro da Barra. Ao que parece, o tombamento desta Igreja ainda resiste por este bem estar localizado em um bairro que, até o momento, não é tão cobiçado pelo mercado imobiliário, como ocorre na quadra do mar. Esta realidade parece estar se transformando, mas este tema será abordado na parte 3 deste capítulo.

Ainda hoje, em Balneário Camboriú, não há uma lei municipal que trate especificamente sobre a proteção de bens culturais. Os Decretos nº 3007 e 2937, que tombam, respectivamente, a Igreja Santo Amaro e a Capela Luterana, tem base no que dispõe o Decreto nº 1977, do ano de 1989, que cria o Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico, Turístico e Paisagístico de Balneário Camboriú<sup>101</sup>. Este pequeno Decreto estipula brevemente as funções deste Conselho, que são, de maneira geral, indicar o imóvel que se pretende tomba, apresentar os motivos do tombamento e os dados técnicos, além do mapa da área a ser tombada. O Patrimônio Cultural é mencionado no Plano Diretor e na Lei de Uso e Ocupação do Solo, dos anos de 2006 e 2008, que estão em vigor. Contudo, o que temos são diretrizes gerais e vagas, que abrem brechas para que ações como a da Capela Luterana ocorram.

Uma nova realidade viria a se configurar a partir de 1964, especialmente, a partir dos anos 1970, em Balneário Camboriú. Um

---

<sup>100</sup> **Decreto nº 3007/1998.** Tomba como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bonsucesso – Capela Santo Amaro, e dá outras providências. Balneário Camboriú, 10 de setembro de 1998. **Decreto nº 2.992/1998.** Tomba como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bonsucesso – Capela Santo Amaro. Florianópolis, 25 de junho de 1998.

<sup>101</sup> **Decreto nº 1977/1989.** Cria o Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico, Turístico e Paisagístico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 11 de agosto de 1989.

suposto “progresso” toma conta dos discursos sobre a cidade, seja nos periódicos, nas entrevistas ou na legislação municipal. A orla marítima passa por um processo de intensas transformações, marcadas, especialmente, pelo início da verticalização. Veremos estas questões mais detalhadamente a seguir.

## II.II. A Praia emancipada: Balneário Camboriú, a cidade do futuro

Caminhando pela área central de Balneário Camboriú, encontramos a Praça Higino Pio, localizada entre as principais vias da cidade, como as Avenidas Atlântica, Brasil, Central e Alvin Bauer. Também está próxima da principal Praça de Balneário Camboriú, a Almirante Tamandaré, e é circundada por edifícios, bares e restaurantes:



**Figura 25: Praça Higino Pio, Balneário Camboriú, 2016. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Sua localização faz que com esta Praça seja bastante frequentada e um importante local de passagem. No mapa abaixo podemos visualizar sua localização:



**Figura 26: Localização da Praça Higino Pio.**

Essa Praça foi criada no ano de 1976<sup>102</sup>, e homenageia o primeiro prefeito da cidade, Higino João Pio, eleito em 1965. Vale lembrar que Balneário Camboriú foi elevado à categoria de município em 20 de junho de 1964. Antes disso, a então Praia de Camboriú era subordinada à Prefeitura do município de Camboriú. Nascido em Itapema, no ano de 1922, Higino Pio mudou-se para a então Praia de Camboriú no ano de 1951, enquanto comerciante. Foi dono de uma mercearia, mas atuou, principalmente, no ramo hoteleiro, com o Hotel Pio, localizado na Avenida Central<sup>103</sup>.

<sup>102</sup> **Lei nº 0358/1976.** Denomina praças públicas e dá outras providências. Balneário Camboriú, 23 de abril de 1976.

<sup>103</sup> CHEDID, Luiz Carlos. **Informativo Projeto Memória.** 1ª série: 1964 – 2000. Balneário Camboriú, s/d.

Eleito prefeito para os anos de 1965 a 1970, pelo Partido Social Democrático, o PSD, Higino Pio é um dos personagens mais recordados nas entrevistas realizadas pelo *Projeto Memória*. O ex-prefeito é, com frequência, lembrado enquanto um homem de trato simples, bastante envolvido com os moradores da pequena comunidade. Olíndio Miguel, pescador, conta:

Oh! O falecido Pio era uma pessoa boa. Nós pescava lá nas Queimadas, ele ia com nós. Comia pirão frito, era da pobreza. É porque ele foi criado na Itapema também. Ele começou a vida dele vendendo peixe numa carroça e dois cavalos. Aí depois ele foi pra Blumenau, morar um tempo, e depois ele veio morar aqui pra Camboriú. Ele era meu compadre.<sup>104</sup>

No entanto, é o episódio de sua morte um dos fatos mais recordados pelos entrevistados. Em 1969, Higino Pio e outros funcionários da Prefeitura foram presos em Balneário Camboriú por agentes da Polícia Federal e levados para a Escola de Aprendizes Marinheiros de Florianópolis. Doze dias depois, em 3 de março de 1969, a família foi notificada de sua morte. Todo o tempo que permaneceu preso, o político ficou incomunicável e a versão das autoridades foi que ele havia cometido suicídio. Esta versão nunca foi bem aceita até que, em novembro de 2013, a Comissão Estadual da Verdade realizou uma audiência pública em Itajaí coletando depoimentos sobre o caso. Em 2014, A Comissão Nacional da Verdade e a Comissão Estadual da Verdade Paulo Stuart Wright, de Santa Catarina, confirmaram que Higino João Pio foi assassinado em março de 1969, por representantes do regime militar<sup>105</sup>.

Ao serem questionados sobre qual o acontecimento que mais marcou a cidade de Balneário Camboriú, a maioria dos sujeitos entrevistados pelo *Projeto Memória* não hesita em mencionar a morte do ex-prefeito. Entrevistados no ano de 2006, ou seja, anos antes do desfecho que confirmou o assassinado de Pio pela Ditadura Militar, os sujeitos revelam suas dúvidas sobre a versão do suicídio:

---

<sup>104</sup> MIGUEL, Olíndio, op. cit.

<sup>105</sup> POZZO, Patrícia. Peritos confirmam que político de Santa Catarina foi assassinado durante a ditadura. **G1 Santa Catarina**. Florianópolis, 2 de junho de 2014. In: < <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/06/comissao-nacional-da-verdade-confirma-assassinato-de-higino-pio.html>> Acessado dia 02 de fevereiro de 2016.

Então fizeram coisa pra burro no governo dele e como ele era um líder político muito grande, e tinha uma disputa entre UDN e PSD, aí ele fizeram denúncias. Essas denúncias todas que estavam no documento, nenhuma foi comprovada, mas só que naquela época você denunciava e era preso, depois que eles iam ver se tu tinha cometido o crime ou não. Entende como é?<sup>106</sup>

Ah! O que deu comentário foi a morte do Pio. Sem mais nem menos chegaram, “tá preso, vamos te levar”. E aí levaram pra Florianópolis, e depois disseram que se suicidou. Mas essa história não está aceita por ninguém, por ninguém. Eu sei que foi pra aquele 5º batalhão da lá Marinha de Florianópolis, depois foi pro Rio de Janeiro, e desapareceu. Isso a história não está bem contada não. O povo ficou revoltado.<sup>107</sup>

Que eu saiba o pior, o pior de todos, foi a morte do Higino Pio. Foi triste, isso chocou a população. Eu acho que foi o fato mais marcante.<sup>108</sup>

A morte do Pio foi uma coisa que abalou a cidade. O povo não estava preparado para coisa dessas. Ele podia ter seus defeitos, seus problemas de administração, mas ele era um homem simples, muito querido.<sup>109</sup>

Não posso nem comentar, sobre o absurdo que fizeram. *O senhor conheceu ele?* Muito bem, nós era amigo, sou amigo do filho.<sup>110</sup>

---

<sup>106</sup> SILVA, Alvaro, op. cit.

<sup>107</sup> GADOTTI, Antonio, op. cit.

<sup>108</sup> HERING, Gert, op. cit.

<sup>109</sup> MEIRINHO, Gilberto. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 01 de junho de 2006.

<sup>110</sup> FISCHER, Klauss, op. cit.

E um fato ruim foi quando faleceu o Sr. Higino João Pio, que foi desastre, que marcou muito, foi triste.<sup>111</sup>

Como podemos observar nos depoimentos acima, o falecimento de Higino Pio abalou os moradores da pequena cidade, sendo recordado por aqueles que viveram esse período. Na Praça que leva seu nome, mencionada anteriormente, encontramos um busto que representa o ex-prefeito:



**Figura 27: Busto de Higino Pio – monumento anônimo, 2014. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

No monumento acima, é curiosa a ausência de uma placa, indicando o nome de quem se trata aquele rosto. Ao contrário da lógica usual dos monumentos, que buscam singularizar as personalidades ali representadas, este busto em Balneário Camboriú se tornou tão anônimo

---

<sup>111</sup> MAFRA, Olávio. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de abril de 2006.

quanto os demais usuários da Praça: pode ser qualquer pessoa. Se não bastasse isso, o monumento anônimo está camuflado no canto da Praça, esquecido, quase invisível, inominado.

Nos dias atuais, a memória do falecimento de Higino Pio parece estar presente apenas entre aqueles que vivenciaram este acontecimento. O Regime Militar instaurado meses antes da emancipação de Balneário Camboriú, em 1964, foi o mesmo que brutalmente assassinou seu primeiro prefeito. No ano de 2015, ironicamente a poucos metros de distância da Praça que leva o nome do ex-prefeito, um grupo de manifestantes exigia a intervenção militar no país, como forma de limpeza política<sup>112</sup>. A morte de Higino Pio revela as arbitrariedades da Ditadura Militar. Contudo, o ex-prefeito, infelizmente, permanece esquecido e anônimo, no canto de uma praça.

Higino Pio é recordado não apenas em virtude de seu abrupto falecimento, mas também por estar relacionado com o episódio da emancipação política da cidade. No processo de construção de memórias sobre a cidade de Balneário Camboriú, este episódio e esse personagem são, com frequência, recordados enquanto *rupturas inaugurais*<sup>113</sup> pelos sujeitos entrevistados. Um deles é Olávio Mafra Cardoso, primeiro farmacêutico da cidade, que instalou sua farmácia no ano de 1954, na Avenida Central. Sobre a emancipação, ele recorda:

Teve muita mudança depois da emancipação. Isso cresceu muito, parece que foi injetado vitamina aqui. Cresceu muito Balneário Camboriú.<sup>114</sup>

Osmar de Souza Nunes Filho, proprietário do Hotel Marambaia, lembra do episódio de maneira semelhante:

De qualquer forma, a cidade começou a ficar com seus passos bem fortes quando se tornou município em 1964. Então que tudo foi colocado com cuidado na cidade.<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> SPAUTZ, Dagmara. Grupo se reúne em Balneário Camboriú para pedir intervenção militar. **O Sol Diário**. Itajaí, 25 de abril de 2015. In: < <http://wp.clicrbs.com.br/guarda-sol/>> Acessado dia 02 de fevereiro de 2016.

<sup>113</sup> CANDAU, Joel, op. cit., p. 96.

<sup>114</sup> MAFRA, Olávio, op. cit.

<sup>115</sup> NUNES FILHO, Osmar. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 10 de julho de 2006.



A emancipação é recordada como um ponto de flexão na história da cidade. A partir de então, a cidade começa a “crescer”, dar seus “passos fortes”. Além disso, este episódio é recordado como forma de opor duas cidades, Camboriú e Balneário Camboriú. Com relação a isso, João Kleis, vereador entre 1977 a 1983, menciona:

Tudo mudou depois da emancipação, tomamos outro direcionamento. A prova é que Balneário Camboriú hoje e Camboriú hoje são completamente diferentes. (...) Mas o Balneário cresceu e tomou outro rumo, e Camboriú não. Ir pra Camboriú, a estrada é igual 40 anos atrás, é a mesma estrada. A cidadezinha infelizmente ficou parada.<sup>116</sup>

Camboriú, descrita enquanto uma cidade onde pouca ou quase nenhuma transformação ocorreu em seu espaço ao longo do tempo, é contraposta a Balneário Camboriú. As cidades, de acordo com o depoimento acima, são opostas e diferentes: enquanto uma permaneceu “parada” no tempo, outra seguiu em movimento, em transformações no sentido de um suposto progresso. A emancipação política é recordada pelos entrevistados enquanto um “momento-origem, que funda as identidades presentes”<sup>117</sup>, como menciona Candau, ou seja, a partir deste episódio, a cidade começa a se tornar aquilo que ela é atualmente.

Assim sendo, o que ocorreu na cidade, com relação aos seus lugares urbanos e práticas sociais, a partir de sua emancipação política? Duas questões são importantes para responder esta pergunta, e que serão debatidas ao longo desta segunda parte do capítulo: as ações e intenções da recém criada Prefeitura e o início do processo de verticalização na orla marítima.

É logo após a emancipação, durante e a partir do governo de Pio, que uma série de obras de infraestrutura despontaram na cidade. Algumas das principais obras durante a gestão de Higino Pio, entre 1965 a 1969, foram a implantação de 6300 metros do muro de arrimo para construção da Avenida Atlântica, a arborização e iluminação desta Avenida, e a

---

<sup>116</sup> KLEIS, João. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 30 de maio de 2006.

<sup>117</sup> CANDAU, Joel, op. cit., p. 95.

pavimentação da Avenida Brasil e Avenida do Estado<sup>118</sup>. Além do convênio com a Companhia de Águas e Saneamento de Santa Catarina (CASAN), para abastecimento público de águas, até então feito por entes privados. Pio ainda implantou no novo município escolas, biblioteca pública, postos de saúde e a construção de habitação de caráter popular. As atividades realizadas no governo de Higino Pio foram noticiadas pelo Jornal *O Estado*:

O senhor Higino João Pio, o primeiro prefeito eleito do Balneário Camboriú vem trabalhando com afinco em prol no progresso do nosso município. Contando com o apoio do governo de Celso Ramos, conseguiu o nosso prefeito caminhões e máquinas do Estado. (...) A melhoria de nossas ruas, com o alargamento e macadamização tem merecido a melhor atenção por parte do prefeito Higino Pio que antes mesmo de assumir suas funções conseguiu seu maior triunfo com a solução para a próxima temporada do até então angustiante problema de abastecimento de água.<sup>119</sup>

Depois da morte de Pio, a cidade foi administrada, entre 1969 e 1970, pelo engenheiro Egon Alberto Stein, nomeado pelo Governo Federal. Neste período, foram elaborados os ante projetos para a construção das 3ª e 4ª Avenidas, que seriam grandes avenidas paralelas à Avenida Brasil, quebrando o traçado espinha de peixe, cujo arruamento era perpendicular à praia e não permitia a permeabilidade da circulação no sentido norte-sul do município<sup>120</sup>. Estes projetos foram concretizados na gestão posterior, entre os anos de 1973 e 1977, pelo também nomeado prefeito Gilberto Américo Meirinho, juntamente com a abertura da Avenida Atlântica em sua totalidade.

Até a emancipação, as ações da Prefeitura com relação ao espaço da orla marítima eram muito poucas. As transformações ocorriam,

---

<sup>118</sup> CASTRO, Milusa. **O público e o privado na configuração do espaço urbano em Balneário Camboriú**. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia, p. 23.

<sup>119</sup> CYZAMA. Notícias do Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 01 dezembro de 1965, p. 5.

<sup>120</sup> FLORES, Heloísa, op. cit., p. 99.

principalmente, a partir da iniciativa privada, como, por exemplo, os loteamentos realizados na década de 50. No entanto, depois de 1964, a recém criada Prefeitura passou a atuar mais intensivamente na região central de Balneário Camboriú. Essas obras na infraestrutura municipal foram, com frequência, noticiadas pelos jornais em fins dos anos 1960 e início da década de 1970, como vemos na reportagem acima.

Em 1970, o Jornal *A Voz do Litoral*, informava o convênio entre a Prefeitura e o Departamento Autônomo de Engenharia Sanitária de Santa Catarina, para a realização do Serviço de Água e Esgoto na cidade. Também mencionava as obras de reconstrução da Avenida Atlântica<sup>121</sup>. No mesmo ano, o Jornal *O Estado* noticiava que a Avenida Atlântica, “inteiramente remodelada”, foi aberta ao trânsito. Outra novidade no balneário, de acordo com o Jornal, “é a nova iluminação da parte central da praia, com lâmpadas a mercúrio”<sup>122</sup>.

Essas transformações na cidade eram embasadas, muitas vezes, por diversas leis e decretos municipais que foram se estruturando logo após a emancipação de Balneário Camboriú. Foi a partir desse período que foram criadas as primeiras leis de uso e ocupação do solo, o Plano Diretor, assim como o Código de Posturas Municipal. A partir da análise desta legislação foi possível identificar quais eram as intenções da Prefeitura para o espaço citadino, e qual cidade o poder municipal visava construir.

A primeira lei sobre uso e ocupação do solo da cidade de Balneário Camboriú foi publicada no mês de agosto de 1966, que dispunha sobre loteamentos, passeios, estradas, muros, cercas e construções em alvenaria<sup>123</sup>. De acordo com esta Lei, ficou especificado que na área central do município, aquela à beira-mar, só seriam permitidas construções em alvenaria. Isso remete a uma situação de elitização do espaço, como observa Magda Lee, uma vez que as construções de madeira eram praticadas por pessoas com poder aquisitivo inferior aos proprietários das construções de alvenaria<sup>124</sup>. Esta Lei previa não apenas ordenar as residências na região central, mas também todo o espaço público, através da exigência de passeios nos loteamentos, macadamização de ruas e avenidas, posteamento para iluminação pública,

---

<sup>121</sup> Reconstrução de ruas e esgotos na nossa cidade. **A Voz do Litoral**. Balneário Camboriú, 5 setembro de 1970.

<sup>122</sup> Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 17 dezembro de 1970.

<sup>123</sup> Lei nº 37/1966. **Disciplina construções, ruas, loteamentos, muros, cercas, passeios, etc. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: de 09 de agosto de 1966.**

<sup>124</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 58.

rede para abastecimento de água, além de esgoto para águas pluviais com tubos de cimento<sup>125</sup>.

O esforço em ordenar a cidade está presente também no Código de Posturas, publicado em 1967. Neste Código, está previsto, por exemplo, que toda rua deve ser obrigatoriamente marginada por passeios, destinados ao trânsito para pedestres. Além disso, exige a numeração de casas, placas com nomes das ruas e calçamento<sup>126</sup>.

No Código de Posturas é interessante observar a tentativa de controle de algumas práticas sociais que ocorriam em determinados locais da cidade. Como no Artigo 62, onde prevê que “artistas, reclamistas e camelôs, para fazerem exibição nas vias públicas, são obrigados a licença e ao pagamento do imposto respectivo, nos termos da Lei”<sup>127</sup>. O mesmo ocorre com as praças, onde tanto para armar barracas para venda ou anúncios, quanto para realizar festividades, era preciso, a partir de então, obter autorização da municipalidade. No capítulo sobre mercados e feiras livres, percebe-se a tentativa de controle destes espaços de intenso fluxo de pessoas, a partir da proibição de reunião de indivíduos que não estejam vendendo e comprando, ou de fazer algazarras, provocar tumultos e discussões<sup>128</sup>.

O Artigo 85 determina que em hotéis, pousadas e casas de pensões “não são permitidos bailes e festas, sem prévia licença da municipalidade, sob multa de 50 a 200% sobre o valor do salário mínimo vigente na região”<sup>129</sup>. O que chama atenção é o alto valor da multa no caso dessa infração, uma das mais altas no Código de Posturas. Possivelmente, ocorriam festejos variados em hotéis e pensões, o que pode ter gerado incômodo aos moradores das casas próximas.

Um aspecto importante na Legislação Municipal nesse período é com relação ao asseio da cidade. Percebe-se a preocupação em higienizar não apenas os passeios públicos, mas também os estabelecimentos comerciais privados. O Artigo 46 do Código de Posturas, por exemplo, prevê a correta destinação do lixo, proibindo de depositá-lo em recipiente aberto. Com relação a bares, hotéis, botequins, restaurantes, assim como hotéis, casas de pensão e cômodos, a limpeza e higiene dos estabelecimentos era a principal questão colocada e exigida. De acordo

---

<sup>125</sup> Lei nº 37/1966, op. cit.

<sup>126</sup> Lei nº 62/1967. Institui o Código de Posturas do município de Balneário Camboriú. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 10 de outubro de 1967.

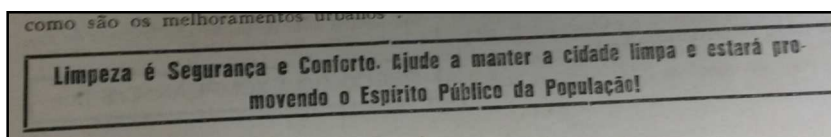
<sup>127</sup> Artigo n. 62, Lei nº 62/1967, op. cit.

<sup>128</sup> Lei nº 62/1967, op. cit.

<sup>129</sup> Artigo 85, Lei nº 62/1967, op. cit.

com o Código, “móveis devem estar desinfetados”; “assoalhos em perfeito estado de higiene”; “aparelhos sanitários em rigoroso asseio”; “roupas de cama, toalhas e guardanapos não podem servir a mais de uma pessoa sem a prévia lavação”<sup>130</sup>.

A questão sobre o asseio da cidade se faz notar não apenas na Legislação Municipal, mas também nos jornais que circulavam pela cidade no período. As notícias tem um tom educativo, num esforço de conscientizar os moradores da cidade sobre a correta destinação do lixo e limpeza dos logradouros. No *Jornal de Camboriú*, de 1970, um pequeno quadro dá o aviso:



**Figura 28: Anúncio sobre limpeza da cidade. Fonte: *Jornal de Camboriú*, 1970.**

A limpeza nos espaços da cidade passou a ser vista, nos jornais, enquanto um dever civil, que faz parte, como vemos acima, do “espírito público da população”. No *Jornal O Sol de Camboriú*, Esmeralda de Athayde faz o apelo na coluna intitulada “Vamos conservar a cidade limpa?”:

A coisa mais difícil de se fazer é conservar uma cidade asseada, porque depende exclusivamente da compreensão de seus habitantes. Se todos tiverem noção de higiene, é fácilimo, mas, se ao contrário, é uma calamidade! (...) Então aí surge um sério problema: como o lixo deve ter restos de comida, cascas de camarão, escamas e espinhas de peixe e outras coisas mais, passa isso tudo a ser um chamariz de moscas e inicia-se um inferno caseiro. Mesmo porque só há moscas onde existe sujeira. Todas as donas de casa deveriam ter o zelo de manter as latas de lixo tapadas, evitando dessa forma chamar para suas cozinhas este inseto indesejável.<sup>131</sup>

<sup>130</sup> Lei nº 62/1967, op. cit.

<sup>131</sup> ATHAYDE, Esmeralda. Vamos conservar a cidade limpa? *O Sol de Camboriú*. Balneário Camboriú, 22 de outubro de 1970, p. 2.

É interessante observar na coluna de Esmeralda que este dever, apesar de pertencer a toda população, estava direcionado, sobretudo, a um grupo em especial: as donas de casa. Estas, a partir de seu mundo privado – suas cozinhas –, cumpririam seu dever cívico ao controlar os lixos e as moscas existentes na cidade, uma questão de saúde pública.

Em outra coluna, dessa vez no *Jornal de Camboriú*, intitulada “Cidade Limpa – Povo desenvolvido”, Julio Marroquino estabelece uma relação direta entre limpeza e desenvolvimento. O autor lamenta:

Muita gente se revolta contra o lamentável estado em que ficam as vias e logradouros públicos, com o acúmulo de sujeira. Latas de cerveja, sacos de pipoca, sabugos de milho e outras coisas estão por aí, espalhadas, num verdadeiro depoimento contra nossos foros de cidade turística.<sup>132</sup>

Segundo Marroquino, as fontes geradoras do lixo eram, primeiro, os vendedores ambulantes e, depois, os banhistas e alguns estabelecimentos comerciais. A prática do comércio ambulante gerou certa polêmica em Balneário Camboriú, nesse momento em que o asseio da cidade tornou-se uma questão importante. No Código de Posturas, há um capítulo que dispõe sobre o comércio ambulante, e objetivava normatizar esta prática que, como visto na primeira parte deste capítulo, era muito comum na cidade.

Para vender produtos nas ruas, tornou-se obrigatória, de acordo com o Código, a retirada de alvará de licença. Os vendedores ambulantes passaram a ser submetidos a uma série de regras, e deveriam, a partir de então, padronizar suas vestes, e também modificar seus gestos. O Código determinava: “Devem usar guarda-pó branco, manter-se em rigoroso asseio, manter ao abrigo do pó, sol, e dos insetos os gêneros que conduzem, evitar uso direto das mãos, bem como evitar que os compradores façam o mesmo na escolha dos artigos, trazer rigorosamente limpos vasilhames e utensílios usados”; “conduzir recipientes para colocar o lixo proveniente de seu negócio”; “não devem impedir ou dificultar o trânsito e estacionar em vias públicas sem licença especial”<sup>133</sup>.

No entanto, este Capítulo foi revogado pela Lei nº 132 de 1970, que passou a proibir o comércio ambulante, com exceção do comércio de

---

<sup>132</sup> MARROQUINO, Julio. Cidade limpa – povo desenvolvido. **Jornal de Camboriú**. Balneário Camboriú, 3 de fevereiro de 1974.

<sup>133</sup> Lei nº 62/1967, op. cit.

frutas e verduras<sup>134</sup>. A discussão sobre o comércio ambulante na cidade continua, até que, em 1972, esta prática tornou-se proibida, mais especificamente, em toda a extensão da Avenida Atlântica, da Avenida Brasil, em todas as ruas entre estas duas Avenidas, e em toda a extensão da Avenida Central<sup>135</sup>. Ou seja, na área central da cidade passou a ser proibido este tipo de comércio, o que indica uma tentativa de higienizar e modernizar a orla marítima de Balneário Camboriú.

Contudo, como mencionado acima, a coluna de Julio Marroquino, que chamava atenção para o lixo produzido pelos comerciantes ambulantes, é de 1974, ou seja, dois anos depois da Lei que proibia o comércio ambulante na área central. Ao que parece, a legislação não teve força contra uma antiga prática da cidade, a venda de produtos diversos de porta em porta, em especial na praia, para atendimento de banhistas.

Na coluna de Paulo Limeira, no Jornal *O Sol de Camboriú*, podemos observar que outras questões exigidas em legislação não foram acatadas de imediato pelos moradores da cidade. Limeira lembra que o Código de Posturas, de 1967, torna obrigatória a construção de muros nos terrenos baldios, e que, naqueles terrenos que se encontram edificados, as construções não devem ocupar toda a testada do lote, sítios em ruas em que possuem meios-fios. Mas, o que ocorria nas ruas centrais da cidade, segundo o colunista, eram “casas avançando nas ruas, cercas podres em cima do meio-fio, completa e total falha de passeios”<sup>136</sup>. Segundo o colunista, a culpa era dos proprietários, que não cumpriam o Código e não contribuía “para o embelezamento da cidade”. Nesta mesma coluna, alguns meses depois, Limeira novamente menciona o Código de Posturas e a exigência de muros nos terrenos, e lamenta que “tais lotes na Avenida Atlântica e Brasil, na sua esmagadora maioria, são fechadas por cerca de arame farpado ou estaquetas podres em cima do meio-fio”<sup>137</sup>. A coluna de Limeira nos mostra que a realidade que se configurava nas ruas e avenidas da área central da cidade divergia das intenções do poder municipal em construir um balneário ordenado, conforme expressas na legislação.

---

<sup>134</sup> **Lei nº 132/1970.** Proíbe comércio ambulante e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 22 de junho de 1970.

<sup>135</sup> **Lei nº 179/1972.** Dispõe sobre comércio ambulante. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 18 de maio de 1972.

<sup>136</sup> LIMEIRA, Paulo. Código de Posturas. Casos e coisas. **O Sol de Camboriú.** Balneário Camboriú, 28 de maio de 1970, p. 2.

<sup>137</sup> Idem. Querem acabar com a cidade? Casos e coisas. **O Sol de Camboriú.** Balneário Camboriú, 17 de setembro de 1970, p. 2.

Também foi nesse período, no ano de 1970, que foi instituído o Plano de Urbanização de Balneário Camboriú<sup>138</sup>. Este Plano envolveu técnicos do Plano de Metas do Governo do Estado (PLAMEG) e assessoria especializada da empresa SD Consultoria de Planejamento Ltda., além de técnicos da Prefeitura Municipal e da iniciativa privada de Balneário Camboriú.

Três assunto foram priorizados nesse Plano: uso e ocupação do solo, sistema viário e saneamento básico. A cidade foi organizada em de oito zonas, sendo elas a Zona Comercial; Zona Residencial Beira-mar Norte e Sul; Zona Residencial Norte e Sul; Zona Expansão Residencial Norte, Sul e Centro. Com relação à área de estudo desta dissertação, a Avenida Atlântica estava inserida na Zona Comercial, Zona Residencial Beira-mar Norte e Sul. A Avenida Brasil, por sua vez, na Zona Residencial Norte e Sul, Zona Beira-mar Norte e Sul. E a Avenida Central, na Zona Comercial:



**Figura 29: Zonas do Plano de Urbanização de 1970.**

<sup>138</sup> **Lei nº 128/1970.** Institui o Plano de Urbanização de Balneário Camboriú e suas normas ordenadoras e disciplinadoras e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 13 de abril de 1970.



Na verdade, ainda que estas avenidas pertençam a diferentes zonas, os usos estipulados eram basicamente os mesmos, bastante diversificados. Na Zona comercial e nas Zonas Residenciais foi permitido a utilização para os seguintes fins: residencial de tipo multi-habitacional; cultural; recreativo; assistencial exclusivamente do tipo ambulatório; institucional; prestação de serviços; comercial cotidiano e especializado; agências de seguros e capitalização, bancos. Na Zonas Beira-mar foram estipuladas os mesmos usos da Zona Comercial e Residenciais, com exceção do assistencial exclusivamente do tipo ambulatório.

Uma questão importante neste Plano é que está previsto que a faixa paralela à praia, até uma distância de 300 metros desta, deveria ser uma zona de alta densidade. Isso indica que o Plano incentivava o processo de verticalização que viria a ocorrer na orla marítima a partir da década de 1970, questão que será debatida em breve. Além disso, esta lei não aplicava limites de gabarito para as edificações, e a verticalidade era liberada em qualquer zona do município. Mais um aspecto que demonstra o poder municipal incentivando o processo de verticalização à beira-mar.

Quanto às edificações, ficava estipulado taxas de ocupação mínima e recuos frontais (4 metros) e laterais (1,5 ou 2,5 metros), regras que se modificaram nos códigos mais atuais, que permitem 100% de ocupação do terreno e andares de garagem, sem qualquer afastamento<sup>139</sup>. Em sua maior parte, o Plano de Urbanização regulava os loteamentos e a urbanização dos antigos lotes rurais, ambos ainda em expansão.

É interessante observar, como pontua Manoel Franklin Jacques, que as pessoas envolvidas neste Plano vislumbraram um grande incremento turístico no município. Sua localização às margens da BR-101, rodovia que atravessa Balneário Camboriú em toda sua extensão no sentido norte-sul, e que estava em fase de pavimentação; vizinhos de polos comerciais e industriais em franco desenvolvimento, como Blumenau, Brusque, Jaraguá do Sul e Itajaí: tudo indicava que o afluxo de população flutuante seria crescente<sup>140</sup>. Um dos objetivos do Plano era, justamente, “propiciar o incentivo turístico fornecendo melhores condições e mais atrativos”. A preocupação em desenvolver o setor turístico da cidade se faz notar também pela criação, em 1970, do

---

<sup>139</sup> FLORES, Heloisa, op. cit. p. 101.

<sup>140</sup> JACQUES, Manoel Franklin. **Análise crítica do desenvolvimento urbano de Balneário Camboriú**. Monografia. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 1998, p. 7.

Departamento de Turismo; e, um ano depois, do Conselho Municipal de Turismo<sup>141</sup>.

O Plano de Urbanização foi noticiado com frequência nos periódicos locais. Muitas vezes, este Plano era chamado pela imprensa de Plano Diretor, ou Plano Diretor Piloto. Uma dessas notícias está no Jornal *O Sol de Camboriú*, onde uma grande reportagem detalhava suas principais questões. A notícia inicia da seguinte maneira:

Ponto de atração do litoral catarinense, o município prepara-se para valorizar seus aspectos turísticos e ordenar seu desenvolvimento. No trecho do litoral de Santa Catarina que tem acesso rodoviário fácil para a população dos estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, o Balneário Camboriú é, praticamente, o único núcleo que tem assistido um desenvolvimento turístico importante. Esse desenvolvimento, no entanto, tem ocasionado a ocupação desordenada do solo, além de vários outros problemas de saneamento, de abastecimento, etc. Com vistas a possibilitar a solução daqueles problemas, com reflexos benéficos no desenvolvimento turístico da cidade, o Plano de Metas do Governo do Estado de Santa Catarina a SD Consultoria e Planejamento de São Paulo, a elaboração de um Plano Urbanístico.<sup>142</sup>

Nota-se, nas notícias pesquisadas, que as melhorias de infraestrutura propostas pelo Plano (tais como aumento do sistema de abastecimento de água, ampliação da rede de esgoto, melhor integração na estrutura viária, criação de equipamentos urbanos) são apresentadas, principalmente, como forma de atender a demanda turística crescente na cidade. Como podemos observar na matéria acima, a solução dos problemas urbanísticos encontrados em Balneário Camboriú trariam desenvolvimento para o município, mas este desenvolvimento seria, especialmente, o turístico. Dessa forma, o Plano parecia atender muito

---

<sup>141</sup> **Lei nº 126/1970.** Cria Departamento de Turismo do município e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 09 de abril de 1970; **Lei nº 171/1971.** Cria Conselho Municipal de Turismo. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 31 de dezembro de 1971.

<sup>142</sup> Balneário Camboriú acerta Plano Diretor. **O Sol de Camboriú.** Balneário Camboriú, 11 de junho de 1970.

mais as demandas dos turistas e daqueles vinculados a este setor, do que aos próprios moradores da cidade.

O Plano de Urbanização foi revogado pelo Plano Diretor do Município, Lei nº 299, no ano de 1974. Como pontua Heloisa Flores, o Plano Diretor foi produzido no contexto desenvolvimentista da Ditadura Militar, cuja implantação do Plano Estratégico de Desenvolvimento, que focava no crescimento econômico do país, estimulou o desenvolvimento de políticas de organização territorial em nível municipal<sup>143</sup>.

O Plano Diretor de 1974 definiu uma faixa mínima de terra marinha, de 33 metros, das quais as edificações deveriam se afastar, regulando, pela primeira vez, a ocupação na orla da praia. Na Avenida Atlântica, foram exigidos recuos frontais, de fundos e laterais, que aumentavam de acordo com o número de pavimentos, chegando até os trinta metros de recuo frontal – para o número máximo de pavimentos autorizados: 20 andares, sendo seis metros o afastamento mínimo. Realidade completamente diferente do Plano Diretor atual, como observa Flores, com ocupação total das extremas na base da edificação, atendendo exclusivamente aos interesses imobiliários<sup>144</sup>. Com relação ao gabarito das edificações, se os cinco primeiros pavimentos fossem utilizados para garagens, comércio ou área de lazer, seriam liberados do cômputo de 20 gabaritos, sendo considerados apenas os pavimentos de uso residencial. Essa medida permitia que fossem construídos edifícios de até 25 andares. O zoneamento permaneceu basicamente o mesmo do Plano de 1970, em especial com relação aos usos.

O Plano Diretor de 1974, como um todo, normatizou e regulamentou, de forma individualizada, as disposições referentes a uso e ocupação do solo, a sistema viários, a obras e edificações, entre outros, que já haviam sido colocadas, de maneira ampla, no Plano de 1970<sup>145</sup>. Como observa Danielsky, o planejamento do território não era uma prioridade, e os investimentos se davam muito mais em pavimentações, redes de água e energia, do que em uma política urbana planejada<sup>146</sup>.

No *Jornal de Camboriú*, a revisão do Plano de Urbanização, que culminaria no Plano Diretor de 1974, é noticiada:

---

<sup>143</sup> FLORES, Heloisa, op. cit. p. 103.

<sup>144</sup> Ibidem.

<sup>145</sup> JACQUES, Manoel Franklin, op. cit., p. 16.

<sup>146</sup> DANIELSKY, Marcelo. **Padrão arquitetônico e representação social na paisagem da beira mar de Balneário Camboriú – SC**. Dissertação submetida ao curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

No dia 14 do corrente às 20 horas realizou-se a reunião com a participação das autoridades municipais, juntamente com equipe técnica, para estudos e sugestões, tendo em vista a revisão do Plano Diretor de Balneário Camboriú. (...) Após o encerramento da reunião, os presentes se dirigiram à Praça Almirante Tamandaré, em visita à maquete de Balneário Camboriú, toda em acrílico, que apresenta o município, com o sistema de água, de esgoto sanitário e sistema de galerias e águas pluviais. Essa apresentação se dá em cores, através de tubos de gás neon. (...) Referidas exposições interessam a todos (população local e turistas), recomendando-se, pois, a visita. O material apresentado é inusitado e tem despertado muito interesse, porquanto grande número de pessoas já apareceu (mais de uma centena em dois dias). Todas as informações são fornecidas durante a visitação, por uma recepcionista do Departamento de Turismo.<sup>147</sup>

Uma questão importante a ser pontuada é que, se houve participação popular no processo de construção destes Planos, isto não aparece nos jornais pesquisados (o que, na verdade, não surpreende, já que o país vivia o período da Ditadura Militar). Tem-se a impressão que a construção do Plano Diretor foi feita de cima para baixo, relegada à um grupo de técnicos que sequer moravam na cidade, e alguns funcionários da Prefeitura. Os dois Planos foram divulgados nos periódicos municipais, mas apenas com o objetivo de informar a população que estes documentos estavam sendo produzidos, e não convocando para o debate. Em 1970, notícias mencionavam que o Plano “é irreversível”<sup>148</sup>, dando a impressão de um Plano enrijecido e autoritário. Como vemos na notícia acima, sua revisão contou apenas com a participação de autoridades municipais e técnicos. A população tomou conhecimento através de uma maquete, vista como algo “inusitado”, sem que houvesse abertura para

---

<sup>147</sup> Revisão do Plano Diretor. **Jornal de Camboriú**. Balneário Camboriú, 24 de fevereiro de 1974, p. 6.

<sup>148</sup> VILLARINHO, Ricardo. Plano Diretor de Balneário Camboriú é irreversível. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 06 de agosto de 1970; LIMEIRA, Paulo. Plano Diretor. Casos e Coisas. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 06 de agosto de 1970.

uma participação ativa dos moradores da cidade. A maquete é noticiada enquanto uma atração, e as questões do Plano, ao invés de serem elucidadas por algum técnico, foram realizadas por uma funcionária do Departamento de Turismo.

No mesmo ano em que o Plano de Urbanização é publicado, o Jornal *O Sol de Camboriú*, em uma matéria intitulada “Uma cidade em ebulição”, afirma que Balneário Camboriú entrou na década de 1970 com uma “roupagem nova”, passando “a galope por uma impressionante transformação. Ou metamorfose”. Essas modificações estariam transformando Balneário Camboriú em uma cidade grande e cosmopolita, onde, segundo a reportagem, “desapareceu, como que por encanto, aquele ranço de aldeia ou de povoado. De província onde impera o marasmo”<sup>149</sup>. Estas transformações, que o Jornal se refere, estão provavelmente associadas com as obras de infraestrutura, mencionadas anteriormente, que passaram a ocorrer em Balneário Camboriú. Mas também estão relacionadas com outro aspecto importante: o início do processo de verticalização da praia.

Durante a primeira década após a emancipação municipal, é comum nos periódicos mencionarem que Balneário Camboriú é o lugar do “futuro”, a cidade do desenvolvimento. O Jornal *O Estado*, de dezembro de 1965, anuncia o progresso da praia:

Não erramos em afirmar que o Balneário Camboriú em matéria de novas e imponentes construções, é o mais progressista de Santa Catarina, pois nos últimos meses o ritmo das construções aumentou de maneira extraordinária. Ao mesmo tempo em que magníficas residências estão em vias de conclusão, edifícios de 6, 8, 10 e até 20 andares estão sendo erguidos aqui na Praia de Camboriú, maravilhoso e hospitaleiro recanto de nosso Brasil.<sup>150</sup>

A notícia acima associava o progresso da cidade aos edifícios, que começaram a surgir na cidade a partir da década de 1960. Como afirma Magda Lee, a construção do primeiro edifício em Balneário Camboriú, em 1959, marcou o início de uma nova prática de atuação na indústria de

---

<sup>149</sup> KANT, H. Uma cidade em ebulição. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 03 de dezembro de 1970.

<sup>150</sup> CYZAMA. Notícias do Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 01 de dezembro de 1965, p. 5.

construção civil, bem como o surgimento de uma nova forma urbana. O Edifício Eliane, com apenas quatro andares, foi o primeiro de uma série de edifícios. Construído por Domingos Fonseca e com incorporação de Cesar Barontine, este edifício inaugurou uma nova prática de construção e também uma nova forma de apropriação do espaço<sup>151</sup>.

Uma fotografia desse período parece anunciar o processo de verticalização que a cidade iria sofrer dali poucos anos:



**Figura 30: Crianças em desfile de 7 de setembro, início década de 1970. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Trata-se de um desfile de 7 de setembro, realizado na Avenida Central. Ao fundo da fotografia, está a Avenida Atlântica, e o cortejo seguia em direção à Avenida Brasil. É interessante perceber nesta imagem a que ponto a indústria da construção civil conseguiu impor seu predomínio sobre a sociedade de Balneário Camboriú. Alunos do Colégio Municipal João Goulart, ao invés de carregarem bandeiras ou cartazes alusivos à pátria, ostentavam placas de propaganda das construtoras. As crianças, justamente aquelas que representam o futuro da cidade, marchavam rumo a um suposto progresso, simbolizado pelos edifícios. A marcha dos estudantes indicava a direção que a cidade estava tomando: o futuro de Balneário Camboriú estava sendo anunciado.

Neste processo, os periódicos tiveram um papel fundamental, no sentido de reforçar a associação entre a verticalização e o progresso da

---

<sup>151</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 67.

cidade, sem que houvesse qualquer tipo de questionamento. A partir da década de 1970, a orla marítima de Balneário Camboriú passou por um intenso processo de verticalização, e este crescimento no mercado imobiliário se faz sentir nos jornais. É interessante observar que os edifícios e a indústria da construção civil começaram a ser mencionados, nos periódicos analisados, a partir de 1965, ora simbolizando o progresso da cidade, ora em anúncios de vendas de apartamentos. O Jornal *O Sol de Camboriú* comparava Balneário Camboriú com a capital catarinense, Florianópolis, em termos de “desenvolvimento”:

Outra cidade que cresce quase na mesma medida, é o Balneário Camboriú. De ano para ano aumenta sem cessar, o seu volumoso número de grandes edifícios de apartamentos, belíssimas residências, hotéis, bares e restaurantes, além de uma variedade enorme de empreendimentos comerciais e industriais.<sup>152</sup>

A notícia acima chama atenção para a grande quantidade de edifícios que despontavam na cidade, assim como a diversidade do comércio. Muitos destes edifícios que eram noticiados nos jornais municipais em anúncios de vendas de apartamentos estão localizados na Avenida Atlântica ou na Avenida Brasil, como o Edifício Guarani e o Condomínio Alsácia e Lorena:



Figura 31: Anúncio Edifício Guarani, 1970. Fonte: *O Sol de Camboriú*.

<sup>152</sup> O futuro está em Camboriú. *O Sol de Camboriú*. Balneário Camboriú, 18 de março de 1970.

**NO BALNEÁRIO CAMBORIÚ**  
**LUXO E CONFORTO PELO MENOR PREÇO!**

5 PAVIMENTOS COM ELEVADOR  
 16 APARTAMENTOS, TODOS COM VISTA PARA O MAR.  
 ÓTIMA SALA, SACADA, 2 DORMITÓRIOS COM ARMÁRIOS EMBUTIDOS, BANHO SOCIAL DECORADO, AMPLA COZINHA, ÁREA DE SERVIÇOS, QUARTO DE EMPREGADA COM WC PRIVATIVO. BOX PARA CARRO.

EM FASE DE ACABAMENTO.  
 FACILIDADE DE COMPRA. FINANCIAMENTO PRÓPRIO OU EM ATÉ 18 ANOS PELA

Caixa Econômica do Estado de Santa Catarina

VISITE A OBRA OU A IMOBILIÁRIA DE SUA PREFERÊNCIA. AV. BRASIL, ESQUINA COM RUAS 1131 e 1141 À UMA QUADRA DA PRAIA

**EMPREENDIMENTOS ITAIPU LTDA**  
 AV. BRASIL 1861 - FONE 2218 - BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
 EM ITAJAÍ - INFORMAÇÕES PELO FONE 44-1884

Figura 32: Anúncio Edifício Alsácia Lorena, 1974. Fonte: *O Estado*.


Ambos edifícios possuem vista para o mar, além de estacionamento. No caso do anúncio do Condomínio Alsácia e Lorena, que possui maiores detalhes sobre os apartamentos, há dependência de empregada com banheiro privativo, o que indica trata-se um edifício destinado a um público com poder aquisitivo elevado, em uma clara distinção social no espaço interno dos apartamentos. Além destes edifícios, há anúncios de prédios com mais pavimentos, também localizados à beira-mar. Como o Edifício Aquarius, Morada do Sol e Imperador:



Edifício

# AQUARIUS

Av. Atlântica, esquina com rua 1300,  
Balneário Camboriú.



De frente para o mar, apartamentos de 144 e 181 metros quadrados. Fachada de cerâmica vitrificada, entradas de mármore, esquadrias de alumínio, três elevadores, banheiros com azulejo decorados, instalações para TV, telefone e ar condicionado. Tudo planejado para dar mais beleza e conforto. Construção e acabamento com a qualidade **Q**.


**ammann**   
empresendimentos imobiliários  
Cresc 71  
Bommas: Rua Nereu Ramos, 100 - fone 22-4402  
Balneário Camboriú - Av. Atlântica 244 - fone 2070  
Plantão de vendas no local da obra.

Figura 33: Anúncio Edifício Aquarius, 1975. Fonte: *O Estado*.

**FIQUE COM TODA A BELEZA DE CAMBORIÚ A SEUS PÉS**

Na melhor localização de Camboriú, a beira da maré, na av. Atlântica 1593, está o edifício de maior categoria de uma das praias mais charmosas do litoral.

O Morada do Sol tem um apartamento por andar, todos de frente, e com sacada envidraçada. Com detalhes de acabamento padrão Maguêfa.

O edifício possui gerador próprio de energia, dois elevadores, dois acessos independentes para veículos, estacionamento para 20 automóveis, playground, e telefone interno nos apartamentos ligados com a portaria.



**OCUPAÇÃO IMEDIATA**

Entrada social e de serviço independentes, vestíbulo, sala de estar, lavabo, 3 dormitórios, banheiro social, banheiro privativo do casal, copa-cozinha, área de serviço, duchas e comunicação para parte íntima do apartamento, dependências completas de empregada, área total de 249,14 m<sup>2</sup>.

**CONDIÇÕES ESPECIAIS DE COMERCIALIZAÇÃO**

A Maguêfa oferece diversas condições de comercialização, inclusive crédito direto em até 10 anos, dispensando apresentação de avalista. Além disso outras modalidades surgem no diálogo com o cliente.

**INFORMAÇÕES:**  
Em Camboriú, Av. Atlântica 1593  
Em Florianópolis, Av. Rio Branco 112

**GARANTIA**

**GRUPO maguêfa**



Figura 34: Anúncio Edifício Morada do Sol, 1975. Fonte: *O Estado*.



Balneário Camboriú (Sucursal de Itajaí) – Com a presença do Governador Antônio Carlos Konder Reis, e Miss Brasil 1975, Sra. Ingrid Budag, além de autoridades e convidado, a Incorporadora Construtora e Comércio H. SCHULTZ inaugura hoje às 11,30 horas, um novo lançamento na "Mais bela praia do Sul do País" o EDIFÍCIO IMPERADOR, com 24 andares, o maior do Estado de Santa Catarina.

**EDIFÍCIO IMPERADOR**  
Com 24 andares, o edifício que será entregue oficialmente hoje em Balneário Camboriú, se constitui no maior construído até agora em nosso Estado.  
Está localizado, de frente para o mar. Seu pavimento térreo conta de uma moderna galeria com lojas comerciais. Por trás de suas linhas arrojadas e elegantes, todo o conforto de uma construção H. SCHULTZ.

**EXECUÇÃO**  
Quatro apartamentos por andar. Construção em blocos de concreto armado fundidos in loco. Três elevadores sociais. Três elevadores de serviço. "Hall" de entrada com piso de mármore. Prevenção contra incêndios. Rede para Telefones. Garador Público. Sauna coletiva. Garagens opcionais.

**ACABAMENTO**  
Massa fina. Tinta plástica. Tacos de madeira de lei. Revestimento de azulejos coloridos até o teto. Aparelhos sanitários em cores. Pisos dos banheiros em porcelanite ou vitrificado.

**FINANCIAMENTO PRÓPRIO**  
A Incorporadora Construtora e Comércio H. SCHULTZ possui financiamento próprio em até 60 meses. Preço fixo. Sem correção monetária.  
Melhores informações poderão ser obtidas na Avenida Brasil no. 2115 – Fone 2032 – Balneário Camboriú – SC.

**Figura 35: Anúncio Edifício Imperador (e recorte do mesmo anúncio), 1975. Fonte: O Estado.**

Nos anúncios anteriores, a qualidade e modernidade dos edifícios, todos com mais de dez pavimentos, é demonstrada ao mencionarem os

materiais com os quais são feitos os prédios: fachada de cerâmica vitrificada, entradas de mármore, instalações de ar condicionado, elevadores, massa fina, taco de madeiras de lei, tinta plástica. No anúncio do Edifício Morada do Sol, a proximidade com a praia é reforçada através da fotografia, onde podemos ver as ondas do mar e a faixa de areia. Estes são apartamentos espaçosos e seus anúncios evidenciam que se tratavam de imóveis luxuosos. Como observa Magda Lee, a verticalização na orla marítima criou situações de uso seletivo do espaço, na medida em que recolocou pessoas de menor poder aquisitivo em áreas cada vez mais longes do mar e menos assistidas pelo poder municipal<sup>153</sup>.

O anúncio do Edifício Imperador, localizado na Avenida Atlântica, esquina com Avenida Central, é muito significativo, pois revela a que ponto estava o processo de verticalização na orla de Balneário Camboriú. A inauguração deste residencial contou com a presença da Miss Brasil 1975 e (apesar de se tratar de um empreendimento privado) do Governador do Estado de Santa Catarina. Esse parece ter sido um grande evento, e há motivo para tanto: este prédio tem uma característica importante, segundo o anúncio, “o Edifício Imperador, com 24 andares, é o mais alto do estado de Santa Catarina”. Esse seria o primeiro de uma série de outros prédios que entrariam na corrida dos mais altos do Estado, e depois, do país.

Na imagem a seguir, do ano de 1976, conseguimos visualizar não apenas o Edifício Imperador, mas também outros edifícios instalados na Avenida Atlântica. Em poucos anos, os edifícios passaram a tomar o lugar das casas de veraneio, que até então marcavam a paisagem da orla de Balneário Camboriú, e foram encobrendo o contorno dos morros e sombreando a praia:

---

<sup>153</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 82.



**Figura 36: Vista geral área central da orla de Balneário Camboriú, 1976.**  
**Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Adaptações da autora.**

A constituição de uma nova forma urbana em Balneário Camboriú está relacionada com a construção de apartamentos para veraneio. Os novos imóveis nos edifícios de apartamentos se destinavam, especialmente, para a função de segunda residência. Como pontua Magda Lee, foi com a instalação das empresas de construção civil que a prática da construção em Balneário Camboriú se modificou, transformando também a relação com o espaço. As primeiras construtoras em Balneário Camboriú eram provenientes, em sua maioria, de cidades próximas. Poucas foram as empresas criadas por moradores locais<sup>154</sup>. De acordo com a geógrafa:

Com a instalação das empresas de construção civil, a antiga prática de construção de casas de veraneio foi substituída pela nova maneira de construir. Já não se construía mais uma casa isolada, mas sim prédios de apartamentos para vários proprietários. Transformaram-se também as relações entre o construtor e o proprietário, uma vez que o novo caráter empresarial assumido pela construção civil criou novos personagens até então inexistentes. É o caso do engenheiro de obra e do projeto, do

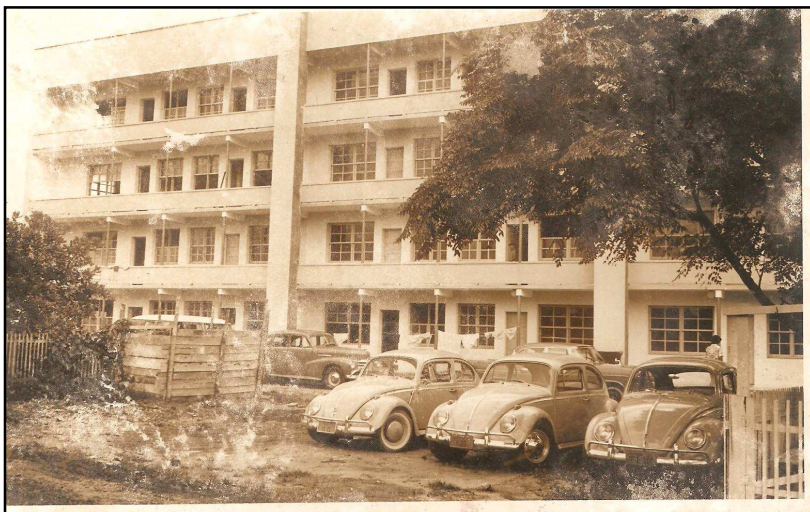
---

<sup>154</sup> LEE, Magda, op. cit., p. 70.

arquiteto, do incorporador e do agente imobiliário.<sup>155</sup>

Todas essas transformações ocorreram em um período em que o governo federal havia promovido o desenvolvimento da construção civil através de financiamentos do Banco Nacional de Habitação. A partir da década de 1960, o Estado assume definitivamente a tutela da construção civil. As implicações desta nova prática começaram a ser sentidas ainda na década de 70, quando tem início ao adensamento de edifícios na orla marítima de Balneário Camboriú<sup>156</sup>.

O primeiro edifício que veio a inaugurar o processo de verticalização em Balneário Camboriú, como já mencionado, foi o Edifício Eliane, de 1959:



**Figura 37: Edifício Eliane, década de 1960. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

O edifício, na fotografia acima, estava em vias de conclusão, e dividia seu espaço com a restinga ainda abundante na região, limitadas pelas cercas de madeira. Ainda hoje, caminhando pelo centro da cidade, podemos encontrar esta edificação:

---

<sup>155</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 80.



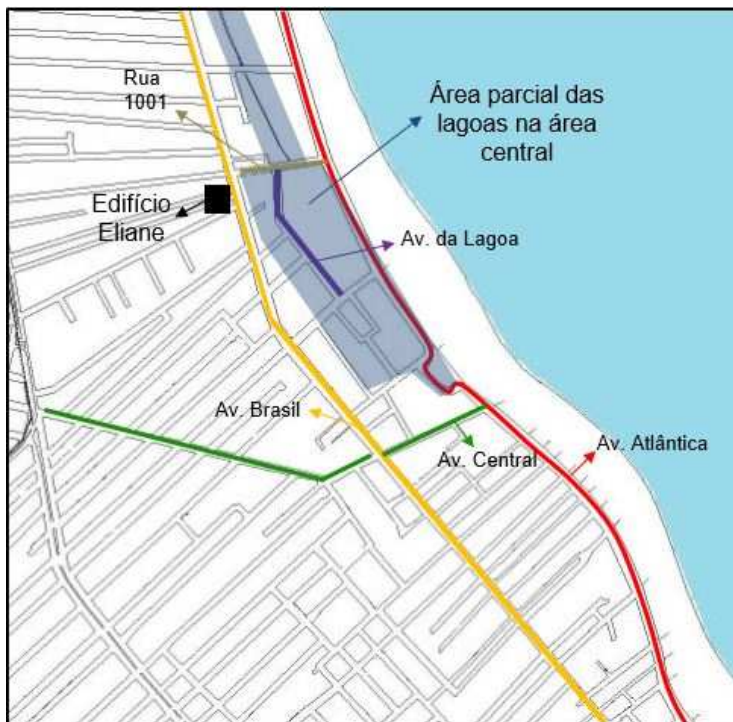
**Figura 38: Edifício Eliane, 2014. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Os automóveis permanecem estacionados na frente do residencial, mas o entorno do Edifício Eliane se transformou de forma significativa. A rua e a calçada já não são de barro, e as árvores ao seu redor estão muito mais domesticadas, dispostas dentro de canteiros. Na verdade, a grande modificação que ocorreu no entorno do Edifício é que, se hoje ele está localizado na Avenida Brasil, na época em que foi construído, estava em frente à uma grande lagoa que fazia ligação com o mar. A chamada Lagoa da Ponta, que hoje compreende a região da Praça Almirante Tamandaré até a Rua 1001<sup>157</sup>. Por esta razão, temos, atualmente, a Avenida da Lagoa, fazendo alusão às lagoas que faziam parte da paisagem da cidade:

---

<sup>157</sup> CORRÊA, Isaque Borba, op. cit., p. 79.





**Figura 39: Localização do Edifício Eliane e vista parcial das lagoas na área central.**

A área correspondente à zona urbana de Balneário Camboriú era quase toda tomada por elas. No entanto, a partir dos anos 1970, elas foram dando lugar aos edifícios que se estendem por toda a orla. No Plano de Urbanização já havia previsão de permissão, no seu Artigo 47, para o aterramento de qualquer curso de água. Este foi, provavelmente, o embasamento legal para o aterramento de lagoas e rios. Como observa Heloisa Flores, a cidade sofre atualmente um grande problema de impermeabilidade, causando quando há chuva diversos alagamentos na área central. Isto ocorre em virtude da falta de planejamento de drenagem, de preservação dos antigos cursos de água, e devido à superexploração do espaço e à pouca distância entre as edificações e o mar<sup>158</sup>.

Através das entrevistas, podemos notar o quão significativas foram estas lagoas para a experiência urbana, atualmente canalizadas e

<sup>158</sup> FLORES, Heloisia, op. cit., p. 102.

escondidas embaixo do concreto da cidade. A Praça Higino Pio, mencionada anteriormente, está, justamente, localizada em cima de uma destas lagoas. Álvaro Silva e Nelson Nitz recordam:

E nós tomava banho aqui na lagoa, na Praça Higino Pio, se tarrafeava de canoa, com tarrafa, eu tomava banho ali. Tinha um barranco de quase dois metros de altura, eu tomava banho ali na Praça Higino Pio, na lagoa do centro. Tinha a lagoa na ponta do Marambaia e a lagoa do Centro e as duas tinham ligação pelo canal que tinha uns 20, 30 metros de largura normal, hoje tem 1 metro, os caras foram avançando o terreno e estreitou o canal.<sup>159</sup>

A Praça Tamandaré, a rua de trás, a areia da Praça Tamandaré, e o prédio que está de esquina, ali passava a foz do rio, como no Marambaia. Como lá, ali foi tubulado, ali tinha uma ponte. Ali, a Praça Higino Pio, era tudo lagoa, vinha daqui da rua 1001, do Hotel Blumenau, aqui pra trás era tudo lagoa. A gente tarrafeava, pescava, era tudo lagoa. *Antes de chegar na praia tinha que passar pela lagoa?* Tinha, ou tinha que passar pela ponte. Eu me lembro dela já caindo.<sup>160</sup>

Estas lagoas, conforme podemos observar acima, são recordadas enquanto espaço de convívio, do encontro e do lazer. Mas também como local de retirada de sustento para muitos moradores da cidade. Gert Hering relembra que eram nestas lagoas que ele, muitas vezes, tirava o alimento de sua família:

No início nossa vida não foi nada fácil. O pagamento no Colégio Agrícola atrasava meses. Comprava-se fiado na Casa Silva e no Hotel Schroeder. Porém, peixes e lagostas nunca faltavam na nossa mesa, pois eu praticava pesca submarina e nosso litoral era bastante piscoso. Da lagoa também tirei muitos siris, peixes, ostras e camarões. Quando o pagamento atrasava, era dela que tirávamos nosso sustento. (...) Havia uma lagoa

---

<sup>159</sup> SILVA, Alvaro, op. cit.

<sup>160</sup> NITZ, Nelson, op. cit.



enorme do Canto Norte ao centro da praia, cheia de peixes, garças brancas, socós e saracuras.<sup>161</sup>

As lagoas também faziam ligação entre os extremos da Praia. Seu Ary, primeiro barbeiro da cidade, relembra que da Avenida Central chegava de barco até a Barra Norte, onde hoje se encontra o Hotel Marambaia:

Lagoa? Credo! Isso aí... onde é a Praça Tamandaré ali, eu saía do salão, a falecida mulher dizia: “Ary vai ali buscar um peixe pra nós”. E eles aqui, o pessoal daqui não gostava de peixe de água doce, e eu pegava umas minhocas e ia lá. Em dez minutos eu pegava uns cará grande, traíra, jundiá, tinha milhares, podia pegar o quanto quiseser. Era uma maravilha viu. (...) E tinha um senhor, ele tinha uma canoa, eu embarcava com ele ali, ia pegar de noitinha, na Tamandaré, e saía até o Marambaia. Ele ia assim com uma lâmpada. Tainhota e robalo tinha muito. Pegava dez, doze tainhota, e depois dava pra uma pra outro. Ele gostava muito de físgar, e eu remava pra ele. De canoa saía aqui até no Marambaia. (...) Nós saímos a remo, lá embaixo no hotel Marambaia.<sup>162</sup>

Luiz Carlos Chedid, antes de morar em Balneário Camboriú em 1964, frequentava a praia enquanto veranista. As lagoas fazem parte de suas memórias de infância e juventude:

*E como era ser turista naquela época? (...) E tinha tantas coisas de infância, adolescência era o mar. Tinha uma lagoa lá no Marambaia, a gente mergulhava e meu pai era cheio de coisa, ele fazia questão de que eu tinha que gargarejar a água do mar, tomar três goles da água do mar que fazia bem, meu pai chamava Deus mar, né. E la no Marambaia tinha uma lagoa que era bem vermelha, como se diz hoje, mercúrio? A lagoa do Marambaia era famosa pela água, era obrigatória nossa ida lá*

---

<sup>161</sup> HERING, Gert, op. cit.

<sup>162</sup> WOLF, Ary. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 06 de dezembro de 2006.

todos os dias para dar uns mergulhos. Isso era na infância, ai quando começou a adolescência, já tinha clubes noturnos, as tardes.<sup>163</sup>

No relato acima, é interessante notar que o mar estava associado a um uso medicinal, mas também místico: três goles do “Deus mar” para curar as moléstias do corpo e da mente. Isto também ocorre com Antonio Gadotti, que se mudou para a cidade em 1960 em virtude de uma prescrição médica:

Eu vim pra Balneário em 1961. Até, inclusive, eu trouxe o consultório junto, mas eu não queria trabalhar, porque eu vim pra cá já estressado, e o médico disse “Olha, você aluga o que tem aqui [Ibirama] e vai pra praia. Olha, você vai pra praia, descansa”. E eu vim pra descansar, não queria mais trabalhar como dentista, queria abrir uma loja. *Então Balneário Camboriú veio como receita de médico para sua saúde?* Justamente, para minha saúde.<sup>164</sup>

Isto parece estar relacionado com o uso terapêutico do mar que, segundo Alain Corbin, passou a fazer parte do discurso médico da segunda metade do século XVIII, elegendo ao banho de mar a cura para inúmeras moléstias que acometiam a sociedade europeia<sup>165</sup>. Silvio Marcus de Souza Correa, em sua pesquisa sobre a *germanidade* nas praias do Rio Grande do Sul, observou que os alemães foram pioneiros na prática do banho de mar no estado do Rio Grande Sul. De acordo com Correa, quando migraram para o Brasil, os alemães já faziam uso do banho de mar enquanto prática medicinal, desenvolvendo por aqui esta prática, não apenas para lazer, mas também para tratamento médico<sup>166</sup>.

---

<sup>163</sup> CHEDID, Luiz Carlos. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 19 de abril de 2006.

<sup>164</sup> GADOTTI, Antonio. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 06 de dezembro de 2006.

<sup>165</sup> CORBIN, Alain, op. cit., p. 77.

<sup>166</sup> CORREA, Silvio Marcos de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184.

Enquanto as lagoas gradativamente desapareciam do espaço da cidade, o elemento vertical despontava na paisagem da orla marítima cada vez mais rapidamente e com maior frequência. Em abril de 1970, o Jornal *O Sol de Camboriú*, em um pequeno quadro intitulado “Quem te viu e quem te vê”, menciona as transformações da cidade, em especial na orla marítima:



Figura 40: *Quem te viu, quem te vê*, 1970. Fonte: *O Sol de Camboriú*.

O Jornal evidencia a rápida transformação no espaço da cidade, que ocorreu em poucos anos. Se, em 1965, a praia era “meio deserta, num pequeno amontoado de edificações”, apenas cinco anos depois, este “deserto” é substituído por um afluxo significativo de visitantes, e, como podemos observar na fotografia ao lado da reportagem, pelos edifícios. Não apenas sua paisagem estava se transformando significativamente, como também aqueles que frequentavam a praia. Ao final, o Jornal pergunta: “o que seremos em 1980”?

Beto Stodieck, colunista do jornal *O Estado*, visitou Balneário Camboriú no verão de 1980, e narra sua experiência nessa cidade,

revelando interessantes características sobre a “Cambu”, como chama a Praia:

E entra ano e sai ano e Cambu continua a mesma – com aquela indisfarçável sensação de ser tal qual retardado mental que cresceu demais... A praia alcançou alturas no entanto, se duvidar, em termos de cuca até regrediu. (...) Na noite de sexta não deu para notar que há tanta gente por lá (paranaenses, gaúchos, paulistas, paraguaios, argentinos, e o alto do Vale do Itajaí em peso) o que só foi sacado na manhã seguinte, lá do alto do Marambaia, quando difícil era notar a cor da areia tal a quantidade de espremidas cabecinhas sob o sol que se mostrava radioso. E tem de tudo em Cambu, inclusive, pasmem, gente bonita...<sup>167</sup>

Uma das características da Praia que chamou atenção do colunista é a sua “altura”, se referindo aos edifícios na orla marítima, cada vez em maior número. Se os anos 70 marcaram o início do processo de verticalização à beira-mar, na década de 1980 este processo se intensificou ainda mais, ocorrendo um verdadeiro boom imobiliário em Balneário Camboriú. De acordo com Lee, de cerca de 207.890 m<sup>2</sup> construídos em 1979, o volume pulou para 358.847 m<sup>2</sup> em 1980, seguido de 380.183 m<sup>2</sup> em 1981<sup>168</sup>. Este foi um período de grande movimentação de capitais na construção civil, uma vez que a facilidade de vendas gerava novos e mais audaciosos empreendimentos. Com a instabilidade econômica da redemocratização, caracterizada pelos juros altos, inflação e constantes mudanças de moeda, somente as empresas melhor administradas e mais capitalizadas conseguiram se manter no mercado. Assim, num contexto de crise nacional, a renda imobiliária se tornou uma fonte mais segura de investimento na cidade, colaborando com a expansão do setor<sup>169</sup>.

---

<sup>167</sup> STODIECK, Beto. Em cambu por uma sexta. E só!. **O Estado**. Florianópolis, 8 de janeiro de 1980.

<sup>168</sup> LEE, Magda, op. cit.

<sup>169</sup> FLORES, Heloisa, op. cit., p. 106.

Com essa nova realidade foi preciso fazer adaptações ao Plano Diretor, já ultrapassado e restritivo para as necessidades e interesses do mercado imobiliário, que se expandia<sup>170</sup>. Logo no final da década de 80, após um hiato de seis meses na aprovação de projetos sob a justificativa de aprimoramento do planejamento urbano municipal, aprova-se a Lei nº 885/1989, que altera alguns aspectos do Plano Diretor de 1974. Como a definição de zonas especiais para ocupação do solo e a diminuição do recuo frontal mínimo na Avenida Atlântica de 6 metros para 4 metros. Além disso, se extingue o limite de 20 andares para o gabarito, que a partir de então passou a ser livre novamente. Através destas adaptações, edifícios que já ultrapassavam os 20 andares puderam ser regularizados, enquanto novos outros despontavam. É desta época, por exemplo, o Edifício Cosmos, de 34 pavimentos, localizado na Avenida Atlântica<sup>171</sup>.

Um cartão postal da orla marítima de Balneário Camboriú, dos anos 1980, vai ao encontro do relato de Beto Stodieck, e parece representar bem a vista que o jornalista possuía da praia, em seu quarto no Hotel Marambaia:



**Figura 41: Cartão-postal de Balneário Camboriú, década de 1980. Fonte: Arquivo do Parque Unipraias Camboriú.**

---

<sup>170</sup> Ibidem.

<sup>171</sup> Ibidem, p.107.

Entre o mar e a parede de edifícios na Avenida Atlântica, estavam os inúmeros guarda-sóis e as “espremidas cabecinhas”. Os sujeitos que passaram a frequentar Balneário Camboriú, neste período, não eram apenas os teuto-brasileiros do Vale do Itajaí, mas também indivíduos provenientes de outros estados, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Um dos fatores que contribuiu para isto foi o incremento da rede rodoviária pelo país, em especial, da BR-101, que facilitou o acesso para cidades litorâneas, como Balneário Camboriú. Pela primeira vez, a cidade podia contar com turistas nas médias e baixas temporadas. Beto Stodieck critica a vertiginosa verticalização à beira-mar, e também menciona os novos sujeitos que passaram a frequentar a praia:

De novo mesmo por lá, além daquela enfiada de prédios sem arquitetura alguma nem conforto, uns sobre os outros, total e desordenado amontoamento, é o argentino hablando em todos os cantos tanto quanto o português e o dialeto do alto vale.<sup>172</sup>

De fato, um dos maiores impactos econômicos, mas também de ordem cultural, ocorreu com a chegada dos turistas argentinos, em fins da década de 1970 e início da 80. No jornal *O Estado* são diversas as manchetes noticiando a “invasão argentina” em Balneário Camboriú, que foi responsável pela “completa inexistência de casas para alugar. Isto até o mês de março. O fato é inédito”<sup>173</sup>.

O turismo internacionaliza-se, e Balneário Camboriú se torna o destino de lazer dos países do Mercosul, entre os quais se destaca a Argentina. Muitos argentinos não vinham apenas a passeio, mas também para investir. A desvalorização da moeda brasileira perante o dólar e a dolarização argentina fez com que os turistas desta nacionalidade também passassem a investir no mercado imobiliário local, pois não era afetados pela economia nacional como os investidores locais<sup>174</sup>.

Se por muito tempo, a língua estrangeira que predominava na cidade era o alemão (a ponto de aparecer em um guia turístico, como vimos anteriormente), agora, um novo idioma aparece: o espanhol. A transformação cultural causada pela chegada de argentinos se expressou, como pontua Lee, em cardápios de restaurantes e bares, propagandas de

---

<sup>172</sup> Ibidem.

<sup>173</sup> Invasão argentina. *O Estado*. Florianópolis, 20 de janeiro de 1980, p. 16.

<sup>174</sup> DANIELSKI, Marcelo, op. cit.

hotéis e de lojas e agências de turismo. A partir de então, podia-se ouvir pessoas falando em português e espanhol nas ruas da cidade<sup>175</sup>.

Os entrevistados do *Projeto Memória* recordam este período, como a professora e ex-vereadora, Remi Osório e o hoteleiro, Osmar Nunes Filho:

E depois Balneário Camboriú foi crescendo a olhos nus. Em 1982, deu uma explosão demográfica muito grande de argentinos e tudo o mais, daí mesmo é que começaram a construir bastante aqui em Balneário Camboriú. (...) Eles vieram também na busca de compra de apartamentos e imóveis em geral. E trouxe para cá uma gama de pessoas que tinha um poder aquisitivo maior.<sup>176</sup>

Uma coisa que marcou muito foi quando os Argentinos começaram a invadir. Uma coisa que marcou muito, todo mundo falava castelhano, tudo isso, entrou muito dinheiro na cidade, e foi um período de euforia muito grande. Foi no final dos anos 70, começo dos anos 80, que as pessoas perdiam até a noção do valor do dinheiro, pois lá o dólar era muito barato, e aqui não valia muito. Então foi muito importante essa gangorra econômica entre Brasil e Argentina, que deixava um rastro pavoroso, porque quando acabou tudo isso ficou, construíram prédios demais, a cidade ficou super dimensionada pro tamanho dela, pra realidade da cidade”.<sup>177</sup>

Nos depoimentos acima, a chegada dos argentinos é recordada enquanto um marco importante na história de Balneário Camboriú, porque são associados ao avanço econômico da cidade e ao acelerado processo de verticalização que ocorre nos anos 1980. Osmar Nunes avalia que este processo não gerou resultados muito positivos – além dos econômicos – pois deixou “um rastro pavoroso”, em virtude da enorme quantidade de edifícios. No entanto, o processo de verticalização na orla

---

<sup>175</sup> LEE, Magda, op. cit.

<sup>176</sup> OSORIO, Remi da Silva. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 12 de julho de 2006.

<sup>177</sup> NUNES FILHO, Osmar de Souza, op. cit.

marítima de Balneário Camboriú prosseguiu intenso nos anos 1990 e, especialmente, nos anos 2000, quando os edifícios à beira-mar se tornaram não apenas os mais altos do estado, mas também, do país – questão que será debatida no próximo item deste Capítulo.

Uma fotografia parece representar muito bem este momento em Balneário Camboriú, que foi debatido ao longo desta segunda parte. No final da década de 70 e início dos anos 80, a Prefeitura de Balneário Camboriú realizou um levantamento fotográfico das ruas na área central da cidade. Tratam-se de fotografias como esta:



**Figura 42: Centro de Balneário Camboriú, visto da Rua 904, final da década de 1970 e início da 80. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

O fotógrafo, provavelmente algum funcionário da Prefeitura, está na Rua 904, no centro de Balneário Camboriú, posicionado em direção à orla marítima. No fundo, mais distante do fotógrafo, podemos observar muitos edifícios, indicando uma orla já bastante verticalizada. Ali, junto aos edifícios, estão as Avenidas Atlântica e Brasil, recebendo melhorias de infraestrutura, e toda atenção da Prefeitura. Lá estava a cidade moderna e verticalizada, “do futuro”, aquela que, muitas vezes, encontramos nos discursos da imprensa, e onde o mercado imobiliário era ator principal.

Não muito longe dali, exatamente onde estava localizado o autor da imagem, o que vemos, no entanto, são ruas de barro, pequenas casas com suas singelas cercas de madeira, mato, varais simples com roupas estendidas, nenhuma calçada ou meio-fio. Aqui está a cidade que



contradizia os desejos dos mais progressistas, com seu ar ainda provincial – aquela que o poder municipal, a partir de 1964, desejava modificar e ordenar.

Aos poucos, a cidade verticalizada vista ao fundo da imagem, vai se impondo por toda a área central de Balneário Camboriú. No entanto, uma barreira, na ponta sul da Praia, parece impor um limite neste processo. Trata-se do Rio Camboriú, um significativo local para a história da cidade – questão que será debatida a seguir, na terceira e última parte deste Capítulo.

### **II.III. A Praia dos arranha-céus: no curso do Rio Camboriú, o percurso da cidade**

Local significativo para Balneário Camboriú é o Rio Camboriú, localizado na ponta sul da Praia Central. Foi nas margens deste Rio que ocorreu a ocupação inicial da cidade, em 1826<sup>178</sup>. A pequena comunidade que ali se instalou era conhecida como Freguesia do Bom Sucesso e compreende, atualmente, ao Bairro da Barra, o mais antigo bairro da cidade. Com o passar dos anos, diferentes edificações foram se instalando nas margens da foz do Rio Camboriú, transformando também as relações sociais estabelecidas neste local. São estas modificações, que indicam diferentes momentos da história da cidade, que iremos analisar e debater nesta terceira e última parte do capítulo.

O Rio Camboriú possui cerca de 40 quilômetros de extensão e banha os municípios de Camboriú e Balneário Camboriú. Neste trabalho, no entanto, estamos considerando as transformações ocorridas apenas próximas à sua foz, local que faz a divisa entre o Bairro da Barra e a Barra Sul:

---

<sup>178</sup> CORREA, Isaque Borba, *op. cit.*

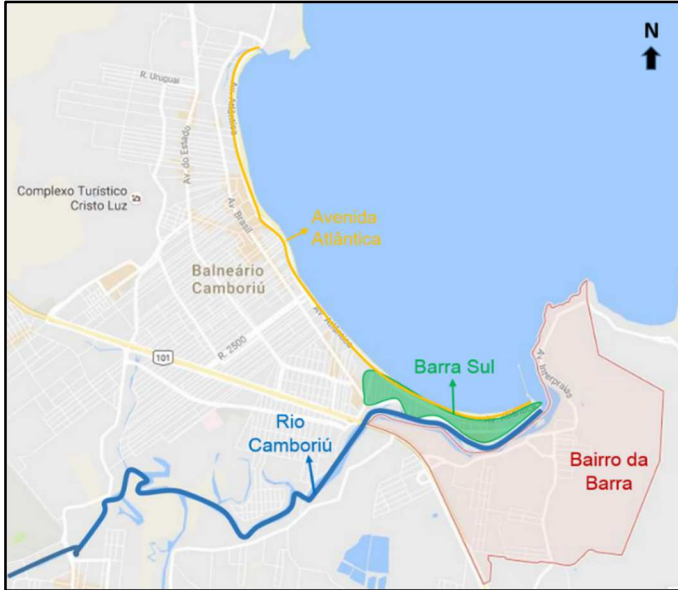


Figura 43: Localização da Barra Sul e do Bairro da Barra.



Figura 44: Delimitação da área de estudo no terceiro item no capítulo 2.

É nas margens da foz do Rio Camboriú que estão localizadas as edificações mais antigas da cidade de Balneário Camboriú. Como a Igreja Santo Amaro, construída entre os anos de 1849 a 1861, com mão-de-obra escrava, argamassa de óleo de baleia, conchas e pedras. Havia uma capela anterior, mas estava muito pequena para atender a demanda dos moradores, que eram obrigados a se dirigir até a capela de Porto Belo<sup>179</sup>. No ano de 1998, a Igreja Santo Amaro foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Santa Catarina<sup>180</sup>, e também a nível municipal<sup>181</sup>.

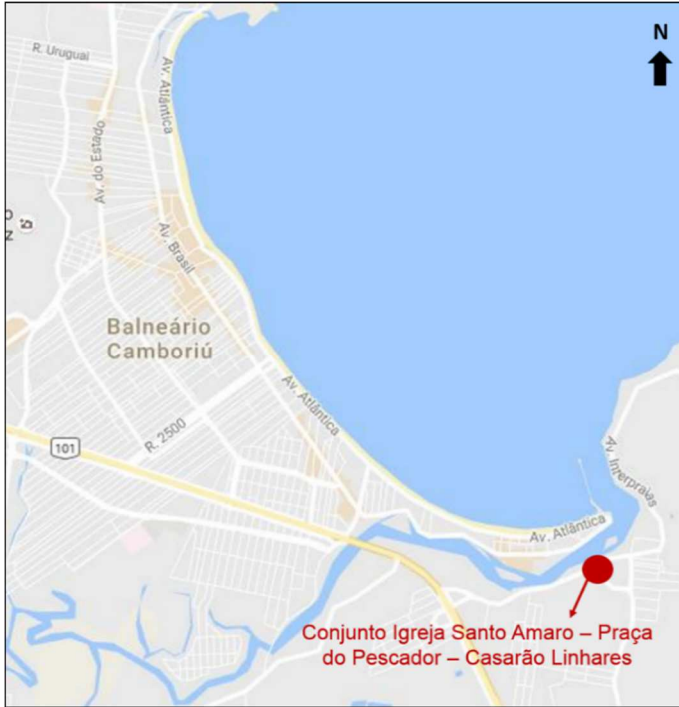
Em frente à Igreja Santo Amaro, está localizada a Praça do Pescador, que faz ligação com o Rio Camboriú. Além da Igreja, junto à Praça, está um residência dos anos 1950, que abrigava um antigo armazém. Esta edificação é conhecida na cidade enquanto Casarão Linhares, referindo-se ao sobrenome da família proprietária da casa, antigos moradores do Bairro. Atualmente, o Casarão Linhares faz parte da Fundação Cultural de Balneário Camboriú. Nas imagens a seguir podemos visualizar estas edificações, assim como sua localização:

---

<sup>179</sup> CORREA, Isaque Borba, op. cit., p. 47.

<sup>180</sup> Tombada em 25 de junho de 1998, pelo **Decreto n. 2.992**. Fonte: <[www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural](http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural)> Acessado dia 08 de junho de 2015.

<sup>181</sup> **Decreto n° 1977/1998**. Tomba como patrimônio cultural, histórico e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso – Capela Santo Amaro, e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 10 de setembro de 1998.



**Figura 45: Localização do conjunto Igreja Santo Amaro, Praça do Pescador e Casarão Linhares.**



**Figura 46: Localização Igreja Santo Amaro, Praça do Pescador e Casarão Linhares, no Bairro da Barra.**



**Figura 47: Igreja Santo Amaro, 2010. Fonte: <balneariocamboriu.sc.gov.br>**



**Figura 48: Casarão Linhares, 2010. Fonte: <balneariocamboriu.sc.gov.br>**



Figura 49: Praça do Pescador, 2010. Fonte: <balneariocamboriu.sc.gov.br>

Para compreender o espaço urbano brasileiro, e a constituição de sua paisagem, Murillo Marx demonstra que é preciso considerar um aspecto institucional fundamental, que é a relação entre o Estado e a Igreja. O processo inicial de formação de muitas cidades brasileiras ocorria norteado pela Igreja Católica, até o momento decisivo da criação do município. As recomendações do clero, as normas e procedimentos eclesiásticos eram claramente estabelecidos, e interferiam no desenho urbano. Ainda hoje, os templos e as casas religiosas são, em geral, os referenciais de maior tradição na maioria das cidades brasileiras. A expansão e o adensamento urbanos se deram em torno desses marcos<sup>182</sup>. Isso também ocorreu em Balneário Camboriú. Ou seja, no local onde marca a ocupação inicial da cidade, podemos observar uma Igreja, construída em local de destaque na paisagem, uma praça (do Pescador), e em torno da praça, o armazém (Casarão Linhares) e as primeiras habitações da cidade.

Essas edificações indicam um período em que o atual Bairro da Barra, outrora Freguesia do Bom Sucesso, era a principal centralidade da Praia. Vale mencionar que estou entendendo *centralidade* de acordo com a definição de Gilceia Pesce do Amaral e Silva:

---

<sup>182</sup> MARX, Murillo. **Cidade no brasil**: Terra de quem? São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1991.

A centralidade é essencial na estruturação da cidade, constituindo-se como lugar de pluralidade, de concentração, de densidade e diversidade do poder, da vida cultural, do movimento e do encontro, do coletivo, do comércio, das finanças e dos serviços, do sagrado e do profano, da esfera pública da vida cidadã. Centro, designando centralidade, é sinônimo de “movimento” – razão primeira de sua localização e do sentido de vitalidade associado ao apreciar, ver, estar na cidade, que resulta da intensa apropriação e de sentimento de pertencimento e identidade.<sup>183</sup>

Era o entorno da Igreja Santo Amaro o principal local de encontro da Praia, onde ocorria o maior “movimento”, como menciona Pesce do Amaral. Ali, durante muitos anos, estava a única Igreja da Praia, que propiciava encontros em missas e outras celebrações religiosas, como também o comércio, representado atualmente pelo Casarão Linhares. Ao redor da atual Praça do Pescador, ocorriam festejos, e encontros variados do cotidiano da Freguesia. Próximo desta Praça, estava também a primeira escola de Balneário Camboriú, aberta em 1850<sup>184</sup>, e o atracadouro dos barcos de pesca, que faziam a ligação para o mar e a travessia para a atual Barra Sul.

É importante mencionar que em 1884 é criado o município de Camboriú, sendo a Barra sua sede até o ano de 1890, quando é transferido para o atual centro da cidade de Camboriú, que na época chamava-se Garcia<sup>185</sup>. No mapa abaixo, podemos observar a delimitação de Camboriú no ano de 1938, ou seja, quando a orla marítima de Balneário Camboriú era ainda chamada de Praia de Camboriú:

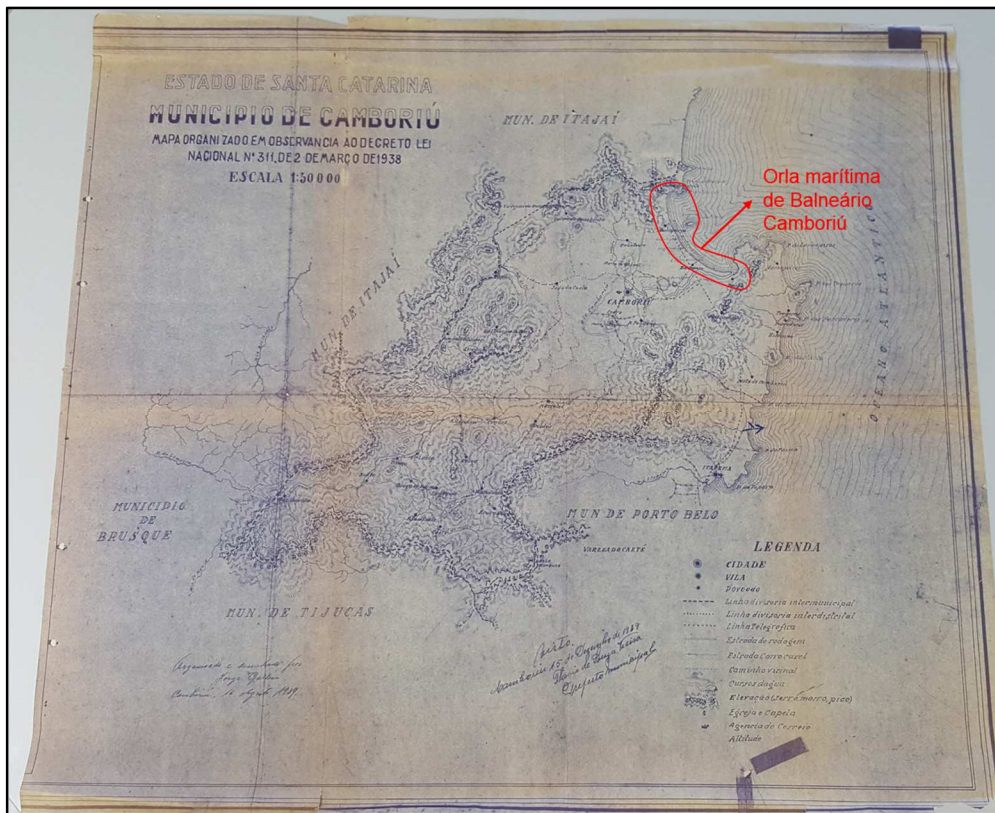
---

<sup>183</sup> AMARAL E SILVA, Gilceia P. (Org). **Arquitetura da cidade contemporânea**: centralidade, estrutura e políticas públicas. Itajaí: Univali, 2011, p. 111.

<sup>184</sup> CORREA, Isaque de Borba, op. cit., p. 25 e 72.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 20.





**Figura 50: Mapa do Município de Camboriú, 1938. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**







**Figura 52: Arraial do Bom Sucesso, Bairro da Barra, década de 1950. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Ao fundo, podemos observar a Igreja Santo Amaro, marcando a paisagem. À direita, está o Casarão Linhares. Também é possível observar outras construções nas imediações da Praça, possivelmente habitações. Uma questão importante a ser pontuada nesta imagem era a grande proximidade dos moradores com o Rio Camboriú, que estavam localizados à sua margem. Não havia muros ou cercas que impedem o contato direto com a orla ribeirinha. O fotógrafo desconhecido ou estava localizado no Rio, em cima de alguma embarcação, ou estava na outra margem, na Barra Sul, que compreende atualmente a Avenida Normando Tedesco, também conhecida enquanto Beira Rio.

A Freguesia do Bom Sucesso, atual Bairro da Barra, deixou de ser a principal centralidade da Praia a partir da década de 1920, com o início da prática do veraneio. Pouco a pouco, comércios, residências, hotéis e pousadas foram se instalando nas imediações da atual Avenida Central. Os primeiros veranistas faziam parte, em sua maioria, da burguesia industrial do Vale do Itajaí. Por esta razão, a região central da Praia possuía maior facilidade de acesso para estas cidades, do que a então longínqua ponta sul da praia.

Vale mencionar que a ocupação das margens do Rio Camboriú se deu, até os anos 1950, apenas na sua margem oeste, que compreende o Bairro da Barra. Foi com a instalação do Hotel Fischer, na margem leste, no ano de 1958, que esta iniciativa privada atuou como agente indutor da

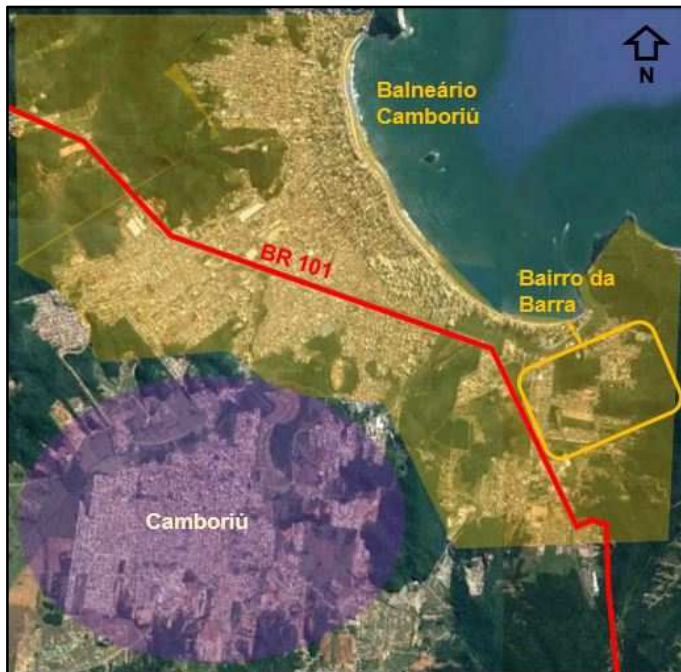
expansão urbana para áreas cada vez mais próximas ao Rio Camboriú<sup>186</sup>, conforme podemos observar na Figura 10, no primeiro item deste capítulo. Aos poucos, em especial a partir dos anos 1970, residências, bares, boates e restaurantes foram se instalando na Barra Sul, se tornando, especialmente, um importante local para a vida noturna da cidade.

Até os anos 1970, o Rio Camboriú era a única barreira que dificultava o acesso entre a região central de Balneário Camboriú e o Bairro da Barra, como podemos observar no mapa de 1938. Contudo, na década de 1970 foi concluída a BR-101, rodovia federal que corta a cidade no sentido norte-sul. A inauguração desta rodovia, cujo traçado acompanha a linha da costa brasileira, promoveu o contato entre os municípios do litoral catarinense e com os estados vizinhos, representando um marco na integração rodoviária do estado de Santa Catarina. Concluída em 1971, a BR-101 tornou-se o caminho de um número crescente de veículos nacionais e estrangeiros que chegam ao litoral de Santa Catarina para o veraneio<sup>187</sup>. Contudo, em Balneário Camboriú, essa rodovia dificultou ainda mais o acesso para a Barra, pois, atualmente, é apenas através dela que podemos acessar o Bairro de automóvel. No mapa abaixo, é possível observar essa rodovia, assim como o localização do centro da cidade de Camboriú e de Balneário Camboriú:

---

<sup>186</sup> DANIELSKI, Marcelo, op. cit., p. 168.

<sup>187</sup> PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral, op. cit., p. 115.



**Figura 53: A BR-101 em Balneário Camboriú. Fonte: Google Maps. Adaptações da autora.**

A partir de então o Bairro da Barra ficou limitado ao norte pelo Rio Camboriú, à oeste e sul pela BR-101, e à leste pelos morros que dão acesso às outras praias da cidade. Atualmente, a BR-101 divide a cidade ao meio. A região central localizada à sua margem leste representa a área verticalizada e com os terrenos mais valorizados, enquanto aquela região à oeste, mais próxima da cidade de Camboriú, é uma área menos favorecida e assistida pelo poder municipal. Contudo, pode-se dizer que a cidade cresceu para além desta rodovia em direção sudoeste, pois quando ocorreu a consolidação da BR, esta região da cidade ainda era pouco ocupada.

Ao observar as fotografias que compõem o Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, podemos perceber que a Igreja Santo Amaro, no Bairro da Barra, constituía-se em um significativo marco na paisagem da Praia. Em muitas imagens do acervo, era essa a edificação escolhida para compor diversas fotografias. Na maioria dos casos, são retratos de visitantes, que escolhem esse local para aparecer em suas recordações de veraneio:



**Figura 54:** Família Wachs na margem do Rio Camboriú, década de 1950.  
**Fonte:** Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.

Trata-se de uma fotografia de Úrsula Wachs com seus sobrinhos, na década de 1950, segundo informações do Arquivo Histórico. O autor desta imagem, provavelmente, é Hans Wachs, o mesmo fotógrafo do *Álbum Fotográfico-Descritivo*, analisado na primeira parte deste Capítulo. A tia e seus sobrinhos estavam localizado na margem leste do Rio Camboriú. A Igreja está em destaque, e também podemos visualizar o Casarão Linhares, e diversas habitações em sua proximidade. Assim como na Figura 52, não havia qualquer bloqueio para acessar o Rio Camboriú, e o Bairro da Barra era facilmente visualizado a partir da ponta sul da Praia.

Ao mesmo tempo em que a Igreja Santo Amaro destacava-se na paisagem, como podemos observar nas fotografias anteriores, ela também proporcionava uma vista privilegiada:



**Figura 55: Família na Igreja Santo Amaro, década de 1960. Fonte: Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.**

Na imagem acima, vemos uma família no início da década de 1960 que, ao invés de escolher a Igreja para aparecer na fotografia, preferiu registrar o cenário que ela proporcionava. A partir da Igreja, era possível observar não apenas o Bairro da Barra, como também o Rio Camboriú e toda a extensão da Praia, especialmente, a Barra Sul. Neste momento, o armazém da família Linhares era o elemento arquitetônico que mais se destacava.

Em uma visita ao Bairro da Barra na década de 1950, João Kleis descreve a vista para a Praia a partir das imediações da Praça do Pescador. Sua descrição se relaciona com a imagem acima:

Daqui de Balneário eu me lembro da festa de São Pedro. Eu era noivo, vim com minha sogra e esposa, na festa de São Pedro, na Barra. Uma festa bonita, churrasco, e um detalhe que me chamou atenção, eu e a Ida atravessamos pra lá e pra cá, praticamente o dia todo, não tinha muita coisa pra fazer, tinha ali as barraquinhas né, tinha os bingos. E era uma balsa puxada por cabos de aço. Era uma balsa que atravessa da Barra aqui para a praia. Então eu e a Ida atravessamos umas três quatro vezes ali. A gente olhava a praia de lá. Nossa visita foi em torno de 1950, na Festa de São Pedro. Então a gente olhava aquela



coisa linda, a praia né. Ainda levantava assim uma pequenina fumaça em dia de sol, bonito, aquela areia branca, a nossa enseada lindíssima sem nada, só que cada roseta desse tamanho.<sup>188</sup>

João Kleis, natural de Itajaí, veio residir em Balneário Camboriú apenas na década de 1970. Mas, é desde os anos 50 que frequentava a Praia. No depoimento acima, recorda a festividade que ocorreu na Praça do Pescador, em frente à Igreja. Atravessar o Rio Camboriú através de uma balsa era uma das atrações do passeio. Esta balsa era localizada em frente à Praça. A descrição de uma enseada “sem nada” demonstra uma Praia ainda pouco urbanizada.

No entanto, esta vista relemburada pelo entrevistado se transformou de forma significativa com o decorrer dos anos. Isto ocorreu, especialmente, a partir dos anos 2000, quando a visão para o mar e para o Rio passou a ser bloqueada por uma série de empreendimentos privados, e também por obras públicas, que ali se instalaram:



**Figura 56:** Vista a partir da Igreja Santo Amaro, 2016. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Até a década de 1990, a concentração da ocupação e da verticalidade se deu, especialmente, na porção central da orla marítima de

<sup>188</sup> KLEIS, João. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 30 de maio de 2006.

Balneário Camboriú, em virtude da centralização dos serviços nesta área. No entanto, foi a partir desta década que a saturação do espaço pelo mercado imobiliário à beira-mar começou a dar seus primeiros sinais. A solução encontrada foi a construção de edifícios cada vez mais altos, e sua expansão ao sul e norte da orla<sup>189</sup>. Os edifícios que vemos na fotografia acima fazem parte deste processo de expansão e de verticalização da orla por empreendimentos de alto padrão, que se extremou na primeira década dos anos 2000, especialmente na região conhecida como Barra Sul, onde encontramos o Rio Camboriú.

Nessas áreas, a disponibilidade de terrenos e o potencial estético do entorno verde dos morros, em oposição à paisagem massivamente construída das áreas mais centrais, se tornou um grande atrativo para o capital imobiliário, o qual, em busca de maximização de lucros, passou a investir em torres habitacionais de luxo, cujos apartamentos possuem áreas que ultrapassam os 200 metros quadrados. As construtoras elevaram o gabarito dessas torres residenciais a fim de uma maior exploração dos terrenos<sup>190</sup>.

O Plano Diretor acompanhou este processo, e as polêmicas envolvendo sua revisão, no ano de 2006, são percebidas no *Jornal Página 3*, o jornal municipal de maior circulação. Um das principais questões noticiadas com relação a este tema é, justamente, sobre o adensamento e verticalização na Barra Sul. Já no início deste ano, o *Jornal* mencionava que durante o mês de dezembro de 2005, vereadores teriam apresentado e aprovado rapidamente propostas de alteração do Plano Diretor, tais como regularização de obras até então irregulares, e o aumento da ocupação na Barra Sul. De acordo com o *Jornal*, estas alterações teriam beneficiado proprietários de terrenos naquela região; alguns destes proprietários eram, inclusive, vereadores envolvidos nas discussões, que obteriam lucro com as modificações<sup>191</sup>. Apesar do Ministério Público ter, logo em seguida, barrado estas propostas, alegando que não houve discussão com a comunidade, estas emendas foram aprovadas no final de 2006, quando é publicado o novo Plano Diretor<sup>192</sup>.

Como observa Heloisa Flores, o Plano Diretor aprovado em 2006, e a Lei de Uso e Ocupação do Solo de 2008, mostram-se extremamente

---

<sup>189</sup> FLORES, Heloisa, op. cit., p. 111.

<sup>190</sup> *Ibidem*.

<sup>191</sup> Promotores investirão contra mudanças no Plano Diretor. **Página 3**. Balneário Camboriú, 21 de janeiro de 2006, p. 5.

<sup>192</sup> Câmara aprovou novo Plano Diretor. **Página 3**. Balneário Camboriú, 16 de dezembro de 2006, p. 2.



coniventes com o mercado imobiliário e permissivos, principalmente, na quadra da Avenida Atlântica e Brasil. Na atual legislação territorial, por exemplo, essas áreas estão inseridas nas Zonas de Ambiente Construído Consolidado Qualificado de Alta Densidade: ZACC-1-A, ZACC-1-B e ZACC-1-C, bem como na Zona de Estruturação Especial: ZEE – II. Nestas Zonas, caracterizadas pelo metro quadrado mais caro da cidade, as restrições à ocupação e à verticalização são ínfimas, quando não inexistentes<sup>193</sup>.

Isso parece ocorrer em virtude da presença majoritária de agentes do mercado imobiliário no processo de revisão do Plano. Com frequência, o *Jornal Página 3* menciona o Estatuto da Cidade, do ano de 2001, e reforça a necessidade de participação popular nas audiências públicas. Diferente do primeiro Plano Diretor da cidade, em que houve nenhuma participação popular, conforme vimos no item anterior deste capítulo, em 2006, percebe-se, através das notícias pesquisadas, que houve – ainda que pouca – a participação de moradores da cidade. Na primeira audiência, por exemplo, mais de 400 pessoas compareceram<sup>194</sup>.

No entanto, isto não foi suficiente perante a massiva participação de membros do mercado imobiliário. Segundo o *Página 3*, o setor da construção civil montou uma estratégia para dominar a votação de escolha dos delegados, que são aqueles que votaram nas propostas do novo Plano Diretor. Funcionários e pessoas ligadas aos construtores se infiltraram em três grupos de delegados: os dos movimentos sociais e populares, dos empresários e das entidades sindicais de trabalhadores. Para se ter uma ideia, de acordo com o *Jornal*, uma única construtora chegou a emplacar três delegados, outra elegeu dois, e a secretária do sindicato da categoria virou delegada representando os trabalhadores<sup>195</sup>.

Este manipulado Plano Diretor deu início a uma corrida para se construir não apenas os edifícios mais altos do estado, mas agora, do país. No ano de 2014, por exemplo, em Balneário Camboriú estavam cinco dos dez edifícios mais altos do país, incluindo tanto os que já estão prontos quanto em fase de construção<sup>196</sup>. Nesta lista, está mais alto do Brasil, o

<sup>193</sup> FLORES, Heloisa, op. cit., p. 176.

<sup>194</sup> Audiência pública do Plano Diretor foi um desastre. **Página 3**. Balneário Camboriú, 26 de agosto de 2006, p. 5.

<sup>195</sup> Construção domina votações. **Página 3**. Balneário Camboriú, 26 de agosto de 2006, p. 5.

<sup>196</sup> De acordo com levantamento da *Council of Tall Buildings and Urban Habitat*, realizado em 2014, os dez edifícios mais altos do Brasil, prontos ou em construção, são: 1º) One Tower (Balneário Camboriú; 280 metros,

residencial One Tower, ainda em obras, na Barra Sul, frente para o mar. Com 280 metros de altura e 77 andares, ele já ocupa a 331ª posição entre os prédios mais altos do mundo<sup>197</sup>:



**Figura 57: projeção da orla marítima de Balneário Camboriú com o Residencial One Tower. Fonte: veja.abril.com.br**

Dados do Sindicato da Construção Civil de Balneário Camboriú, levantados por Marcelo Danielski em sua dissertação, mostram os efeitos do Plano Diretor de 2006, em especial com relação à região sul da orla. No ano de 2008, cerca de 50% (429.391,00 m<sup>2</sup>) da área total em construção estava localizada na área denominada Barra Sul. Também era

---

residencial, em obras) 2º) Infinity Coast Tower (Balneário Camboriú; 237 metros, residencial, em obras) 3º) Boreal Tower (Balneário Camboriú; 220 metros, residencial, em obras) 4º) Sky Tower (Balneário Camboriú; 210 metros, residencial, em obras) 5º) Tour Geneve (João Pessoa; 182 metros, uso misto, em obras) 6º) Palácio W. Zarzur (São Paulo; 170 metros, corporativo, entregue em 1967) 7º) Alameda Jardins Residence (Balneário Camboriú; 170 metros, residencial, em obras) 8º) Edifício Itália (São Paulo; 165 metros, corporativo, entregue em 1965) 9º) Rio Sul Center (Rio de Janeiro; 163 metros, corporativo, entregue em 1982) 10º) Altino Arantes (São Paulo; 161 metros, corporativo, entregue em 1947). Fonte: <<http://buildingdb.ctbuh.org>>

<sup>197</sup> BARROS, Mariana. O que a Arábia Saudita e Balneário Camboriú tem em comum: os edifícios mais altos do planeta e do país. **Revista Veja**. In: <<http://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/arquitetura-2/predio-mais-alto/>> 24 de novembro de 2014. Acessado em 10 de maio de 2016.

nessa região que se encontra a maior média de área total dos edifícios (8.897,59m<sup>2</sup>), média de número de andares (22,72 andares) e maior número de apartamentos sendo construídos (1.373 apartamentos)<sup>198</sup>. Outro dado interessante diz respeito ao número de apartamentos. A Barra Sul está em último lugar quando o número de apartamentos construídos é de 1 ou 2 dormitórios. Quando este número sobe para 3 dormitórios, é responsável por cerca de 35% das unidades em construção. Contudo, quando se trata de apartamentos com 4 ou mais dormitórios, a Barra Sul é responsável por cerca de 75% do total. De acordo com Danielski, estes dados demonstram que, nesta região, está sendo construído em maior quantidade e altura, além de ser responsável por  $\frac{3}{4}$  dos apartamentos destinados aos compradores de altíssimo poder aquisitivo, evidenciando uma concentração de renda nesta área margeada pelo Rio Camboriú e pelo mar<sup>199</sup>.

Como observa Danielski, a noção de planejamento urbano na legislação de Balneário Camboriú está diretamente vinculada à intensificação dos índices urbanísticos de uso e ocupação do solo: “os índices tem aumentado, historicamente, na mesma proporção das alterações e atualizações de planos diretores. (...) Trata-se de um processo que praticamente tem acompanhado toda a evolução urbana de Balneário Camboriú”<sup>200</sup>.

Em virtude das grandes transformações que ocorreram em Balneário Camboriú, e como resultado de uma legislação altamente conivente com o mercado imobiliário, o que ocorre na orla desta cidade, pontua Danielski, é que perdeu-se a noção do velho e do novo “e a sua paisagem passou a evidenciar uma tendência à homogeneidade de temporalidades”<sup>201</sup>. Na verdade, não há um esforço em preservar elementos na paisagem que sejam testemunhos de diferentes momentos da história da cidade.

Outra consequência deste intenso processo de verticalização é a restrição de correntes de ar marítima e, especialmente, uma extensa sombra na faixa de areia, que ocorre já no início da tarde:

---

<sup>198</sup> DANIELSKY, Marcelo, op. cit, p. 171.

<sup>199</sup> *Ibidem*.

<sup>200</sup> DANIELSKY, Marcelo, op. cit., p. 157.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 121 – 122.



**Figura 58: Sombreamento da faixa de areia em Balneário Camboriú, 2015. Fonte: ClicRBS.**

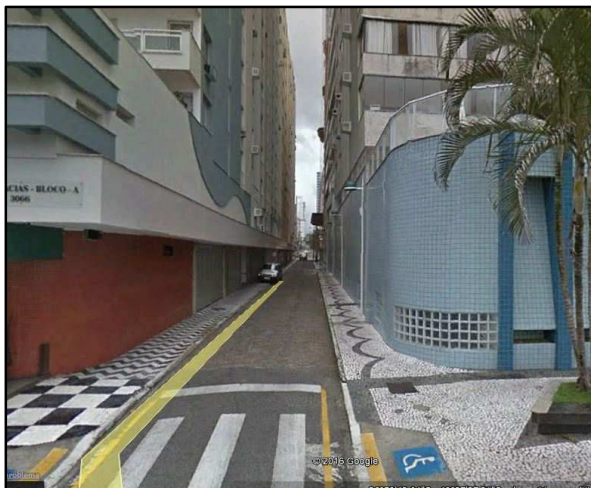
O sombreamento da faixa de areia revela as contradições do capital imobiliário que, ao buscar maiores lucros verticalizando ao máximo esta região, erige uma arquitetura que vai contra o próprio uso da terra. A Prefeitura busca sanar esta questão com um projeto milionário que visa o alargamento da faixa de areia<sup>202</sup>. Como observa Heloisa Flores, este mega-projeto garante que esta área continue sendo valorizada, “diminuindo os efeitos negativos dos empreendimentos privados verticais sobre o maior espaço público do município”<sup>203</sup>. Custeado pelo poder municipal, este projeto é amplamente defendido pelo capital imobiliário local, para que seus empreendimentos continuem sendo valorizados.

Além disso, andar pelo do centro da cidade, atualmente, significa passar por ruas estreitas, limitadas pelas lâminas altas das paredes dos edifícios, como podemos observar na fotografia abaixo:

---

<sup>202</sup> SPAUTZ, Dagmara. Ampliação da faixa de areia de Balneário Camboriú é adiada. **Diário Catarinense**. 29 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/de-ponto-a-ponto/noticia/2015/12/ampliacao-da-faixa-de-areia-em-balneario-camboriu-e-adiada-4940420.html>> Acessado dia 13 de julho de 2016.

<sup>203</sup> FLORES, Heloisa, op. cit., p. 131.



**Figura 59: Exemplo de rua estreita em Balneário Camboriú, Rua 2700. Fonte: GoogleMaps.**

Considerando o município de Balneário Camboriú por inteiro, Danielski demonstra que 50% dos domicílios ainda é considerado não ocupado. Isso significa que Balneário Camboriú ainda tem uma forte ligação com a temporada de verão, com o período das férias, com o turismo de veraneio, já que 84% dos domicílios não ocupados foram considerados de uso ocasional, segundo dados levantados pelo autor. Estes mesmos domicílios de uso ocasional demonstram que a expressão segunda residência ou casa de veraneio ainda continua em voga nesta cidade. Contudo, quando ocupados, cerca de 1/3 dos apartamentos localizados na Avenida Atlântica são fonte de renda, ou seja, alugado, ou fonte de não renda, cedido. Isso significa que estão além da necessidade básica de moradia. São investimentos, como coloca Danielski, com renda mensal (aluguel) ou como uma espécie de caderneta de poupança, como uma moeda de grande liquidez, que poderia ser negociado a qualquer momento<sup>204</sup>.

Ao analisar os dados de origem dos proprietários que foram cedidos por três das cinco principais construtoras da cidade – FG Procave, Cechinel e R. Teixeira – Marcelo Danielski demonstra que, boa parte destes proprietários, são do Vale do Itajaí e seu entorno próximo, como Florianópolis, Jaraguá do Sul e Joinville. Estes dados constataam, mais uma vez, que os termos casa de veraneio e segunda residência ainda

<sup>204</sup> DANIELSKI, Marcelo, op. cit., p. 174 – 176.

expressam uma alternativa de lazer para uma parcela da sociedade da região do Vale do Itajaí<sup>205</sup>.

Além disso, alguns dos edifícios que vemos na Figura 56, localizados na Barra Sul, possuem uma característica peculiar. Ao longo da história da cidade, diversas residências e pequenos edifícios foram derrubados para dar lugar a novas – e com muito mais altura – edificações. Alguns destes novos edifícios levam nomes dos antigos lugares onde estão construídos. É o que ocorre, por exemplo, com dois dos residenciais que podemos observar na Figura 56: onde antes existia um tradicional ponto de encontro e sociabilidade da cidade, com as casas noturnas Baturité e Ibiza, estão sendo construídos edifícios que possuem o mesmo nome:



**Figura 60: Edifício Baturité e Edifício Ibiza, respectivamente, 2014. Fonte: arquivo pessoal da autora.**

---

<sup>205</sup> Idem, p. 186.

No caso do Edifício Baturité, o tapume retratava um contexto de festa, indicando as antigas práticas efetivadas neste espaço:



**Figura 61: Tapume do Edifício Baturité LoungeHouse, 2014. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

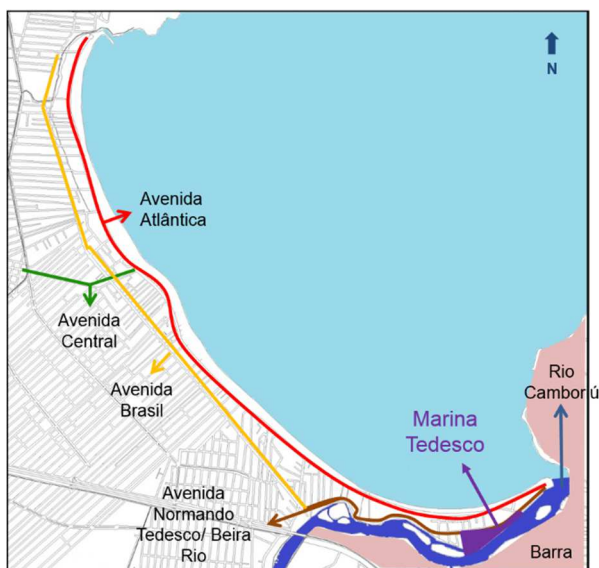
O Rancho do Baturité iniciou suas atividades na Barra Sul enquanto um restaurante, no início dos anos 1960. Depois, funcionou enquanto casa noturna, importante local de encontro do público jovem da cidade, que esteve em funcionamento até início dos anos 2000<sup>206</sup>. Esta questão dos novos edifícios levarem os mesmos nomes das edificações que vieram substituir, parece estar se tornando uma prática muito comum na cidade. O mesmo acontece no centro da cidade, onde o Edifício Dalcelis possui o mesmo nome de uma antiga casa comercial ali localizada. E também na Barra Sul, no local onde ficava o já mencionado Hotel Fischer, que foi demolido em 2012, um novo prédio será construído, chamado Fischers Dream. A edificação e os usos já não são os mesmos, mas o nome permanece, como que numa tentativa de buscar autenticidade perante os moradores da cidade, de manter o reconhecimento dos usuários sobre aqueles espaços, agora tão estranhos.

Os empreendimentos que tem se instalado nas proximidades do Rio Camboriú, ao longo do tempo, não são apenas os edifícios que vemos

<sup>206</sup> CORREIA, Richard Lopes. BC que inspira: um resgate da vida noturna de Balneário Camboriú. **Jornal Página 3**. Balneário Camboriú, 17 de julho de 2015.

nas fotografias e que mencionamos anteriormente. Se durante décadas o contato com a orla ribeirinha ocorria sem nenhum tipo de barreira visual ou física, sendo este um local significativo no cotidiano dos moradores da Praia, atualmente, este Rio está se tornando cada vez mais privado, acessado apenas por algumas residências e diversas marinas que, nas últimas décadas, tem se instalado ao longo de suas margens.

Até o ano de 2006, marinas estavam localizadas apenas na margem oeste do Rio Camboriú, que compreende o Bairro da Barra. Contudo, é neste ano que é inaugurada a Marina Tedesco, a primeira marina na margem leste, na Barra Sul. Esta Marina possui capacidade para 450 embarcações em uma estrutura que ocupa 30 mil metros quadrados<sup>207</sup>. Foram investidos mais de 20 milhões de reais, e se destaca no cenário náutico atual, pela sofisticação de suas instalações e modernidade dos equipamentos utilizados<sup>208</sup>. A Marina está localizada em frente ao Bairro da Barra, que está do outro lado do Rio:



**Figura 62: Localização da Marina Tedesco.**

<sup>207</sup> Informações disponíveis em: <[www.marinatedesco.com.br](http://www.marinatedesco.com.br)> Acessado dia 29 de maio de 2015.

<sup>208</sup> Tedesco Marina, padrão internacional para seu barco. **Perfil Náutico**. 16 de setembro de 2014. Disponível em: <[www.perfilnautico.com](http://www.perfilnautico.com)> Acessado dia 29 de maio de 2015.





**Figura 63: Localização da Marina Tedesco.**

A partir de sua inauguração, um novo elemento se destaca na Avenida Normando Tedesco, também conhecida como Beira-Rio – são os muros desta Marina:



**Figura 64: Muros da Marina Tedesco, Av. Beira Rio, 2016. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Atrás dos muros da Marina Tedesco, escondido, está o Rio Camboriú. Boa parte de suas margens são acessíveis, agora, apenas para os donos de embarcações. Os vidros nos muros, que possibilitam uma pequena visualização para o Rio Camboriú, transformaram-no em uma espécie de vitrine de barcos de luxo. Na verdade, construções como a Marina Tedesco e outras edificações, bloqueiam não apenas o contato físico e visual com o Rio, como qualquer observação para o Bairro da Barra. Vale mencionar que da Rua 3700 até a Rua 4450 há passeios públicos ao longo das margens do Rio. No entanto, é apenas onde está a Marina Tedesco que é possível observar o Bairro da Barra, mais especificamente, o conjunto Igreja Santo Amaro, Casarão Linhares e Praça do Pescador, a partir da Barra Sul – exatamente onde estava Úrsula Wachs com seus sobrinhos, na Figura 54. Com estes bloqueios visuais, a Igreja Santo Amaro deixou de ser um marco paisagístico significativo para a maioria dos transeuntes da cidade, como podemos observar na imagem a seguir:



**Figura 65: Igreja Santo Amaro a partir da Barra Sul, 2016. Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Uma realidade semelhante ocorre na margem oeste do Rio Camboriú, nas imediações da Praça do Pescador, com relação aos muros de marinas privadas. Uma das poucas aberturas públicas para o Rio Camboriú, no Bairro da Barra, é o trapiche dos pescadores. Este trapiche está localizado em frente à uma parte da Marina Tedesco, como podemos visualizar na imagem a seguir:



**Figura 66: Localização do Trapiche dos pescadores.**



**Figura 67: Trapiche dos pescadores, 2016. Fonte: Arquivo Pessoal da autora.**

A vista é impressionante, pois mostra o contraste entre as duas margens. O luxo e a estrutura da Marina Tedesco, além da altura dos

edifícios à beira-mar, contrastam com as embarcações dos pescadores, a simplicidade e precariedade de seu trapiche:



**Figura 68:** Vista do Trapiche dos Pescadores, na Barra, para Marina Tedesco, na Barra Sul, 2016. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A Marina Tedesco parece significar a consolidação de um processo que, pouco a pouco, tem afastado o Rio Camboriú do cotidiano da cidade, mas também o Bairro da Barra da Praia Central. Ainda que a distância geográfica permaneça a mesma de décadas atrás, a orla marítima parece estar se tornando cada vez mais “distante” dos moradores da Barra; e a Barra, cada vez mais isolada do resto da cidade. É importante mencionar que a Barra foi um bairro ocupado, de maneira geral, por classes menos abastadas, caracterizada, em especial, por pescadores. O Rio Camboriú faz a divisa, na verdade, de duas realidades distintas, que convivem muito próximas na mesma cidade.

Isto é perceptível em entrevistas realizadas com moradores do Bairro da Barra, feitas durante o primeiro semestre de 2014, em uma disciplina chamada *Atelier de Arquitetura da Cidade*, no mestrado em *Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade*, da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta disciplina, ministrada pela professora doutora Gilcéia Pesce do Amaral e Silva, foi proposta a construção de um projeto urbanístico para o Bairro da Barra, para daqui 20 anos. Enquanto historiadora, meu papel era participar dos debates do projeto e trazer informações sobre o Bairro. Neste processo, entrevistei um conjunto de moradores, averiguando sobre quais os principais problemas urbanos



encontrados no Bairro. Ao longo dessas conversas, quando eram indagados se moravam na Barra, muitos diziam: “Não, eu moro em Balneário”, ou “Agora eu moro na Barra, mas antes eu morava em Balneário”. Quando falavam “Balneário”, estavam se referindo a região central da cidade. Apesar da Barra fazer parte de Balneário Camboriú, na fala de alguns sujeitos entrevistados é como se fosse uma cidade à parte. Isso indica que, para estas pessoas, Barra e “Balneário” são locais com características tão distintas, que não são a mesma cidade.

No entanto, nas margens do Rio Camboriú encontramos não apenas empreendimentos privados, como também polêmicas obras públicas. É o caso da passarela do Rio Camboriú. O acesso para o Bairro da Barra, conforme mencionado, se faz através de duas maneiras, ou pela BR-101 ou, então, por uma embarcação da Prefeitura que faz a travessia gratuitamente pelo Rio Camboriú, de pedestres e ciclistas. Por anos, uma ponte conectando as duas margens do Rio Camboriú tem sido reivindicada por moradores do Bairro da Barra. Até que, no ano de 2012, iniciou-se a construção de uma passarela que fará essa ligação. Esta passarela possui 25 metros de altura, sendo que cada estrutura (torre) possui em média 23,5 toneladas; 189,6 metros de comprimento por 11 de largura, equivalente a um prédio de 22 andares. O acesso para o alto das torres será possibilitado por meio de quatro elevadores, dois em cada margem do Rio, sendo um em cada torre, com capacidade para 22 pessoas cada. As duas torres de acesso, uma de cada lado, darão acesso à obra pelas extremidades<sup>209</sup>. A estrutura ainda terá dois restaurantes e lojas. Vale mencionar que, apesar de suas exageradas dimensões, esta passarela fará a travessia apenas de pedestres e ciclistas. A obra, no entanto, está permeada de polêmicas, em virtude do alto investimento (cerca de R\$ 28 milhões de reais), do atraso para conclusão da obra (a passarela ainda não foi inaugurada; sendo que o prazo inicial para conclusão era o ano de 2013), e de denúncias relativas a corrupção durante sua construção<sup>210</sup>. Nas imagens a seguir, podemos visualizá-la:

---

<sup>209</sup> NASCIMENTO, Juliana. Obras da passarela seguem a todo vapor. **Prefeitura de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú, 09 de abril de 2014. In: <[www.balneariocamboriu.sc.gov.br](http://www.balneariocamboriu.sc.gov.br)> Acessado dia 08 de junho de 2015.

<sup>210</sup> MP denuncia 46 por envolvimento com fraudes em Balneário Camboriú. **G1**. In: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/08/mp-denuncia-46-por-envolvimento-com-fraudes-em-balneario-camboriu.html>> 12 de Agosto de 2015. Acessado dia 10 de maio de 2015.



**Figura 69: Passarela do Rio Camboriú, 2015. Fonte: ClicRbs.**



**Figura 70: Passarela do Rio Camboriú, 2016.**

Como vemos nas fotografias acima, a torre na margem oeste do Rio está localizada exatamente na Praça do Pescador, onde antes havia um deque, que fazia a travessia dos barcos, conectando os dois bairros<sup>211</sup>. Esta torre, em virtude de suas grandes dimensões, contrasta com a

<sup>211</sup> Essa travessia agora é feita ao lado da Marina Tedesco, mais ao norte, na entrada da Rua 4550.

pequena Praça, tornando-se mais um elemento que impede a observação e contato com o Rio Camboriú. Na fotografia a seguir, é possível observá-la a partir Praça do Pescador, ainda com os tapumes da obra:



**Figura 71: A passarela do Rio Camboriú na Praça do Pescador, 2016. Fonte: Arquivo da autora.**

A justificativa da Prefeitura para a construção desta passarela não está associada a uma simples passagem de pedestres, mas de que ela se transforme em mais uma nova atração turística da cidade. Na notícia abaixo, podemos identificar algumas intenções do poder municipal:

“Além de se tratar de um ponto turístico a estrutura irá facilitar a transição de pedestres, moradores e visitantes, entre o Bairro da Barra e a Barra Sul. Nosso intuito é o de dar continuidade ao conceito de humanização de Balneário Camboriú como um todo”, diz prefeito Edson Piriquito. Com a Passarela, a prefeitura pretende atrair turistas para o Bairro. O planejamento tem a intenção de levar crescimento a toda a região das praias agrestes (Estaleiro, Estaleirinho, Taquaras, Taquarinhas, Pinho e Laranjeiras). Inclui um deck flutuante, a construção de um píer turístico, e incentivos fiscais a moradores e

comerciantes que construïrem ou alterarem as fachadas de suas casas e estabelecimentos voltando as edificações para o rio, seguindo ainda uma linha arquitetônica que valorize a cultura da Barra.<sup>212</sup>

Como podemos observar na reportagem acima, esta atração terá um apelo “cultural”, e seu principal alvo será o Bairro da Barra. Mas, o que significa alterar as fachadas para “uma linha arquitetônica que valorize a cultura do bairro”? Qual cultura do Bairro, que também é da cidade, está sendo considerada e construída pela Prefeitura? Isto pode estar associado com um processo urbano de espetacularização, como menciona Paola Jacques, onde a cultura se destaca enquanto estratégia principal para revitalização urbana. Esta revitalização, no entanto, é realizada de forma genérica e homogeneizadora, gerando um processo de gentrificação e tornando aquele local um mero cenário a ser consumido por turistas<sup>213</sup>.

A construção desse cenário está associado com outras ações da Prefeitura, que tem acompanhado esse momento de construção da passarela. Como, por exemplo, a Festa do Folclore, que ocorre desde 2014, na Praça do Pescador. Dentre as atrações deste Festival, que tem duração de três dias, destaca-se a gastronomia, com pratos produzidos pelas famílias de pescadores artesanais que fazem parte da Colônia de Pescadores de Balneário Camboriú<sup>214</sup>. Também ocorrem apresentações de dança, música e teatro, como boi-de-mamão, grupo de dança folclórica e terno-de-reis. Contudo, ao que tudo indica, algumas destas práticas culturais que fazem parte da programação da Festa do Folclore, como o boi-de-mamão, já não fazem parte do cotidiano da cidade.

Para se ter uma ideia, no ano de 2014, por exemplo, com exceção do Terno-de-reis (o grupo é de Balneário Camboriú, da Praia de Taquaras), a apresentação do Boi-de-mamão foi realizado por um grupo de teatro da cidade de Itajaí, e a dança folclórica por um grupo do

---

<sup>212</sup> Com passarela, Prefeitura de Balneário Camboriú pretende valorizar cultura do bairro. **O Sol Diário**. Itajaí, 29 de abril de 2014. In: <[www.osoldiario.clicrbs.com.br](http://www.osoldiario.clicrbs.com.br)> Acessado dia 08 de junho de 2015.

<sup>213</sup> JACQUES, Paola. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. **Revista Observatório**. Itaú Cultural, São Paulo: n. 5, abr/jun 2008, pp. 47 – 57.

<sup>214</sup> A sede da Colônia de Pescadores de Balneário Camboriú – Z7 está localizada no Bairro da Barra.



município de Bombinhas. Se há grupos de boi-de-mamão, ou outras celebrações culturais, organizados em Balneário Camboriú, eles não foram contemplados pelo festival. O que ocorreu foi que a maioria dos grupos que ali se apresentavam não tinham qualquer vínculo com a cidade e com seus moradores. Ao que parece, trata-se de uma tentativa de associar o Bairro da Barra com determinadas práticas culturais, consideradas “típicas”, talvez num esforço de delimitar este Bairro enquanto o “centro histórico” da cidade. Parece não ser por acaso que uma Festa intitulada “do Folclore” ocorra no Bairro da Barra, e não nas imediações da moderna e verticalizada Avenida Central, a principal centralidade da cidade.

Se o conceito de *centro histórico*, como discute Argan, pode ser útil, no sentido de proteger esta área de atividades administrativas que entram em contradição com seu desenvolvimento histórico e sua estrutura, ele também é um conceito problemático, porque é preciso pensar a cidade como uma instituição, como um todo, articulando o centro histórico da cidade moderna, e não separando as partes da cidade sem que se tenham relação entre si<sup>215</sup>. Contudo, esta divisão é o que parece estar ocorrendo na cidade de Balneário Camboriú. Uma vez que a “história”, ou uma suposta “cultura”, esteja delimitada no Bairro da Barra, todo o resto da cidade, em especial sua orla marítima, estaria livre para o “moderno”, para as transformações ditadas, especialmente, pelo mercado imobiliário.

Ainda assim, se algumas celebrações promovidas pela Festa do Folclore parecem não ter mais vínculos com a cidade, ou, ao menos, com o Bairro da Barra, é importante salientar que nem sempre foi assim. É o que podemos observar nas entrevistas do *Projeto Memória*. Essas práticas sociais são recordadas por aqueles que nasceram ou moravam no Bairro da Barra. Como Maria da Cruz Vicente, dona de casa, que nasceu neste bairro em 1917, quando a Praia ainda pertencia ao município de Camboriú. Sobre essas celebrações, ela lembra:

Ah, me lembro, tinha boi-de-mamão, tinha reis. De vez em quando eu canto reis lá em casa. A gente chegava na porta e cantava assim: “ah, meu senhor dono da casa, dono da casa senhor, me abra a sua porta, que o santo já chegou”. Tinha outra, que me tio cantava: “papagaio da pena verde, tá andando

---

<sup>215</sup> ARGAN, Giulo Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

de porta em porta, santo reis anunciando”. Essa era bonita, meu tio cantava bem. Aí botava café, tinha gente que recebia bem, colocavam café. (...) *O boi de mamão acontecia aqui na Barra?* Acontecia. Nós brincava muito. Lá em casa, aqui que eu morava, brincou muito lá em casa. Eu tinha medo do barão, daquele bicho que fazia assim. Eu tinha um medo. E meu marido tinha medo era do boneco.<sup>216</sup>

Assim como Maria da Cruz Vicente, outro entrevistado que nasceu no Bairro da Barra, em 1939, é Cassemiro Domingos Pinheiro, pescador e taxista. Ele recorda:

A brincadeira que mais marcou a história nessa época, a brincadeira de boi-de-mamão que tratavam. É e isso aí, era nós mesmo que fazia, não era um negócio tão sofisticado como hoje. A gente pegava uma cabeça de boi, uma caveira daquela, enfiava em um pau, dali fazia a armação, depois forrava tudo com um pano e ia brincar com aquilo. Tinha tubarão, tinha a Mariola, tinha o Serra Verde, que era a pessoa que lançava o boi para matar, o cavalinho, a Mariola, tudo isso era o nosso divertimento na época. Isso aí bastante tempo nós executamos isso. Agora não existe mais nada.<sup>217</sup>

Os depoimentos acima demonstram o quanto essas celebrações eram recorrentes e comuns no Bairro da Barra. Os personagens do boi-de-mamão eram produzidos pelos próprios moradores e, assim como o terno-de-reis, faziam parte da relações de sociabilidade do Bairro. Contudo, essas práticas não são recordadas apenas por aqueles que viviam no Bairro da Barra. É o caso de Olíndio Miguel, pescador, e morador na Barra Norte:

---

<sup>216</sup> VICENTE, Maria da Cruz. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 10 de setembro de 2006.

<sup>217</sup> PINHEIRO, Cassemiro Domingos. Entrevista concedida a Elisângela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 17 de julho de 2006.

Tinha a brincadeira de boi. Comprava o boi e botava, laçava, botava na vara, fazia de tudo, né. Brincava na mangueira [cercado onde fica o boi e os farristas]. Tinha terno-de-reis, boi-de-mamão. Aqui [Barra Norte] quase não tinha. Tinha lá pra Barra.<sup>218</sup>

Olíndio Miguel recorda não apenas o boi-de-mamão, mas também descreve a farra do boi. Através de seu depoimento, podemos conjecturar que essas práticas sociais, apesar de serem mais frequentes na Barra, como pontua o entrevistado, ocorriam em toda a praia, haja visto que ele frequentava o norte da orla, por ser morador desta região.

Elsa Wachs e sua família chegaram na então Praia de Camboriú na década de 1950, quando abrem um bar chamado Camarão a Palito, na região central da Avenida Atlântica. Sobre o boi-de-mamão, ela recorda:

Ah tinha muito dos pescadores, né. Quando chegava a temporada de dezembro, janeiro e fevereiro, então os pescadores faziam aquele boi-de-mamão. Eles passavam muito na frente do nosso bar ali. A gente se divertia bastante. Era muito bacana.<sup>219</sup>

É interessante observar no relato anterior que, apesar do boi-de-mamão ser uma prática associada e organizada por um determinado grupo – os pescadores – envolvia também outros moradores da cidade, como Elsa Wachs, descendente de alemães, e os demais frequentadores de seu bar, que eram, provavelmente, moradores da Praia ou veranistas provenientes de lugares diversos. Contudo, essas práticas foram desaparecendo do cotidiano da cidade à medida que os pescadores (aqueles associados à esta celebração, segundo os entrevistados) foram sendo expulsos da Praia.

Como se vê, a foz do Rio Camboriú é um espaço que suscita diversos debates a respeito da cidade. As edificações que ocupam suas margens atualmente – tais como marinas, a passarela, a Igreja Santo

---

<sup>218</sup> MIGUEL, Olíndio. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 31 de outubro de 2006.

<sup>219</sup> WACHS, Elsa. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 05 de março de 2008.

Amaro, o Casarão Linhares, a Praça dos Pescadores, e edifícios residenciais próximos – possibilitam um debate sobre as práticas e usos do passado, mas também, para especulações futuras sobre as transformações que podem acontecer, e já estão ocorrendo, no espaço da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 72: Anúncio Empresa Auto Viação Catarinense, 1935. Fonte: Jornal Alvorada, Blumenau.

Foi durante uma pesquisa no Arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, no final da minha graduação em História, que encontrei, por acaso, o anúncio acima<sup>220</sup>. A propaganda me chamou atenção porque, durante os anos em que me formava enquanto historiadora, me desloquei, quase semanalmente, para o Terminal Rodoviário Rita Maria, no centro de Florianópolis, onde pegava um ônibus da Empresa Auto Viação Catarinense. O destino era sempre o mesmo: Balneário Camboriú. Num primeiro momento, fiquei surpresa. Não imaginava que aquela Empresa a qual fazia parte do meu cotidiano tinha tantos anos de existência. Nem sabia que a cidade que cresci atraía visitantes desde a década de 1930. E, então, fiquei curiosa: como era

<sup>220</sup> Cabeçudas é uma praia localizada na cidade de Itajaí, ao norte de Balneário Camboriú. Uma interessante dissertação, já citada neste trabalho, analisa o processo de formação deste balneário catarinense: FAGUNDES, Thayse. **Enseada de Cabeçudas**: a formação sócio-espacial do Balneário. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. UFSC: Florianópolis, 2014.

Balneário Camboriú nos anos 30? O que esses visitantes encontravam, faziam e viam ali? Como eram as casas? E as ruas? Quais delas existiam? E assim começou esta pesquisa.

Na verdade, percebo que as inquietações que levaram a esta dissertação surgiram bem antes disso. Minha família e eu nos mudamos para Balneário Camboriú em fins da década de 1990. Desde então, pude perceber as muitas e rápidas transformações que ocorreram no espaço desta cidade. Essas modificações despertaram minha curiosidade em investigar e compreender como se constituiu o espaço da orla marítima de Balneário Camboriú. Neste sentido, a escolha em fazer o mestrado no departamento de Arquitetura e Urbanismo se mostrou acertada. Isso porque me ensinou a desnaturalizar o espaço, e vê-lo enquanto um processo, em suas diversas transformações e permanências, e nas suas múltiplas relações com os homens e mulheres ao longo do tempo. Os professores, colegas, disciplinas e leituras me ensinaram a olhar novamente para aquele lugar tão comum e familiar. Posso afirmar que um novo olhar para o urbano foi criado, não apenas enquanto pesquisadora, mas enquanto cidadã.

De todos os desafios e dificuldades que envolveram a formação em um mestrado e a escrita de uma dissertação, devo dizer que redigir as Considerações Finais foi uma das mais difíceis. Para minha surpresa, justamente no momento em que a “linha de chegada” se mostrava, foram necessárias semanas para desenvolver esses pequenos parágrafos, haja vista a dificuldade em dar um ponto final na pesquisa.

Decidi finalizar pelo começo: fiz um esforço em recordar quando havia vislumbrado, pela primeira vez, a possibilidade de desenvolver esta pesquisa. Quando começou minha inquietação? E agora, que os capítulos estavam fechados e a pesquisa aparentemente “finalizada”, meus questionamentos tinham sido respondidos? Depois de ler e reler os capítulos, retomar os objetivos, pensar muitas vezes, cheguei a um veredito: sim, respondi minha pergunta – ainda que abrindo para várias outras.

Sim: ao observar a orla marítima de Balneário Camboriú enquanto um *lugar praticado*, foi possível investigar os diversos lugares urbanos que ali se constituíram ao longo do tempo, compreendendo de que forma ocorreu a ocupação deste *lugar*. Mas também, analisamos de que maneira este *lugar* se transforma em *espaço*, segundo Certeau, ao identificar várias *feituas do espaço*, ou seja, as vivências, memórias, relações e práticas sociais efetivadas neste local.

Constatamos que o desejo de estar à beira-mar – que, no caso de Balneário Camboriú, se intensifica nos anos 1950 – fez com que esta Praia

se tornasse um local do encontro de diferentes sujeitos. Dentre estes sujeitos, temos os pescadores, que há anos frequentam aquela Praia, em especial, como local de trabalho. A partir dos anos 1920, passaram a se relacionar com os visitantes teuto-brasileiros do Vale do Itajaí e, mais tarde, com pessoas estados e países vizinhos. Esses novos frequentadores da Praia trouxeram para a cidade diversos elementos de sua cultura, como, por exemplo, sua religião, arquitetura e idioma. Vimos que essas relações ocorriam, muitas vezes, em trocas comerciais e no compartilhamento de algumas práticas sociais, tais como o boi-de-mamão. No entanto, em alguns momentos, eram relações conflituosas e ressentidas, se considerarmos a questão da propriedade da terra. Se, por um lado, novos sujeitos passaram a frequentar a orla marítima, por outro, os pescadores foram sendo afastados deste local em um processo de gentrificação gradual, em virtude do encarecimento dos terrenos à beira-mar, que ocorre desde a chegada dos primeiros visitantes.

Ainda assim, em uma caminhada pela Praia Central de Balneário Camboriú nos dias atuais, não é difícil encontrarmos resquícios desta antiga prática: barcos, redes e tendas de pescadores são vistos em alguns pontos da orla marítima. A pesca parece ser uma das poucas práticas neste espaço de intensas modificações que se perpetua (ou resiste teimosamente). Isso está associado com o debate de Maurice Halbwachs, citado no Capítulo I: “ele [um grupo] resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas consequências. (...) Ele tenta se manter ou se reformar em um bairro ou em uma rua que já não são feitos para ele, mas estão sobre o lugar que era seu”<sup>221</sup>.

Contudo, onde estão as famílias que moravam nas proximidades da orla marítima antes da prática do veraneio? O próprio *Projeto Memória* não deixa isso claro, já que a maioria dos entrevistados são sujeitos que chegam ou passam a frequentar a cidade, especialmente, a partir dos anos 1940 e 1950, vindos de cidades vizinhas. Grande parte dos “pioneiros” definidos pelo *Projeto* são aqueles que vieram para a cidade motivados pelo veraneio. A história de Balneário Camboriú é contada especialmente a partir do momento em que visitantes começam a frequentá-la. No entanto, o núcleo inicial, a Freguesia do Bom Sucesso, é anterior, do início do século XIX. Ao que parece, o desejo de estar à beira-mar afastou seus primeiros moradores não apenas da orla, mas também da construção da história da cidade.

De todas as transformações que ocorreram neste espaço ao longo do tempo, a acelerada verticalização parece ter sido, e continua sendo, a

---

<sup>221</sup> HALBWACHS, Maurice, op. cit., p. 163.

mais marcante. Em pouco mais de cinquenta anos, significativos marcos da paisagem e importantes locais de convivência transformaram-se completamente, sendo substituídos por um único elemento urbano: os edifícios. Alguns desses locais são os hotéis, como, por exemplo, o Fischer e o Marambaia, recordados enquanto balizas espaciais, num momento em que eram as maiores edificações na praia. Esses estabelecimentos também significavam a convergência de diferentes pessoas, em especial, durante os *footings*.

De maneira semelhante, as lagoas são recordadas enquanto um significativo local de sociabilidade na praia, que serviam não apenas enquanto ligação entre o centro e o norte da orla, mas que também proporcionavam o sustento de muitos moradores. Com relação aos cursos d'água da cidade, temos a foz do Rio Camboriú, local que marca a ocupação inicial da cidade. Apesar de não ter sido aterrado como ocorreu com as lagoas, os muros de empreendimentos privados e públicos o isolam cada vez mais do cotidiano da cidade. Estes empreendimentos, como vimos, indicam intenções para Balneário Camboriú: espaços públicos sendo cada vez mais privatizados, e uma dita “cultura” que funciona mais enquanto um cenário a ser consumido pelos turistas.

Se atualmente, como coloca Danielski, a paisagem da orla marítima é marcada por uma homogeneidade de temporalidades<sup>222</sup>, quais seriam os marcos na paisagem de Balneário Camboriú hoje? Como pontua Josep Maria Montaner, toda coletividade necessita de alguns lugares arquétipos carregados de valores simbólicos. Se a cidade não os oferece, esses são criados pelos grupos sociais. Contudo, sempre são gerados novos espaços sagrados, símbolos de poder, como museus ou agências bancárias<sup>223</sup>. Seriam os edifícios esses novos símbolos de poder em Balneário Camboriú?

Vale lembrar o caso do balneário de Acapulco, no México. Tendo iniciado sua trajetória de centro turístico no início do século XX, Acapulco começa seu desenvolvimento maior na década de 1930. Com seus grandes hotéis, atraiu a presença e o investimento de grandes estrelas de Hollywood. Hoje, a crise mexicana, o surgimento de novos destinos turísticos, não tão explorados, com infraestrutura reluzente e moderna; a falta de segurança para os turistas; a má qualidade dos serviços; a poluição de sua baía e a sujeira de Acapulco, levaram a uma crise sem precedentes

---

<sup>222</sup> DANIELSKY, Marcelo, op. cit., p. 121.

<sup>223</sup> MONTANER, Josep Maria. **Modernidade Superada**: arquitetura, arte e pensamento do Século XX. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2001.



na hotelaria e na indústria de turismo da cidade<sup>224</sup>. Como vimos, desde o Plano Diretor de 1970, as intervenções no espaço público de Balneário Camboriú buscaram atender, especialmente, a demandas dos turistas e daqueles relacionados a este setor, e facilitou as ações do mercado imobiliário na cidade. Contudo, e quando a cidade deixar de ser atrativa para a indústria da construção civil e do turismo, como ocorre em Acapulco, o que será de Balneário Camboriú? Sobrará apenas a carcaça dos muitos edifícios vazios, agora, talvez, um símbolo da decadência?

Analisamos também o discurso da imprensa, da época em que os primeiros edifícios foram se instalando na orla marítima. Como vimos, a imprensa teve um papel fundamental em favor do mercado imobiliário, com um discurso que associava a verticalização com a modernidade, o futuro e o progresso, sem que houvesse qualquer questionamento a respeito deste descontrolado processo. O poder municipal, por outro lado, teve um papel essencial com relação a este tema, pois através de uma legislação sempre permissiva e altamente manipulada, incentivou a verticalização. O resultado disso no processo de construção de memórias sobre a cidade foi perceptível: a cidade antes do edifícios é recordada enquanto “vazia”, “morta”, ou então, um local em que “não havia nada”. Os edifícios se tornaram um elemento tão marcante que, antes deles se imporem na cidade, é como se esta não existisse: era outro local, não Balneário Camboriú.

Apesar das inúmeras transformações ocorridas na orla marítima de Balneário Camboriú ao longo do tempo – algumas delas, analisadas e debatidas neste trabalho – algo permanece o mesmo. Assim como nos anos 1930, Balneário Camboriú continua atrair visitantes para sua praia, agora completamente urbanizada. É certo que atualmente seus visitantes não são atraídos apenas pelo banho de mar (tanto é que o sombreamento da faixa de areia não parece afastá-los). Como visto no guia turístico citado na Introdução deste trabalho, esse local de lazer está muito associado ao consumo, com o extenso comércio, bares e restaurantes ao longo das Avenidas Atlântica e Brasil. Esses visitantes continuam sendo os mais diversos possíveis – desde o proprietário do luxuoso edifício à beira-mar, até os “farofeiros” de cidades vizinhas. Ainda que a orla dessa cidade tenha se transformado significativamente desde que o anúncio da Empresa Auto Viação Catarinense foi publicado em 1930, ela continua

---

<sup>224</sup> RIBEIRO, Gustavo; BARROS, Flavia. A corrida por paisagens autênticas: turismo e meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade. Série Antropologia. Brasília, 1994. Disponível em: <[http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Texto\\_GRibeiro.pdf](http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Texto_GRibeiro.pdf)>

sendo o principal local do encontro e do lazer de Balneário Camboriú, e que, certamente, suscita debates e reflexões, a serem desenvolvidas em futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

AMARAL E SILVA, Gilceia P. (Org). **Arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas**. Itajaí: Univali, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta M. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CASTRO, Milusa. **O público e o privado na configuração do espaço urbano em Balneário Camboriú**. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia.

CHARTIER, Roger. VI. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211 – 238.

CORRÊA, Isaque Borba. **Camboriú e Balneário Camboriú: história de duas cidades**. Balneário Camboriú: Editora do autor, 1985.

CORREA, Silvio Marcos de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde** – Mangueiras, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.-mar. 2010, p.165-184.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DANIELSKY, Marcelo. **Padrão arquitetônico e representação social na paisagem da beira mar de Balneário Camboriú – SC**. Dissertação

submetida ao curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

FAGUNDES, Thyse. **Enseada de Cabeçudas**: a formação sócio-espacial do Balneário. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. UFSC, 2014.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Revista de História [online], 2002, vol. 1, n. 5, p. 314-332.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FLORES, Heloisa Cristina. **A expansão dos imóveis de alto padrão ao sul e ao norte da orla de Balneário Camboriú**: uma crítica sobre a relação entre o estado e o mercado imobiliário na cidade. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, UFSC. Florianópolis, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JACQUES, Manoel Franklin. **Análise crítica do desenvolvimento urbano de Balneário Camboriú**. Monografia. Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, 1998.

LEE, Magda Starke. **Balneário Camboriú**: desenvolvimento de uma cidade litorânea. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para título de mestre em Geografia Humana. São Paulo, 1998.

SKALEE, Milena. **Construção e apropriação do espaço público**: estudo do traçado urbano do centro de Balneário Camboriú. Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura Cidade. Florianópolis, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996.

MARX, Murillo. **Cidade no brasil**: Terra de quem? São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1991.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, 4ª edição.

MONTANER, Josep Maria. **Modernidade Superada**: arquitetura, arte e pensamento do Século XX. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: **Esboços**. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, vol. 11, nº 11, 2004.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. **Revista Geosul**. Florianópolis, v. 18, n. 35, jan./jun. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, (15), abr. 1997.

\_\_\_\_\_. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol 1, nº 2, 1992.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, 14, 1997.

RIBEIRO, Gustavo; BARROS, Flavia. A corrida por paisagens autênticas: turismo e meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade. Série Antropologia. Brasília, 1994. Disponível em:

<[http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Texto\\_GRibeiro.pdf](http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Texto_GRibeiro.pdf)>

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

\_\_\_\_\_. História urbana: história na cidade? In: **Seminário da História da Cidade e Urbanismo**, v. 2, n.1, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 4ª edição.

## FONTES

### Informativos, Guias e Dossiês

#### Arquivo Histórico de Balneário Camboriú:

CHEDID, Luiz Carlos. **Projeto Memória**. Informativo. Balneário Camboriú, 1ª edição, s/d.

\_\_\_\_\_. **Projeto Memória**. Informativo. Balneário Camboriú, 2ª edição, s/d.

MARTINS, Lilian. **Parecer Técnico – Fundação Cultural de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú, 16 de agosto de 2007.

**Memória, Patrimônio, Informação**. Informativo do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Ano 01, edição n. 01, julho de 2006.

**Projeto Memória**. Dossiê organizado por Luiz Carlos Chedid. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú, s/d.

SILVEIRA JUNIOR, Norberto. **Álbum Fotográfico-Descritivo da Praia de Camboriú**. Camboriú, 1952.

**50 anos da presença luterana em Balneário Camboriú e Jubileu de Ouro da OESA Pioneiras**. Informativo. Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil, 12 de junho de 2006.

## **Entrevistas**

LINHARES, Elisangela. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza. Balneário Camboriú, 05 de novembro de 2015.

### **Arquivo Histórico de Balneário Camboriú:**

CHEDID, Luiz Carlos. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 19 de abril de 2006.

CORREA, Isaque Borba. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 23 de março de 2007.

FISCHER, Klauss. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 04 de julho de 2006.

GADOTTI, Antonio. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 06 de dezembro de 2006.

HERING, Gert. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 29 de maio de 2006.

KLEIS, João. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. *Projeto Memória*. Balneário Camboriú: 30 de maio de 2006.

MEIRINHO, Gilberto. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 01 de junho de 2006.

MAFRA, Olávio. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de abril de 2006.

MIGUEL, Olíndio. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 31 de outubro de 2006.

NITZ, Nelson. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 21 de junho de 2006.

NUNES FILHO, Osmar de Souza. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 10 de julho de 2006.

OSORIO, Remi da Silva. Entrevista concedida A Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 12 de julho de 2006.

PEREIRA, Iris de Souza. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de novembro de 2006.

PINHEIRO, Cassemiro Domingos. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 17 de julho de 2006.

PHILLIPS, Julia Asta. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 27 de maio de 2008.

ROSA, Carlos da. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 24 de setembro de 2007.

SILVA, Alvaro. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 02 de maio de 2006.

VICENTE, Maria da Cruz. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 10 de setembro de 2006.



WACHS, Elsa. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: 5 de março de 2008.

WOLF, Ary. Entrevista concedida a Elisangela Linhares. Projeto Memória. Arquivo Histórico de Balneário Camboriú. Balneário Camboriú, 06 de dezembro de 2006.

## **Leis**

### **Arquivo da Câmara dos Vereadores de Balneário Camboriú:**

**Lei nº 37/1966. Disciplina construções, ruas, loteamentos, muros, cercas, passeios, etc. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: de 09 de agosto de 1966.**

**Lei nº 55/1967.** Racionaliza denominação de ruas, avenidas e logradouros públicos da sede do município. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, em 20 de junho de 1967.

**Lei nº 62/1967.** Institui o Código de Posturas do município de Balneário Camboriú. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 10 de outubro de 1967.

**Lei nº 126/1970.** Cria Departamento de Turismo no Município e dá outras providencias. Balneário Camboriú, 09 de abril de 1970.

**Lei nº 128/1970.** Institui o Plano de Urbanização de Balneário Camboriú e suas normas ordenadoras e disciplinadoras e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 13 de abril de 1970.

**Lei nº 132/1970.** Proíbe comércio ambulante e dá outras providencias. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 22 de junho de 1970.

**Lei nº 171/1971.** Cria Conselho Municipal de Turismo. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 31 de dezembro de 1971.

**Lei nº 179/1972.** Dispõe sobre comércio ambulante. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú: 18 de maio de 1972.

**Lei nº 0358/1976.** Denomina praças públicas e dá outras providencias. Balneário Camboriú, 23 de abril de 1976.

**Decreto nº 2937/1998.** Tomba como Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico a Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil, e dá outras providencias. Balneário Camboriú, 03 de fevereiro de 1998.

**Decreto nº 1977/1998.** Tomba como patrimônio cultural, histórico e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso – Capela Santo Amaro, e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, 10 de setembro de 1998.

**Decreto nº 3007/1998.** Tomba como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bonsucesso – Capela Santo Amaro, e dá outras providencias. Balneario Camboriu, 10 de setembro de 1998.

**Decreto nº 2992/1998.** Tomba como patrimônio histórico, cultural e arquitetônico a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bonsucesso – Capela Santo Amaro. Florianópolis, 25 de junho de 1998.

## **Jornais**

### **Arquivo Histórico de Balneário Camboriú:**

ATHAYDE, Esmeralda. Vamos conservar a cidade limpa? **O Sol de Camboriú.** Balneário Camboriú, 22 de outubro de 1970, p. 2.

Audiência pública do Plano Diretor foi um desastre. **Página 3.** Balneário Camboriú, 26 de agosto de 2006, p. 5.

BARROS, Mariana. O que a Arábia Saudita e Balneário Camboriú tem em comum: os edifícios mais altos do planeta e do país. **Revista Veja.** In: <<http://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/arquitetura-2/predio-mais-alto/>> 24 de novembro de 2014. Acessado dia 10 de maio de 2016.

Balneário Camboriú acerta Plano Diretor. **O Sol de Camboriú.** Balneário Camboriú, 11 de junho de 1970.

Câmara aprovou novo Plano Diretor. **Página 3**. Balneário Camboriú, 16 de dezembro de 2006, p. 2.

Construção domina votações. **Página 3**. Balneário Camboriú, 26 de agosto de 2006, p. 5.

Com passarela, Prefeitura de Balneário Camboriú pretende valorizar cultura do bairro. **O Sol Diário**. Itajaí, 29 de abril de 2014. In: <[www.osoldiario.clicrbs.com.br](http://www.osoldiario.clicrbs.com.br)> Acessado dia 08 de junho de 2015.

CORREIA, Richard Lopes. BC que inspira: um resgate da vida noturna de Balneário Camboriú. **Jornal Página 3**. Balneário Camboriú, 17 de julho de 2015.

KANT, H. Uma cidade em ebulição. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 03 de dezembro de 1970.

JACQUES, Paola. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. **Observatório**. Itau Cultural, São Paulo: n. 5, abr/jun 2008, pp. 47 – 57.

LIMEIRA, Paulo. Código de Posturas. Casos e coisas. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 28 de maio de 1970, p. 2.

MARROQUINO, Julio. Cidade limpa – povo desenvolvido. **Jornal de Camboriú**. Balneário Camboriú, 3 de fevereiro de 1974.

\_\_\_\_\_. Querem acabar com a cidade? Casos e coisas. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 17 de setembro de 1970, p. 2.

MP denuncia 46 por envolvimento com fraudes em Balneário Camboriú. **G1**. In: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/08/mp-denuncia-46-por-envolvimento-com-fraudes-em-balneario-camboriu.html>> 12 de Agosto de 2015. Acessado dia 10 de maio de 2015.

NASCIMENTO, Juliana. Obras da passarela seguem a todo vapor. **Prefeitura de Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú, 09 de abril de 2014. In: <[www.balneariocamboriu.sc.gov.br](http://www.balneariocamboriu.sc.gov.br)> Acessado dia 08 de junho de 2015.

POZZO, Patrícia. Peritos confirmam que político de Santa Catarina foi assassinado durante a ditadura. **G1 Santa Catarina**. Florianópolis, 2 de junho de 2014. In: < <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/06/comissao-nacional-da-verdade-confirma-assassinato-de-higino-pio.html>> Acessado dia 02/02/2016.

Promotores investirão contra mudanças no Plano Diretor. **Página 3**. Balneário Camboriú, 21 de janeiro de 2006, p. 5.

Reconstrução de ruas e esgotos na nossa cidade. **A Voz do Litoral**. Balneário Camboriú, 5 setembro de 1970.

Revisão do Plano Diretor. **Jornal de Camboriú**. Balneário Camboriú, 24 de fevereiro de 1974.

SPAUTZ, Dagmara. Ampliação da faixa de areia de Balneário Camboriú é adiada. **Diário Catarinense**. 29 de dezembro de 2015. Disponível em: < <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/de-ponto-a-ponto/noticia/2015/12/ampliacao-da-faixa-de-areia-em-balneario-camboriu-e-adiada-4940420.html>> Acessado dia 13 de julho de 2016.

Tedesco Marina, padrão internacional para seu barco. **Perfil Náutico**. 16 de setembro de 2014. Disponível em: <[www.perfilnautico.com](http://www.perfilnautico.com)> Acessado dia 29 de maio de 2015.

VILLARINHO, Ricardo. Plano Diretor de Balneário Camboriú é irreversível. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 06 de agosto de 1970; LIMEIRA, Paulo. Plano Diretor. Casos e Coisas. **O Sol de Camboriú**. Balneário Camboriú, 06 de agosto de 1970.

### **Arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina:**

CYZAMA. Notícias do Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 01 dezembro de 1965, p. 5.

Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 17 dezembro de 1970.

CYZAMA. Notícias do Balneário Camboriú. **O Estado**. Florianópolis, 01 dezembro de 1965, p. 5.

Invasão argentina. **O Estado**. Florianópolis, 20 de janeiro de 1980, p. 16.

MACHADO, Zury. Acontecimentos sociais. **O Estado**. Florianópolis, 12 de janeiro de 1965.

STODIECK, Beto. Em cambu por uma sexta. E só!. **O Estado**. Florianópolis, 8 de janeiro de 1980.

## **ANEXOS**

### **ANEXO 1**

Exemplo de “Cadastro de Entrevista” e “Termo de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral e Imagem” utilizados em todas as entrevistas do *Projeto Memória*:



ESTADO DE SANTA CATARINA  
PREFEITURA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
ARQUIVO HISTÓRICO

PROJETO MEMÓRIA  
CADASTRO DA ENTREVISTA

Nome: Iris de Souza Pereira  
 Data de Nascimento: 01/9 setembro/1934 Estado Civil: viúva  
 Nacionalidade: brasileira Naturalidade: Itapema  
 Filiação - Pai: João Napoleão de Souza  
 - Mãe: Thermíria Pera de Souza  
 Marido/Esposa: Romão Pereira  
 Filhos: Romeo/João Carlos/Bilmar/Orni e Luiz  
 Profissão: do lar  
 Ativo (X) Aposentado ( )  
 Endereço: Rua: 1201 nº 432  
 Telefone: (47) 3366-1893

Razões da escolha do entrevistado e objetivo da entrevista:

- Viveu residindo em B.C. - 1942
- 1ª Residência na Barra - após 50 metros antes do Praça do Pescador - Rua Emanuel Rebelo dos Santos. Residência durante 1 ano!
- Em 1943 - Fixou residência na Barra dual ao lado da cateteria. IBIZA
- Catequista quase 20 anos na Igreja São Judas - São ...

Data da Entrevista: 27/11/2006

Entrevistador: Ulrich T. Linhares

### TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL E IMAGEM

Pelo presente documento, **OLÁVIO MAFRA CARDOSO**, brasileiro, casado, farmacêutico, portador da Carteira de Identidade nº 418-111.816 e CPF nº 102.521.699/92, residente e domiciliado na Rua 1.300, nº 303, Edifício Polares, Centro, Balneário Camboriú/SC, cede e transfere, neste ato, ao Arquivo Histórico da Fundação Cultural de Balneário Camboriú, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, a totalidade dos seus direitos de autor sobre sua voz e imagem (fotografia e audiovisual), contidos no depoimento oral prestado no dia 27 de abril de 2006, na cidade de Balneário Camboriú/SC, perante a pesquisadora Elisângela Vieira Linhares.

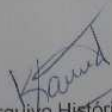
Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o Cedente, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito de exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento e imagem, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

Fica, pois, o Arquivo Histórico de Balneário Camboriú plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento e imagens, no todo ou em parte, editado ou integral, por prazo indeterminado e sem limites de território, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior, abdicando direitos seus e de seus dependentes, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à sua imagem e/ou voz ou a qualquer outro.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente termo em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Balneário Camboriú, 10 de julho de 2006.

Olávio Mafra Cardoso  
Cedente

  
Arquivo Histórico  
Fundação Cultural de Balneário Camboriú



**ANEXO 2**

Roteiro de entrevista utilizado nas entrevistas do *Projeto Memória*:



ESTADO DE SANTA CATARINA  
PREFEITURA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
ARQUIVO HISTÓRICO

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Até que série estudou? Qual o nível de formação?
- 2) Qual o nome da sua primeira professora? Comente sobre sua vida escolar?
- 3) Qual a escolaridade de seus pais? Qual a profissão deles?
- 4) Fale de sua infância e de sua adolescência no município ou bairro onde morava ou ainda mora?
- 5) Comente sobre sua vida familiar e profissional. Como foram acontecendo as coisas em sua vida: casamento, filhos...?
- 6) Como era a cidade ou viver em Balneário Camboriú nas décadas de 40, 50, 60, 70, 80, 90?
- 7) As ruas tinham estes nomes? E os bairros?
- 8) Quando os turistas chegaram a Balneário Camboriú? Como foi isso? Existiam hotéis, bares ou similares?
- 9) Existia algum tipo de farmácia, curandeiros ou rezadeiras na época?
- 10) E os partos, como eram realizados? Existiam parteiras?
- 11) Como era o comércio local?
- 12) Como era realizado o transporte, através de carros, ônibus...?
- 13) Os sepultamentos aconteciam de que maneira? Como era realizado o transporte dos caixões?
- 14) Existiam discriminações raciais ou religiosas na época?
- 15) Como eram realizados os serviços domésticos na época, como o de lavar roupas? Essa atividade era coletiva ou individual?
- 16) De que maneira a família se mantinha financeiramente?

Rua 2412, nº 111 – Centro – Fone: (47) 3264-5706  
Balneário Camboriú – SC – CEP 88330-440 – E-mail: arquivo@camboriu.sc.gov.br

BALNEÁRIO CAMBORIÚ – CAPITAL CATARINENSE DO TURISMO



ESTADO DE SANTA CATARINA  
PREFEITURA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ  
ARQUIVO HISTÓRICO

- 17) Um fato que tenha marcado a história de Balneário Camboriú?
- 18) Quem governava o município, como acontecia o processo de eleição? Quais eram os partidos políticos?
- 19) A família se reunia para ir à Igreja? Quais eram os programas dominicais na época?
- 20) Os primeiros moradores ou colonizadores vieram de onde? Quem eram eles?
- 21) Um fato mundial e um nacional que marcou a história da cidade?
- 22) Com a emancipação do município muita coisa mudou? Como o(a) Sr.(a) vê essa mudança, foi positiva ou negativa?
- 23) Lembra de alguma tradição folclórica? Festas religiosas?
- 24) O que eram os Pasquins? Como acontecia essa tradição? Trovas, lembra de alguma?
- 25) Ficou alguma saudade do tempo vivido?